

 **PDF Complete**
Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)



Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Mestrado em Lazer, Património e Desenvolvimento

Turismo Cultural e Religioso no Distrito de Coimbra:

*Mosteiros e Conventos:
Viagem entre o Sagrado e Profano*

Isabel Nunes Dias

Outubro 2010

 **PDF Complete**
Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)



Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Turismo Cultural e Religioso no Distrito de Coimbra:

***Mosteiros e Conventos:
Viagem entre o Sagrado e Profano***

Isabel Nunes Dias

Outubro 2010

Tese de Mestrado em Lazer, Património e Desenvolvimento,
Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra,
Sob a orientação do Professor Dr Norberto Pinto Dos Santos.

Aos Meus Pais,

À Minha Querida Irmã Sandra,

Aos Meus Avós,

Ao Simão,

À Ana Carolina, pela sua coragem,

Aos meus Amigos que me apoiaram,

Ao meu Orientador, o Professor Norberto,

A todos os professores de Mestrado,

À Coordenadora do Curso, Dra Fernanda Cravidão,

A Deusí .

A Nossa Senhora de Fátimáí

A ideia central que presidiu à escolha do tema a abordar no presente trabalho foi estudar o Património religioso e cultural no distrito de Coimbra, que poderia ser aproveitado para fins turísticos e culturais através da elaboração de um possível roteiro turístico-religiosa, interligando o Turismo religioso com o Turismo Cultural, que incidiria no desenvolvimento local do distrito.

Desde logo, decide-se destacar as igrejas, conventos, mosteiros, festas religiosas, etc., as mais interessantes e representativas do distrito da nossa ponte de vista, que poderiam contribuir para o desenvolvimento local deste.

No presente trabalho, os objectivos fundamentais são:

- Definir o Turismo Cultural e Religioso
- Tentar perceber a provável ligação/relação entre a religião e o turismo
- Reflectir sobre as origens, a história do Turismo Religioso
- Interligar o Turismo religioso e Turismo cultural
- Definir e Caracterizar o distrito de Coimbra a nível Geográfico
- Fazer o inventário do património religioso do distrito
- Considerar as igrejas com potencial turístico e cultural para o Desenvolvimento Local do distrito
- Destacar e apresentar os Mosteiros e Conventos na zona estudada interligando o sagrado com o profano.
- Elaborar um roteiro turístico, cultural e religioso, misturando o religioso e o profano.

Palavras-chave:

Turismo

Religião

Cultura

Turismo Religioso

Turismo Cultural

Desenvolvimento Local

Distrito de Coimbra

The central idea behind the choice of the topic to deal with in this work was to study the religious and cultural heritage existing in the district of Coimbra, which could be used for tourism and cultural purposes through the elaboration of a possible roadmap based on the religious attractions, linking the concepts of Religious Tourism and Cultural Tourism, with its implications upon the local development.

From the outset, we have decided to highlight the churches, convents, monasteries, religious events, choosing the most interesting and representative ones, that also have a contribution on the local development.

In this work, the fundamental ideas are:

- Defining Cultural and Religious Tourism
- Understanding the probable connection/relationship between Religion and Tourism
- Reflecting upon the origins and the history of Religious Tourism
- Intersecting Religious Tourism and Cultural Tourism
- Defining and to characterize the district of Coimbra at its geographical level
- Making an inventory of the religious heritage existing in the district of Coimbra
- Identifying the churches with touristic and cultural potential, needed for the local development
- Highlighting and to present the monasteries and convents in the studied area
- Suggesting a possible touristic route upon the Religious and Cultural Tourism in the district of Coimbra

Key Words:

- Tourism
- Religion
- Culture
- Religious Tourism
- Cultural Tourism
- Local Development

L'idée principale qui a permis le choix du thème que nous allons aborder dans ce travail est l'étude du patrimoine religieux et culturel de la région (*distrito*) de Coimbra, qui pourrait être utilisé pour l'élaboration d'un itinéraire touristique religieux, faisant le lien entre le Tourisme Religieux et le Tourisme Culturel, qui inciterait sur le développement local de la région.

Ainsi, nous avons décidé de mettre en évidence les églises, couvents, monastères, fêtes religieuses, etc. les plus intéressants et les plus représentatifs de la région, selon notre point de vue, qui pourraient contribuer au développement local de celle-ci.

Dans ce travail, les objectifs fondamentaux sont:

- Définir le tourisme culturel et religieux;
- Essayer de comprendre le probable lien, la relation qui existe entre la religion et le tourisme;
- Réfléchir sur les origines, l'histoire du tourisme religieux;
- Analyser le lien entre le tourisme religieux et le tourisme culturel;
- Définir et caractériser la région de Coimbra (*Distrito*) du point de vue géographique;
- Faire l'inventaire du patrimoine religieux de la région;
- Considérer les églises ayant un potentiel touristique et culturel favorable au développement local du *distrito* de Coimbra;
- Mettre en avant et exposer les monastères et couvents importants de la région;
- Élaborer un possible itinéraire touristique, religieux et culturel mélangeant le sacré et le profane.

Mots Clés:

Tourisme

Religion

Culture

Tourisme religieux

Tourisme Culturel

Développement Local

Distrito de Coimbra.

| | | |
|--|---|--------------|
| | í | . 10 |
| I. Património, Cultura e Turismo | í | 13 |
| 1.1 Património e Identidade | í | 13 |
| 1.2 Classificação dos diferentes tipos de património | í | 16 |
| 1.3 Património histórico e turismo: Uma construção social | í | 18 |
| 1.4 Turismo e cultura | í | ...19 |
| 1.5 O Turismo Cultural | í | 21 |
| 1.5.1 A Reciprocidade entre o Turismo e o Património Cultural | í | ...26 |
| 1.5.2 Tendências Futuras | í | 29 |
| 1.6 O Património como valor estratégico nacional e oportunidade de desenvolvimento | í | . 31 |
| | | |
| II. Turismo Religioso: História e Definição. | í | .. 34 |
| 2.1 Definição | í | 34 |
| 2.1.1 Turismo Religioso | í | 34 |
| 2.1.2 Peregrinação | í | 40 |
| 2.1.2.1 Síntese Histórica das Peregrinações | í | . 41 |
| a) ó Peregrinações Pré-Cristãs | í | . 41 |
| b)- Peregrinações Cristãs desde o início da Cristandade até ao século XVI | í | . 41 |
| c)- Do século XVI a meados do século XIX | í | . 42 |
| d)- As Peregrinações Cristãs do século XVI a meados do século XIX | í | 43 |
| e)- Motivações de Viagem dos meados do século XIX à actualidade | í | . 44 |
| f)- Peregrinações na Actualidade | í | . 45 |
| 2.2 Motivação para o Turismo Religioso | í | . 46 |
| 2.3 Espiritualidade humana no século XXI | í | 47 |
| 2.4 Emergência do Turismo Religioso | í | 50 |
| 2.5 O Território Religioso e a Geografia | í | 52 |
| | | |
| III Turismo Religioso: Património e Lazer | í | .53 |
| 3.1 A relação entre o Turismo e a Cultura | í | 53 |
| 3.2 O património religioso como ponto de encontro entre turismo religioso e turismo cultural- a relação entre religião e cultura | í | 54 |



PDF Complete

Your complimentary use period has ended. Thank you for using PDF Complete.

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

| | | |
|---------------------|--|---|
| | o de Coimbra e Proposta de um breve roteiro | ..89 |
| | so e Cultural do Distrito de Coimbra | í í í .. 105 |
| 5.9 | Descrição dos restantes Conventos e Mosteiros | í í í í í í í í í í í í í í í í 114 |
| Conclusão | | í 118 |
| Anexo 1 | | í 122 |
| Anexo 2 | | í 125 |
| Anexo 3 | | í 136 |
| Anexo 4 | | í 138 |
| Anexo 5 | | í 140 |
| Bibliografia | | í 143 |

Com o presente trabalho pretende-se efectuar um contributo sobre o modo como o Património, a Cultura e o Turismo, nas ópticas do Turismo Religioso e Turismo Cultural, são importantes no processo do desenvolvimento regional e local, no caso presente, na Região de Coimbra considerada no âmbito distrital.

Coimbra, uma das cidades mais antigas do país, é a capital do Distrito de Coimbra, a maior cidade da região Centro de Portugal. Está situada na subregião do Baixo Mondego e é uma Cidade historicamente universitária. Banhada pelo Rio Mondego, Coimbra tem 319,41 km² de área e cerca de 135 314 habitantes (2008)¹, subdividido em 31 freguesias. Além da sua importância histórica e excepcional posição geográfica, Coimbra também é referência nas áreas do ensino e da saúde. A sua Universidade é a mais antiga de Portugal e uma das mais antigas da Europa. O feriado municipal acontece a 4 de Julho, em memória da Rainha Santa Isabel, padroeira da cidade. Em 2003, foi Capital Nacional da Cultura. O Distrito de Coimbra é um distrito português, que pertence na sua maior parte à província tradicional da Beira Litoral.

É claro que para atingir os objectivos pré-determinados, há que falar nas diferenças e aproximações dos dois tipos de Turismo já referenciados, bem como definir conceitos fundamentais sobre o que é o Turismo Religioso, sobre em que consiste a definição de Património e de Lazer, a própria importância da Igreja Católica neste âmbito alargado, bem como falar do Turismo Religioso em Portugal, e, a sua importância no desenvolvimento do território, perguntando-nos se o nosso país terá futuro turístico na junção dos dois conceitos de Turismo. O Turismo Religioso provoca muitas deslocações a nível mundial. No entanto, os estudos desse são relativamente recentes.

Iremos então, numa primeira parte, abordar os conceitos de Património, Cultura e Turismo, interligando-os, abordando a importância da questão da identidade em relação ao património, classificando os diferentes tipos de património mas também analisando a reciprocidade do turismo e do património cultural.

¹ INE - *Mapas Temáticos - População residente - 2007.*

parta, focalizaremos-nos no tema principal desta dissertação, religioso, definindo este tipo de turismo e tentando contextualizá-lo na história bem como tentar perceber a sua ligação com o património e lazer.

Na quarta parte deste trabalho, desbruçaremos-nos sobre o Turismo Religioso, mais especificamente em Portugal, falando da religiosidade dos portugueses e dos mais importantes destinos turísticos religiosos no país.

Na última parte, falaremos do Turismo Religioso presente no Distrito de Coimbra, território estudado nesta dissertação, elaborando um roteiro turístico, cultural e religioso.

No que aos destinos turísticos diz respeito, a sua competitividade é, frequentemente, determinada pela sua capacidade em realçar a sua identidade, ou seja, as características que determinadas comunidades consideram como sendo suas. Apenas os âmbitos territoriais, que valorizam e desenvolvem os diferentes elementos que caracterizam e diferenciam tal identidade, terão capacidade para gerar no público externo uma imagem positiva, de forma a motiva-los a visitar e conhecer esses âmbitos. Contudo, não é suficiente uma identidade e imagem fortes para, imediatamente se, proporcionarem experiências turísticas competitivas. De facto, num panorama em que a procura turística é cada vez mais sofisticada e selectiva, a mesma exige produtos turísticos diferenciados e, logo, inovadores. Assim, o factor inovação torna-se igualmente essencial na determinação da competitividade turística de determinada região. A inovação e a especificidade de recursos aparecem como duas faces do mesmo processo. Ora é exactamente a necessidade de conhecer e entrar em contacto com estes recursos específicos que determina a procura da variedade e da diferença subjacente às actuais motivações turísticas. De facto, pode-se dizer um território, encarado como destino turístico, tem necessariamente de identificar, valorizar e promover os recursos que lhe são próprios, mobilizando-os de um modo inovador e, neste contexto, diferenciando-se de outros territórios, ganhando, assim, vantagens competitivas. É neste sentido que iremos tentar orientar este trabalho, valorizando os mosteiros e conventos mais interessantes do Distrito de Coimbra, com as suas respectivas imagens de marca associadas ao território.

Podemos afirmar que, efectivamente, o País pode crescer a nível económico desenvolvendo os conceitos de Turismo Cultural e Religioso, até porque com a visita de

, tanto nacionais como estrangeiros, não é de . Não obstante a conjuntura económica mundial, as receitas geradas por estas actividades são de considerar no futuro, bem como na actualidade. O futuro de um país faz-se todos os dias, com conceitos novos e utilizando todos os recursos que possam contribuir para melhorar o PIB (Produto Interno Bruto), permitindo-nos ultrapassar dificuldades passageiras, como é o caso actual do nosso País. Enterrar a cabeça na areia, o mesmo é dizer, não dar atenção aos problemas, às oportunidades, é prejudicial e fonte de, dificuldades e barreiras ao desenvolvimento de qualquer território.

É importante apostar no futuro, naquilo que apresenta uma qualidade superior ou seja, património histórico riquíssimo ubiquado pelo espaço e a necessitar de valor público através da sua colocação no mercado enquanto produto de consumo. Aliar o conhecimento deste património com a actividade religiosa, implícita no coração das gentes, contribuirá possivelmente para a resolução dos problemas económicos existentes.

A finalidade deste estudo é dar um contributo para a valorização do Turismo Religioso/Cultural, produto com procura garantida e em crescendo notório. (INE)

Tentaremos, como a presente investigação, avaliar a atracção turística dos mosteiros e conventos do Distrito de Coimbra em estudo, tentando mostrar as potencialidades que poderiam contribuir para o desenvolvimento e dinamização local. Esperar por milagres económicos, que nunca vêm, é adiar a estagnação económica que se segue.

Propomos uma enérgica política económica-financeira que destaque o que de melhor temos, ou seja, o povo generoso e acolhedor e toda a história circundante, que nos faz ser assim.

Humildemente, esta é a nossa intenção, e, esperamos chegar a bom porto com as singelas palavras que compõem esta tese.

1.1 Património e Identidade

O conceito de património está estreitamente ligado ao conceito de identidade. No plano pessoal, a identidade significa quem somos, a nossa personalidade, os nossos interesses e emoções. Distingue-nos dos outros, com o nosso nome e as nossas impressões digitais. No entanto, a identidade também pode ser partilhada, designando-se, neste caso, por identidade colectiva. As suas fronteiras são diversas e variáveis: vão do que está mais próximo, como a comunidade em que vivemos, o país a que pertencemos e a região ou o continente em que se integra, até à dimensão do nosso planeta. Assim, se consideramos a identidade nacional, partilhamos valores comuns tais como: a língua, os rituais, as crenças, os costumes e as tradições, a literatura, a gastronomia, etc.

LACOSTE (2003, p 300) define o património da seguinte forma:

õ Do latim õPatrimoniumö, herança do pai. Este termo designou durante muito tempo os bens de uma pessoa ou de uma família que os recebeu por herança e que, em princípio, os transmitirá aos seus herdeiros. A expressão õpatrimónio culturalö é hoje utilizada para designar, já não ao nível privado, mas colectivo, os monumentos e obras de arte como a língua (ou o dialecto) e as diversas formas de expressão artística. São mesmo considerados parte do património aspectos da paisagem humanizada que os intelectuais e cidadãos de uma cidade, de uma região ou de um país consideram um conjunto de valores que receberam dos seus antepassados, pelos quais devem velar, prevenindo tentativas de uma formização, sejam elas estatais ou económicas.ö

Observemos agora algumas das principais definições de *património* que a legislação europeia consagra². A algumas, por via da ratificação que as instâncias legislativas nacionais realizaram, Portugal está também obrigado. Vamos apresentar por ordem cronológica da sua aprovação original, que não coincide necessariamente com a ordem de adopção por parte de Portugal.

A *Convenção de Haia*, de 14 de Maio de 1954, destinada à *Protecção dos Bens Culturais em Caso de Conflito*, e realizada sob o patrocínio da UNESCO, definia logo no artigo primeiro, o que se deve entender por património cultural:

"Aux fins de la présente Convention, sont considérés comme biens culturels, quels que soient leur origine ou leur propriétaire:

² FERREIRA, Jorge A. B. *ó Direito do Património Histórico-Cultural. Cartas, Convenções e Recomendações Internacionais. Actos Comunitários*, CEFA, Coimbra 1998. Daqui citaremos os excertos da legislação.

bles, qui présentent une grande importance pour les biens culturels tels que les monuments d'architecture, d'art ou d'histoire, religieux ou laïques, les sites archéologiques, les ensembles de constructions, qui en tant que tels, présentent un intérêt historique ou artistique, les oeuvres d'art, les manuscrits livres et autres objets d'intérêt artistique, historique ou archéologique ainsi, que les collections scientifiques et les collections importantes de livres, d'archives ou de reproductions des biens définis ci-dessus;

b) Les édifices dont la destination principale et effective est de conserver ou d'exposer les biens culturels meubles définis à l'alinéa a) tels que les musées, les grandes bibliothèques, les dépôts d'archives, ainsi que les refuges destinés à abriter en cas de conflit armé, les biens culturels meubles définis à l'alinéa a);

c) Les centres comprenant un nombre considérable de biens culturels qui sont définis aux alinéas a) e b), dits «centres monumentaux».".

Parece então relevante o facto de aqui não só se incluírem as peças e os objectos mas também os próprios edifícios que albergavam as colecções e os conjuntos monumentais. Nessa época, a Europa recordava penosamente as destruições provocadas pelos bombardeamentos da 2ª Grande Guerra. Como poderemos analisar na segunda parte deste texto, este tipo de preocupações afectou também Portugal na década de 50, tendo levado inclusivamente à tomada de algumas medidas preventivas para o caso de eclodir nova guerra na Europa.

É também importante mencionarmos a *Convenção Europeia para a Protecção do Património Arqueológico*, datada de 1969 e a que Portugal aderiu em 1982. Logo no seu artigo primeiro define o que se deve entender por "*bens arqueológicos*": "(...) os vestígios e os objectos ou quaisquer outros indícios de manifestações humanas que constituem testemunho de épocas e civilizações, cujas principais fontes de informação científica são asseguradas por escavações ou por descobertas.". Esta definição parece-nos um pouco vaga...

Portugal adere à *Convenção para a Protecção do Património Mundial Cultural e Natural*, de 1972, apenas em 1979. O texto desta convenção define, separadamente, aquilo que se deve entender como património cultural e natural:

"ARTIGO 1º

Para fins da presente Convenção serão considerados como património cultural:

Os monumentos. - Obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos. - Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem, têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

do homem, ou obras conjugadas do homem e da locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

ARTIGO 2º

Para fins da presente Convenção serão considerados como património natural:

Os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico;

As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação;

Os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, conservação ou beleza natural."

Estamos perto dos aspectos defendidos pela legislação portuguesa do início do século e acrescentado na década de 60 com as observações introduzidas pelo *Regulamento Geral do Museu de História, Arte e Arqueologia*.

Na *Carta Europeia do Património Arquitectónico* (Amesterdão, Outubro de 1975), ficou definido que *"O património arquitectónico europeu é formado não apenas pelos nossos monumentos mais importantes mas também pelos conjuntos que constituem as nossas cidades antigas e as nossas aldeias com tradições no seu ambiente natural ou construído."*

Portugal adere em 1991 à *Convenção para a Salvaguarda do Património arquitectónico da Europa*, elaborada já em 1985:

"Para os fins da presente Convenção, a expressão «património arquitectónico» é considerada como integrando os seguintes bens imóveis:

1) Os monumentos: todas as construções particularmente notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, incluindo as instalações ou os elementos decorativos que fazem parte integrante de tais construções;

2) Os conjuntos arquitectónicos: agrupamentos homogéneos de construções urbanas ou rurais, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, e suficientemente coerentes para serem objecto de uma delimitação topográfica;

3) Os sítios: obras combinadas do homem e da natureza, parcialmente construídas e constituindo espaços suficientemente característicos e homogéneos para serem objecto de uma delimitação topográfica, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico."

A *Charte Internationale pour la Gestion du Patrimoine Archéologique* (ICOMOS, 1990) define claramente o que é o património arqueológico:

"Le «patrimoine archéologique» est la partie de notre patrimoine matériel pour laquelle les méthodes de l'archéologie fournissent les connaissances de base. Il englobe toutes les traces de l'existence humaine et concerne les lieux où se ont exercées les activités humaines quelles qu'elles soient, les structures et les vestiges abandonnés de

As preocupações com a defesa dos bens culturais que surgem na legislação portuguesa no período da República, depois herdadas pela Ditadura Militar e pelo Estado Novo e por este usadas com fins de propaganda nacionalista, construíram um *corpus* legislativo que, se aplicado na íntegra, teria de facto preservado o património nacional, dentro de um quadro que não muito se afastaria do que esta legislação europeia permite entrever.

1.2 Classificação dos diferentes tipos de património

A convenção da UNESCO (*Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, em 1972*) agrupa os bens do património em:

- património cultural e património natural
- património móvel e imóvel
- património tangível e intangível

Os sítios arqueológicos, as cidades históricas, os locais sagrados (igrejas ou mosteiros), os monumentos, os castelos, etcí pertencem ao património cultural. As paisagens naturais (florestas, rios, montanhas, costas marítimas ou cascalhas por exemplo) pertencem ao património natural.

Ao património cultural móvel correspondem todos os bens que podem ser transportados, tais como: os objectos, as obras de arte, o artesanato, etc.

Todos os exemplos dados correspondem ao património tangível, ou seja, são bens que podem ser trocados. Os bens classificados como património intangível, não são palpáveis (as canções, as lendas, as rimas, o folclore, os provérbios...)³

Existem em Portugal alguns monumentos que, pelas suas características únicas, ou de grande relance artístico, arquitectónico, histórico, natural, cultural ou paisagístico alcaçaram a atribuição por parte da UNESCO do Galendes de Património Mundial. É o caso do Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém em Lisboa, o Mosteiro de Batalha e de Alcobaça, o Centro histórico de Évora, de Guimarães e o do Porto, o Convento de Cristo em Tomar, o Alto Douro Vinhateiro, o Centro Histórico de Angra do Heroísmo

³ www.unesco.pt

o: Uma Construção Social

A Convenção da UNESCO de 1972, Artigo 1º considera como Património Cultural:

Os monumentos ó Obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos ó Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os locais de interesse ó Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

O Património Histórico refere-se a um bem móvel, imóvel ou natural, que possua valor significativo para uma sociedade, podendo ser estético, artístico, documental, científico, social, espiritual ou ecológico.

O Património Histórico e Cultural são uma construção social do tempo da história.

õQuanto ao envolvimento do turismo nas questões patrimoniais, este pode desempenhar dois papéis antagónicos: o de agente que auxilia na manutenção e preservação de uma cultura; ou perpetrador de um monumento eleito como õ excepcionalõ para uma sociedade, o que pode representar uma total descaracterização dessa cultura.õ (BRANCO, p 1).

Este conceito tem a ver com a envolvimento da própria sociedade na manutenção do património em sentido lato o que implica a necessidade de ter sempre presente que o património não pode ser, simplesmente, entregue a si mesmo sem a envolvimento das partes que têm como incumbência a preservação do mesmo.

Segundo a autora Françoise Choay (2002, p11), *õEm nossa sociedade errante, constantemente transformada pela mobilidade e ubiquidade de seu presente, õpatrimónio históricoõ tornou-se uma das palavras-chave da tribo mediática. Ela remete a uma instituição e a uma mentalidade.õ* Claro que este conceito vem confirmar o que foi dito anteriormente na citação referida por Branco.

Os estudos sobre Património Cultural, hoje estão amplificados a muitas perspectivas: território, ambiente, museologia, político-administrativa, didáctica,

o. Ao longo da história desenvolveu-se a ideia de o momento cultural e o contexto social, assim os conceitos, digamos, sofreram uma ampliação. Aguirre considera que, numa primeira fase, a palavra Património se referia, quase exclusivamente, ao artístico, aplicando-se aos produtos humanos caracterizados pelo sublime (Herskovits 1964, em Aguirre 1997) como uma manifestação da capacidade de criação estética de uma cultura (a Igreja, a nobreza, a burguesia). Pode-se observar a tendência ainda hoje no contexto português dessa representação, onde as obras produzidas por classes consideradas populares não reuniam condições para serem consideradas como Património. É importante de realçar a importância das autarquias no desenvolvimento da marca territorial, mas também do IGESPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico), que gere e valoriza o património: *o IGESPAR, IP. tem por missão a gestão, a salvaguarda, a conservação e a valorização dos bens que, pelo seu interesse histórico, artístico, paisagístico, científico, social e técnico, integrem o património cultural arquitectónico e arqueológico classificado do país*.⁶

1.4 Turismo e Cultura

A actividade turística pode ser considerada como vector de crescimento e de desenvolvimento em determinadas localidades. Para isso, tem de se adoptar políticas de inclusão. Dentro desta perspectiva, têm de se procurar alternativas de desenvolvimento que atendam aos interesses de comunidades que possuem potencialidades para o turismo, valorizando os seus patrimónios. Com efeito, o património constitui um benefício que gera actividade turística e desenvolvimento local e/ou regional e /ou nacional. O património cultural pode então ser utilizado para esse efeito mas exige uma utilização equilibrada.

o Segundo Ashworth (1995) a relação entre turismo e cultura pode materializar-se de três grandes formas (por ordem decrescente de intensidade).

A primeira forma de relação entre o turismo e cultura estabelece-se entre o turismo e a arte consubstanciada no designado turismo de arte. (í).

A segunda estabelece-se entre o turismo e o património monumental assente no designado turismo patrimonial/turismo de património. (í)

A terceira estabelece-se entre o turismo e um lugar específico. (HENRIQUES, 2003, p 47).

⁶ www.igespar.pt

de ou um país, sem intenções de visitas a sítios para conhecer a vivência e cultura da cidade ou país (através da gastronomia ou festas por exemplo). Turismo de arte, Turismo de património e, Turismo de um lugar específico são conceitos de turismo que merecem ter o destaque que o autor bem frisa.

Passemos agora à definição de Cultura em sentido lato, começando por uma definição de Luigi Schiavo que diz:

Define a identidade coletiva dos povos. É nela que se expressam a visão do mundo, da vida, do sofrimento, da morte, assim como as suas tradições, os hábitos, os costumes, a língua, etc. A cultura é como uma roupagem que cada um veste quando nasce ou a lente dos óculos com os quais ele enxerga a vida. Muda a partir do lugar do nascimento, assim como pelos conhecimentos que serão adquiridos e as experiências que a vida vai proporcionar. (SCHIAVO, (s.d.), p. 1).

Para definirmos a relação entre religião e cultura vamos utilizar de novo um conceito definido por Schiavo, *A cultura e a religião contribuem para a criação de um sistema de significados, valores e na afirmação da identidade colectiva de um povo. O contacto com povos diferentes representa um grande desafio para a manutenção do que é típico e específico de um povo, com a sua cultura, tradições, religião.* (SCHIAVO, (s.d.), p. 1).

Pode-se dizer que a relação entre a cultura e o turismo se fundamenta em dois pilares:

- o primeiro é a existência de pessoas motivadas em conhecer culturas diversas;
- o segundo é a possibilidade do turismo servir como instrumento de valorização da identidade cultural, da preservação e conservação do património, e da promoção económica de bens culturais.

Existe, sem dúvida uma relação entre o local e o global. Sabemos que, dando como exemplo o caso de Fátima, a maioria das pessoas não conhecem, nem que seja apenas o nome e aproximadamente de que se trata. Não obstante as pessoas fazem questão de deslocar-se pessoalmente, pelo menos uma vez a esse tal sítio, para experimentar.

Outro ponto que achámos importante: o Turismo Cultural está estreitamente ligado aos centros históricos:

A distribuição espacial dos principais recursos turísticos tende a estar concentrada fundamentalmente em cidades detentoras de vestígios medievais e renascentistas. A concentração de atracções culturais encontra-se então prioritariamente nas cidades importantes que datem, pelo menos, dos séculos XIV e XVI. (HENRIQUES, 2003, p 53, 54).

em revelar a importância destes locais perdidos no
riqueza do património é relevante neste tipo de

conceitos.

Novos investimentos, muitos relacionados com o turismo, tal como lojas de recordações, de artesanato, restaurantes e cafés, etc. vieram desenvolver as cidades:

« (i) Trouxeram uma nova vida a muitos bairros históricos. Com o turismo vieram as acções de valorização e embelezamento paisagísticos, as obras de beneficiação e conservação dos edifícios, o investimento no mobiliário urbano e a melhoria das condições de circulação. » (HENRIQUES, 2003, p 55).

Ainda, « o crescente interesse dos turistas pelos valores patrimoniais, históricos e culturais veio contribuir para se dar ênfase às medidas de conservação e salvaguarda do património arquitectónico, promovendo não só o alargamento da sua área de incidência, dos monumentos ao conjunto do tecido urbano mais antigo, mas também a avaliação dos esforços nelas dispensados; mais do que o custo social, este tipo de acções passou a representar um investimento. » (HENRIQUES, 2003, p 55).

Como referimos anteriormente é verdade que a conservação dos locais com interesse turístico/cultural, vem dinamizar a riqueza de qualquer cidade que tenha este tipo de património.

1.5 O Turismo Cultural

« Si l'Europe était à recommencer, je commencerais par la culture »

Jean Monet

Pode-se situar a origem da relação turismo e cultura no *Grand Tour* europeu, *« que era uma viagem de formação (e iniciação) dos nobres e burgueses com o objectivo de contactar com outros povos e culturas, criando assim um capital cultural que lhes serviria para ser melhor aceite no seu próprio país e investir nas tarefas de liderança e governança. » (PÉREZ, 2002, p.108)*, quando os aristocratas e mais tarde a burguesia viajavam principalmente para contemplar monumentos, ruínas e obras de arte dos antigos gregos e romanos mas também nas viagens de investigação científica, onde foram explorando o mundo e dando a conhecer territórios mais extensos, coisas exóticas, insólitas, novas plantas, etc. Desses tempos até à actualidade, a cultura continuou sendo uma das principais razões para a viagem. Com o tempo, modificou-se, porém, a maneira como os turistas visitam atractivos turísticos culturais. Mas, a antiga

civilização ampliou-se e passou a incluir todas as LACOSTE, 2003).

Efectivamente, apesar do turismo cultural ter deixado de ser uma forma de turismo òreservadaõ as pessoas com um capital cultural específico, algumas das experiências daqueles turistas do passado são, em certa medida, comparáveis às dos turistas culturais actuais (MALKIN, 1999,p 24-25).

De acordo com dados da Organização Mundial do Turismo (OMT) em 1995,37% das viagens foram definidas como culturais, o que representa 199 milhões de pessoas. Em 2004 e segundo a OMT 40% das viagens foram culturais, o que representa 305 milhões de pessoas. Estes cálculos apresentam uma definição muito alargada de turismo cultural, mas as investigações da ATLAS ⁷ demonstram que o turista que viaja por motivações estritamente culturais está entre 5 e 8% do total do mercado turístico, o que representa cerca de 60 milhões (PÉREZ, 2002, *apud* Richards, 2004).

Com a revolução industrial e a melhoria dos transportes e das estradas, diminuíram-se as distâncias como também desenvolveu e ordenou adistinção entre tempo de trabalho e tempo de lazer, estabelecendo, deste modo, o tempo de férias. Foi na metade do século XIX que surgiu nasceu uma indústria turística que inclui agências de viagens, guias, hotéis, itinerários, etc. Três figuras foram chave neste Processo (PÉREZ, *apud* Malkin, 1999)

Todos os povos são detentores de cultura e o uso dessa para a actividade turística deve ser incentivada como estratégia de preservação do património, em função da promoção de seu valor económico. ⁸

Claude Origet du Cluzeau define o Turismo Cultural como *õun déplacement (dõau moins une nuitée) dont la motivation principale est dõélargir ses horizons, de rechercher des connaissances et des émotions au travers de la découvertes dõun patrimoine et de son territoire* ». (DU CLUZEAU, 2000, p.3) No entanto, este pensa que se pode incluir o turismo desportivo ou balnear nesse turismo cultural que ele tentou defender com o facto de actuarem em sequências culturais. Sendo assim, Claude Origet du Cluzeau acrescenta à definição o seguinte: *õle tourisme culturel est une pratique culturelle qui nécessite un déplacement ou que le déplacement va favoriser.õ* (P.3/4) Já para Pérez (2002), o Turismo Cultural apresenta-se como uma alternativa ao turismo de Praia e Sol, face ao turismo convencional, e que *õpode ser entendido como*

⁷ www.geocities.com/atlasprojecto2004

⁸ Institutional.turismo.gov.br (p.16)

pelo que fala rem õturismo culturalö é uma

Não existe uma única definição aceite por todo o mundo e, além disso, dispõe-se de poucos dados sobre esse mercado.

Segundo Agustín Santana Talavera da Universidade de La Laguna, España, õ*El turismo cultural es concebido como una forma de turismo alternativo que encarna la consumación de la comercialización de la cultura. Elementos escogidos de cualquier cultura pasan a ser productos ofertados en el mercado turístico*ö.

Quanto a Diana Guerra Chirinos entende o Turismo Cultural õ*como aquele segmento do mercado turístico que oferece ao visitante um conhecimento mais profundo de outras culturas, costumes e tradições, outras formas de viver e de entender o mundo. Oferece um contacto mais quotidiano e próximo do comportamento cultural de outras populações*ö (CHIRINOS, 2003)

A OMT (Organização Mundial do Turismo), por meio da Carta Cultural do Turismo estabeleceu que õ*o Turismo denominado cultural é originado pelo desejo de visitar e conhecer as diversas manifestações dos patrimónios natural, histórico-monumental e cultural propriamente dito das regiões e países que integram o planeta*.

Temos que abordar a importância do Património Imaterial, não õvisívelö mas de um extremo valor. As festas, tradições, costumes e valores fazem parte do património de cada país. A UNESCO, na Convenção para a Salvaguarda do património Imaterial (13 de Outubro de 2003) define o Património Imaterial da seguinte forma:

“Artigo 2.º: Definições

*Entende-se por õpatrimónio cultural imaterialö as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões ó bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados ó que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interacção com a natureza e da sua história, incutindo-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana. Para os efeitos da presente Convenção, tomar-se-á em consideração apenas o património cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais existentes em matéria de direitos do homem, bem como com as exigências de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos e de desenvolvimento sustentável*ö⁹

Esta convenção tem como finalidade:

⁹ www.unesco.pt

nisio cultural imaterial;

- O respeito pelo património cultural imaterial das comunidades, dos grupos e dos indivíduos em causa;
- A sensibilização, a nível local, nacional e internacional, para a importância do património cultural imaterial e do seu reconhecimento mútuo;
- A cooperação e o auxílio internacionais.¹⁰

Vejamos como Richards expõe os os turistas õculturaisö: *õLa gente con un nivel educativo alto tiende a consumir más cultura, y no solo alta cultura, sino también cultura popular.ö* (RICHARDS, s.d, p.4).

Segundo a autora Françoise Choy, O Turismo Cultural teria três tipos de clientes: os especialistas de um tema, fortemente motivados, os clientes muito motivados mas sobretudo sobre os temas da cultura e os clientes ocasionais, curiosos. Existem factores explicativos que determinam a procura de Turismo; quanto ao Turismo Cultural, a principal motivação é a combinação de ambiente, cultura local e história. As pessoas querem aprender algo durante a visita, especialmente sobre o carácter único do lugar que estão a visitar. O Turismo Cultural tem custos mas, para os mais instruídos, este tipo de despesas é prioritário. *õExplorarö* outras culturas é, sem dúvida uma das motivações mais importantes dos turistas culturais.

Uma das principais causas do crescimento do Turismo Cultural nestas últimas décadas tem sido o crescimento dos índices da Educação Superior. Os visitantes em geral e os turistas culturais têm um nível educativo mais alto. Mais da metade tem algum tipo de estudos superiores, comparado com aproximadamente um terço do total da população da União Europeia. *õParece que el turismo cultural se está convirtiendo en un producto de vivencia, em que la visita se julga em función de todas las características del lugar e no solo por su valor cultural.ö* (RICHARDS, s.d, p.5). a principal motivação para a procura desse tipo de turismo é a combinação do ambiente, da cultura local e da história. As pessoas querem aprender algo durante a visita, especialmente sobre o carácter único do lugar que estão a visitar.

O Turismo cultural perdeu a predisposição de sinal social tal como o refere PÉREZ, *õO Turismo cultural deixou de ser uma forma de turismo antes reservada a pessoas com um capital cultural específico, mas algumas das experiências de aqueles*

¹⁰ www.unesco.pt

A motivação principal e actividades respectivas do *Touring* são *õdescobrir, conhecer e explorar os atractivos de uma regiãoö e õpercursos em tours, rotas ou circuitos de diferente duração e extensão, em viagens independentes e organizaçõesö (p.9).*

-Existem dois tipos de mercado:

- O *Touring* genérico, que constitui 90% das viagens

- O *Touring* temático (focalizado num tema particular), constitui cerca de 10% do total de viagens do *touring*.

O *Touring* representa cerca de 44 milhões de viagens internacionais por ano na Europa ou seja 18% do total das viagens de lazer dos Europeus. Este sector está a crescer entre 5 e 7 % por ano. Em Portugal, 25% dos turistas que se deslocam a Portugal vêm com conhecer a vertente cultural do país. (Dados de Turismo de Portugal). O *Touring* está incluído no PENT (Plano Estratégico Nacional de Turismo), sendo um dos produtos estratégicos para o desenvolvimento do Turismo em Portugal. Com efeito, o *Touring Paisagístico e Cultural* é o segundo produto mais procurado em Portugal pelos turistas estrangeiros. (BARROSANIS¹¹). Segundo os resultados do *õEuropean Travel Monitorö* de 2004, a Itália e a França são os principais mercados emissores deste tipo de turismo, seguidos imediatamente pela Alemanha e Reino Unido.

A oferta do Turismo Cultural é variada. O Turismo Cultural ocasional (máximo 50 km do sítio da vilegiatura) é hoje situado entre o intelectual e a afectividade. Existem também as férias sem objectivo cultural, são efectivamente indivíduos que escolhem actividades culturais, segundo a vontade, humor e dinheiro. A nível do património material, existem lugares consagrados: museus, sítios de memória, sites arqueológicos, sites de Turismo Industrial, parques e jardins, as próprias cidades (onde se encontram elementos de património civil), aldeias, etc.

Quanto ao património imaterial, podem destacar-se os festivais, os espectáculos regulares, as feiras e festas locais, os mercados, os eventos pontuais, etc.

As principais componentes da oferta do Turismo Cultural são os alojamentos e os transportes. Os prescritores da oferta deste são os viajantes ou agências de viagem, os motoristas (os quais desempenham um papel importante nas saídas e viagens com tema

¹¹ *õTouring Cultural e Paisagístico ö* in <http://barrosanis.blogs.sapo.pt>

s de viagem especializadas no fornecimento de
tinação (com os pacotes individuais por exemplo) e
o itinerário e o guia turística (com um papel importantíssimo).¹²

Portanto, o turismo cultural vende cultura e património cultural (como verdadeiras mercadorias) e, desta forma, *o binómio cultura-turismo é o resultado dos processos de mercantilização e reificação da cultura e do património cultural. A produção de turismo cultural está impulsionada por empresas, sociedade civil e políticas estatais, regionais e locais que integram o local na economia e na política globais.* (PÉREZ, 2002, p.109).

No entanto, o turismo cultural pode, obviamente ser pensado como uma actividade de lazer e prazer.

Vejámos as várias potencialidades do turismo cultural, referenciadas por PÉREZ (2002) que resume basicamente o que foi dito anteriormente:

- O turismo cultural como experiência psicosocial;
- O turismo cultural como processo de mercantilização da cultura (acima referido);
- O turismo cultural como curiosidade e aprendizagem (faz-se turismo cultural porque se quer ver e aprender com este);
- O turismo cultural como fuga para o outro (fugir também um pouco do quotidiano e da rotina);
- O turismo cultural como peregrinação moderna;
- O turismo cultural como procura de atracções histórico-culturais;
- O turismo cultural como indústria de representações de cultura;
- O turismo cultural como uma forma específica de viajar;
- O turismo cultural como modo específico de consumo de cultura (cultivamo-nos através da cultura).

1.5.1 A Reciprocidade entre o Turismo e o Património Cultural

O Turismo surge como uma possibilidade de reencontro, de fantasia, de descanso e de felicidade. Desta forma o homem sai em busca de existência enquanto ser, longe de tudo que pode significar um tempo que não seja o tempo autocondicionado, portanto, um tempo construído por ele mesmo. (MUNNÉ, 1980).

O Homem dos nossos dias tem tendência a procurar lugares que o fascinam e que prefere. Neste contexto, surge-nos uma incontornável referência ao Património cultural. Na verdade, o que interessa ao fenómeno do turismo são os aspectos mais

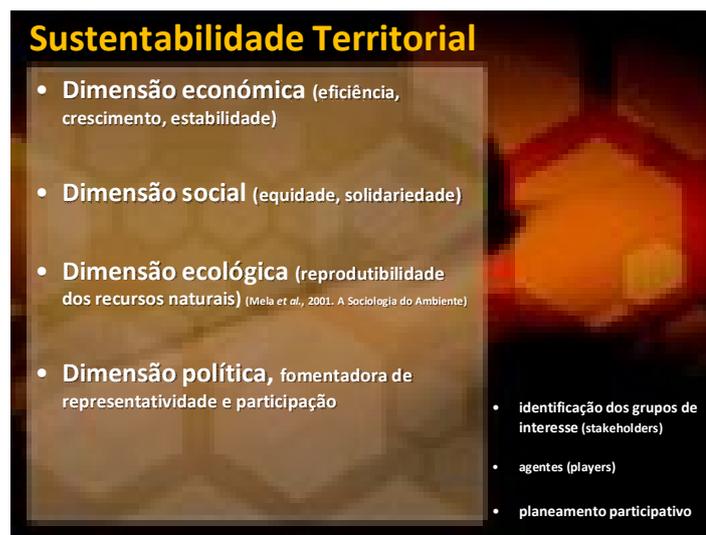
¹² www.unesco.pt

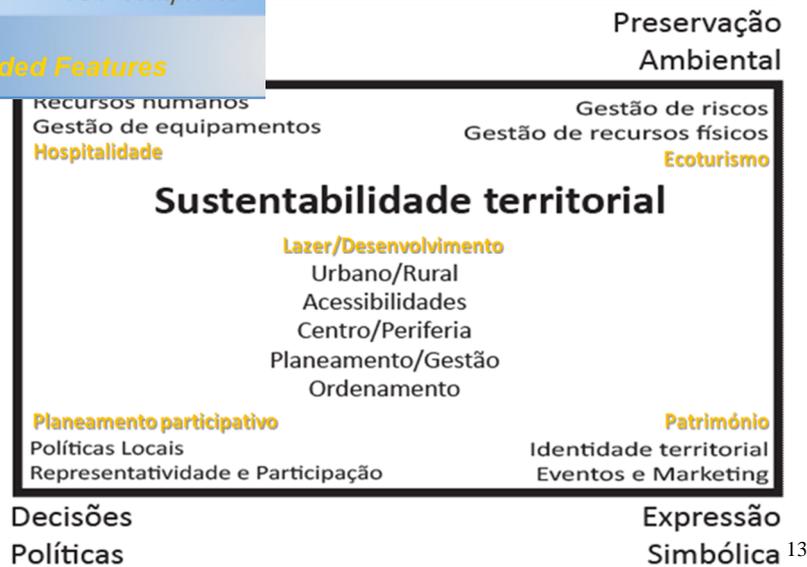
mais autêntico da sua gente e o que de mais original sua carga simbólica, ainda que isto possa parecer estranho e não soar muito bem à estética da globalização. No entanto, é imperativo limitar a acção do turismo para que os lugares e as suas culturas se mantenham íntegras. Somos remetidos ao conceito de turismo sustentável.

De forma sustentada, o lazer e o turismo poderão ser um meio de fluir dois princípios: um assente no reencontro com a natureza e com a autenticidade que lhe está associada e tende a tirar proveito dos recursos, explorando-os numa óptica económica; outro assente em preocupações de ordem ambiental e ecológica, com o fim da conservação e protecção da natureza, bem como dos seus diversos ambientes como um trunfo a valorizar. Neste sentido, e como diria Soares (1993), muito dificilmente outra actividade conseguirá, tão largamente, *õconjugar o económico e o social, harmonizar a produção de bem-estar com a conservação da natureza e lançar actividades ó económicas, sociais, e culturais ó que, em simultâneo, possam ser economicamente viáveis, socialmente justas e ecologicamente sustentáveis*.

Aqui vão duas figuras interessantíssimas que esclarecem o que poderá ser a sustentabilidade territorial, bem como as suas várias dimensões.

Figura 2: Sustentabilidade territorial





É verídico que o turismo tem proporcionado a determinadas localidades alguns problemas como:

A destruição de espécies animais e vegetais

ÉAs poluições atmosférica, sonora, dos rios, praias, lagos, etc.

ÉA aculturação da população nativa, que se deixa influenciar por novos costumes e valores, e acaba por abandonar as actividades tradicionais (pesca, artesanato e agricultura) para trabalhar no sector turístico, geralmente em funções mal remuneradas dada a sua baixa escolaridade; descaracterização do artesanato, que passa a incorporar gostos dos visitantes; e, alterações nos valores morais, através do estímulo à prostituição, ao uso de drogas etc.

ÉInterferência nos valores sociais e até mesmo mudanças no modo de falar e vestir ocasionando uma interferência negativa no maior bem para o turismo e para sua comunidade: o valor local, o facto de se ser nativo no quotidiano, portanto, o seu património (FERREIRA, 2002)

Assim como cidadania e cultura formam um par integrado de significações, da mesma forma, cultura e territorialidade são, de certo modo, sinónimos. A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido através do processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas

¹³ SANTOS Norberto e Fernanda Cravidão, *Geografia Física e Turismo. De uma convivência escondida a uma relação assumida*. VI Seminário Latino-americano de Geografia Física, II Seminário Ibero-Americano de Geografia Física, Coimbra, 2010. (no prelo)

sciência de pertencer a um grupo, do qual ela é o

Segundo esta linha de raciocínio, cada lugar é definido por sua própria história, ou seja, pela soma das suas influências acumuladas, provenientes do passado, e dos resultados daquelas que conservam uma maior relação com as forças do presente e continuam a dar suporte ao desenvolvimento de um grupo, comunidade ou etnia.

A sociedade é representada pelo seu Património, através do qual ela mesma se mostra. Está representada através da ideologia, cultura, religião, instituições, organizações e território, tudo o que representa o resultado das forças activas dos seus membros. Por tudo isto, para o desenvolvimento de qualquer actividade e, principalmente, do turismo, todas as manifestações de Património Cultural devem ser preservadas e respeitadas.

1.5.2 Tendências Futuras

A interpretação tornou-se fundamental, nomeadamente com a criação dos Centros Interpretativos (elaborados para poder perceber). Interpretar e Promover são duas formas possíveis de conseguir conquistar o público, com profissionalismo, boa organização, anúncios que possam chegar a mercados longínquos. a imagem é veiculada através da comunicação, daí a importância desta.

As formas tradicionais de turismo (visitas a museus e a monumentos) estão a aumentar mas não tanto como há vinte anos atrás. Na realidade, a oferta de lugares de interesse estáticos está a superar a procura nesse âmbito. O maior crescimento em turismo cultural parece pois, vir dos novos nichos de mercados emergentes. À medida que o Turismo Cultural cresce, vão se diferenciando sub-mercados, e estes novos mercados, como o Turismo arquitectónico, o Turismo Gastronómico, o Turismo Literário e o Turismo Criativo, entre outros, estão a impulsar o crescimento do mercado no total. No entanto, a diversificação do Turismo Cultural requeria maiores conhecimentos e profissionalismo por parte da indústria da viagem.

Sem dúvida, há uma necessidade de elaborar uma informação mais estruturada e consistente sobre o mercado para ajudar os novos profissionais do Turismo Cultural a nível do marketing. Há que referir aqui a importância das autarquias e das políticas

o PENT (Plano Estratégico Nacional de Turismo), a
ção Económica de Recursos Endógenos) e o PIT
(Programa de Intervenção do Turismo).

. O PENT *define as acções para o crescimento do Turismo Nacional nos próximos 10 anos. O Pent sintetiza as conclusões do diagnóstico e formula os objectivos e linhas de desenvolvimento para o sector materializados em 5 eixos estratégicos através de 11 projectos de implementação.*¹⁴

. O PROVERE *inserido nas Estratégias de Valorização Económica de Base Territorial, são um dos quatro tipos de estratégia de eficiência colectiva previstos. É um instrumento especificamente destinado aos territórios com menores oportunidades de desenvolvimento por causa de uma baixa densidade ó populacional, institucional, de actividade económica, etc. Pretendendo estimular iniciativas dos agentes económicos orientadas para a melhoria da competitividade territorial de áreas de baixa densidade que visem dar valor económico a recursos endógenos e tendencialmente inimitáveis do território: recursos naturais, património histórico, saberes tradicionais, etc.*¹⁵

. O PIT *é um Apoio a investimentos de natureza infraestrutural e em eventos com projecção internacional que contribuam para concretizar a estratégia definida no Plano Estratégico do Turismo (PENT) para os novos produtos, destinos e pólos turísticos.*¹⁶

O crescimento de um enfoque mais profissional do Turismo Cultural é provável e também reforça o crescimento de novas formas de colaboração entre o sector público e privado e entre os diferentes lugares de interesse cultural. As iniciativas relacionadas com os produtos como a venda de entradas múltiplas para os lugares de interesse cultural de mesmo destino, já estão bem fortalecidos em muitas cidades importantes tal como Lisboa, Batalha, Óbidos, entre muitas outras.

No futuro, isto provavelmente se verá, acompanhado de programas de marketing comuns aos produtos de Turismo Cultural no lugar de destino. Estes programas também utilizam cada vez mais a Internet para o marketing. Foram implantados muitos sistemas para a reserva directa de produtos de Turismo Cultural, apesar da complexidade de muitos dos produtos oferecidos. Por exemplo, a empresa neerlandesa *Artbase* oferece informação em tempo real de 200 000 acontecimentos em todo mundo.

O produto turístico cultural e dentro dele o patrimonial não é uma inovação recente nem um produto específico das sociedades contemporâneas. O que é realmente

¹⁴ www.turismodeportugal.pt

¹⁵ www.qren.pt

¹⁶ www.turismodeportugal.pt

turísticos, por motivos ou com interesses culturais, restritos das elites.ö (HENRIQUES, 2003, p 147).

É verdade que nem só as elites manifestam interesse pelo turismo cultural, surgindo um novo fenómeno de profundo interesse pela cultura dos países, tentando conhecer o património que enriquece as cidades.

O turismo de património começou a desenvolver-se sobretudo a partir dos anos 70 e 80, especialmente no Reino Unido. Esse desenvolvimento ocorreu devido ao facto de que se começou a reconhecer a importância do papel que o património poderia oferecer a nível económico:

õEnquanto factor de recursos económicos, deveu-se, segundo Light (1991), à expansão generalizada do turismo de lazer e à indústria a ele associada; o papel da nostalgia e a sua exploração pela indústria de marketing; às actividades e movimentos de preservação e conservação; e às políticas governamentais (Edwards e Coit, 1996).ö (HENRIQUES, 2003, p 148).

A nível económico, é relevante para a estrutura da indústria do turismo a procura de novos polos de interesse.

1.6 O Património como valor estratégico nacional e oportunidade de desenvolvimento

õO Património Cultural constitui o activo mais precioso de qualquer país, em especial dos que possuem percursos históricos mais antigos e cujos recursos naturais foram parcialmente exauridos com o tempo. Trata-se de um activo de cada geração, presente e futura, se deve considerar como fiel depositária e cuja amplitude transcende a esfera estritamente nacional. Cuidar e desenvolver o Património Cultural, muito mais do que uma decorrência da lei, nacional, europeia ou universal constitui, pois, um imperativo civilizacional e de cidadania.ö¹⁷

Nos últimos trinta anos, deram-se passos importantes para que o Património Cultural português começasse a obter um lugar central na nossa sociedade. As políticas de Património Cultural constituem o intuito central do Estado na área da Cultura. Campanhas milionárias foram promovidas para a promoção turística do país: criação de novos equipamentos culturais incluídos patrimoniais.

A Plataforma pelo Património cultural aponta as medidas para que o Património Cultural possa constituir uma oportunidade de futuro:

¹⁷ Declaração da PP Cult, o Património como Valor estratégico e oportunidade nacional, 16 de Outubro, 2008, in <http://www.icom-portugal.org/multimedia/Declara%C3%A7%C3%A3o%20da%20PP-CULT.pdf>, p.1

il forte e esclarecida ou seja elaborar medidas
o cultural em programas eleitorais, promover a
a qualificação profissional na execução das políticas patrimoniais, e a
transversalidade entre os vários organismos do Ministério da Cultura, e constitui (...) uma efectiva política interministerial para o Património Cultural, dotada de suficientes meios financeiros, tendo especialmente em atenção os sectores da cultura, da Educação, do Ambiente, do urbanismo e do Ordenamento do Território e do Turismo.¹⁸

Quando falamos em desenvolvimento, atribuímos a este termo diversos sentidos, valores e direcções, associando-o a algo positivo que conduz a algo ainda melhor. Quase sempre falar em desenvolvimento é falar em futuro, de um mundo que se quer e que ainda não se tem: *O desenvolvimento é um processo de produção de riqueza que subentende a partilha e distribuição com equidade, conforme as necessidades das pessoas ou, dito de outro modo, com justiça, não se refere apenas à economia.* (COROLIANO, 2003).

Muitos autores afirmam que um dos maiores desafios da sociedade actual é promover um desenvolvimento centrado no Homem. (CORIOLANO, 2003)

Com efeito, as teorias de desenvolvimento do turismo e do desenvolvimento social e local vinculam-se a estes grupos de sistemas e adoptam alguns dos seus pressupostos.

O desenvolvimento e o turismo ocorrem em escalas globais e locais. Há que identificar as tónicas e as abordagens dadas ao processo de desenvolvimento e ao desenvolvimento do turismo nos diversos lugares.

Para Lebret (*apud* CARMO 1999), o desenvolvimento *só pode ser um processo inacabado, de uma direcção que se toma e não de um ponto que se alcança.* É a passagem de uma determinada população, de uma fase menos humana para uma fase mais humana, ao ritmo mais rápido possível e ao custo financeiro e humano menos elevado possível, tendo em conta a solidariedade entre as populações.

¹⁸ Declaração da PP Cult, o Património como Valor estratégico e oportunidade nacional, 16 de Outubro, 2008, in <http://www.icomportugal.org/multimedia/Declara%C3%A7%C3%A3o%20da%20PP-CULT.pdf>, p.1.

a e Definição

Todas as sociedades são constituídas por histórias sobre Deus (e Santos), crenças, experiências, símbolos, rituais, valores, normas, comunidades, movimentos, organizações e instituições. (VUKONÍC, 2006, p.237).

O sagrado e o simbolismo da espiritualidade fazem parte da vida do homem desde os primórdios da humanidade. Assim é que ele sempre busca expressar suas crenças, através das mais variadas formas

O Cristianismo é uma das religiões líderes deste mundo, uma das mais desenvolvidas e provavelmente das mais difundidas no mundo, com cerca de dois bilhões de fiés ou cerca de 32 % da população mundial. (VUKONÍC, 2006, p.237, *apud* RINSCHÉDE, 1999, p.45).

A Igreja Católica Romana teve uma profunda influência no decorrer da história do desenvolvimento do Cristianismo. Uma das influências foi o desenvolvimento da peregrinação, principalmente na Europa.

A Religião e a Espiritualidade estão entre as motivações mais comuns para viajar. Muitos dos principais destinos turísticos desenvolveram-se de forma alargada como consequência das suas ligações com pessoas sagradas, lugares, eventos e os caminhos percorridos.

2.1 Definição

Começamos por definir o turismo religioso e a seguir a peregrinação.

2.1.1 Turismo Religioso

õ (í) O turismo religioso é o parente mais nobre, mais antigo e mais consistente de toda a família turística.ö

(GUERRA, 1989, p. 13).

Sobre se será o mais nobre temos as nossas dúvidas, porquanto é atribuir-lhe uma qualificação redutora.

O Turismo Religioso descreve-se pelas actividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados com as religiões institucionalizadas, tais como as de origem oriental, afro-brasileiras, espíritas,

doutrinas, hierarquias, estruturas, templos, rituais e te, um Turismo feito por religiosos, místicos,

populares, devotos ou profissionais da religião.

õPode se falar em turismo religioso quando o sagrado migra como estrutura de percepção para o cotidiano, para as atividades festivas, o consumo, o lazer, quando enfim, os turistas passam a viver eventos, como os Natais, não mais vinculados à tradição cristã e ao que ela prescreve, mas como uma experiência inusitada, espiritual e consumista ao mesmo tempo.ö (DA SILVEIRA, 2004, p.2, apud MONTEIRO, 2003).

As palavras õturismoö e õreligiosoö são duas palavras que se confrontam, como é que os aspectos õprofanosö do turismo (lazer, diversão, entretenimento, prazer, etc.), podem fazer parte da religião, actividade cheia de õsacrifíciosö e de obrigações espirituais? Será que quem pratica religião, pode estar a fazer turismo? Na opinião de DE OLIVEIRA, *õ (í) se viajo por motivações turísticas, para lugares turísticos, utilizando-me de serviços turísticos, não exerço compromisso religioso.ö* Para ele, o Turismo Religioso é *õuma forma indiscutível de turismo e uma manifestação evidente da religiosidade contemporânea, em diferentes sociedades.ö*

O termo õTurismo Religiosoö, o qual data pelo menos da década de 1960, é utilizado pelos sectores ligados à reflexão académica sobre o turismo, pelos empresários do sector e pela própria igreja católica. (DA SILVEIRA, 2004, p.2, apud MONTEIRO, 2003)

O adjectivo *religioso* deve ser reconhecido na sua dimensão espiritual e metafísica, embora esteja arriscadamente ligada à perspectiva cristã, responsável pela sistematização desse significado. Portanto, a definição correcta para o Turismo Religioso seria *um fazer turístico capaz de manifestar algum dado de religiosidade.* (DE OLIVEIRA, 2004).

Na definição oficial, segundo a Conferência Mundial de Roma, realizada no ano de 1960, o turismo religioso é *õcompreendido como uma atividade que movimenta peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. Na prática, são viagens organizadas para locais sagrados, congressos e seminários ligados à evangelização, festas religiosas que são celebradas periodicamente, espetáculos e representações teatrais de cunho religioso.ö* (DA SILVEIRA, 2004, p.4)

E é exactamente na religiosidade que o Turismo Religioso pode ser comparado às peregrinações., aos lugares sagrados, em momentos também sagrados. Mas até que ponto uma peregrinação a uma igreja (Cristianismo), a uma Meca (no Islamismo) ou por exemplo a Jerusalém, pode ser considerado um fenómeno turístico? Possivelmente

entre o visitante motivado pela fé (o peregrino) com interessado na materialidade cultural desses acontecimentos ou lugares? A própria realidade complexa da visita religiosa provoca essa confusão e mistura. Na nossa opinião, pode haver mistura quando a posição é assumida em simultâneo.

Podemos realçar o próprio aviso ao visitante, situado no portal de entrada do Santuário de Fátima, o qual demonstra bastante essa realidade: *“Aqui termina o turista e começa o peregrino”* mas também evidencia que um e outro se misturam e podem estar presentes em simultâneo.

O Turismo Religioso seria, conseqüentemente, não só uma forma incontestável de turismo mas também uma manifestação visível da religiosidade contemporânea, das nossas sociedades. Já o autor Olsen sublinha o seguinte: *“() arguably much of what is described as religious tourism belongs to the travels of the secular who are curious or just interested rather than only the realm of the faithful. (í) ”* (OLSEN, 2006, p.75). A curiosidade pode ser responsável pelo início de outro tipo de interesse de maior evidência, o despertar para a religião. De qualquer modo, é uma viagem com mais de 24 horas fora da habitação habitual para fins culturais.

O autor Stanislaw LISZEWSKI (*apud* SANTOS, 2006, p.239) acrescenta o seguinte: *“o turismo religioso, que é uma das formas de movimento turístico, singulariza-se pela motivação que lhe está subjacente, pelos seus objetivos e pelos seus destinos (lugares sagrados). Este turismo retém, todavia todas as características básicas do movimento geralmente chamado movimento turístico.”*

Ainda Vukonić afirma que o Turismo Religioso *“is certainly a clearer concept in its secular interpretation, since there are religions which deny totally such intermingling of the religious and the profane. The very fact that believers sometimes leave their permanent places of residence and decide to travel with no intention of earning income is sufficient reason for tourism theory to classify such a form of movement and such a form of migration seen from the secular standpoint as tourism.”* (VUKONIĆ, 1996, P.73)

O Turismo Religioso também pode ter uma forte componente profana : é o caso quando as pessoas realizam pequenas ou grandes viagens, quando vão a festas religiosas, congressos, excursões, actos litúrgicos, figuras em proa da religião como o Papa).

Padre Luciana Guerra define como « *turismo em monumentos religiosos* » e que o coloca dentro do

turismo cultural, porque, de forma geral, se quer conhecer as igrejas ou conventos ou outros, não forçosamente por ser um objecto religioso ou motivação religiosa, mas sim porque e como « *um produto da cultura humana* ». (GUERRA, 1989, p.9). É evidente que os objectos religiosos têm um lugar importantíssimo no Turismo Cultural e conseqüentemente no mercado do turismo, enquanto produto vendável. Com efeito, o Turismo Religioso representa um segmento próspero para o desenvolvimento de uma comunidade. O Turismo Religioso ó Cultural aponta como alternativa promissora para o desenvolvimento turístico de uma localidade.

O Turismo Religioso provoca muitas deslocações a nível mundial. No entanto, os estudos desse são relativamente recentes. Sendo o Turismo Religioso assumido como uma nova forma de mobilidade religiosa (distinta da Peregrinação), não nos podemos esquecer que também é, uma forma de mobilidade turística. Será que devemos deixar aa peregrinação fora do turismo? No nosso ver, a peregrinação, permanecendo mais de 24h fora de casa, é uma forma de turismo. Mesmo que as pessoas, motivadas pela fé, não se desloquem com a ideia de serem turistas, acabam por sê-lo porque se deslocam a um sítio religioso.

Muitos locais que representam importante legado artístico e arquitectónico de religiões e crenças são compartilhados pelos interesses sagrados e profanos dos turistas. Aliás os espaços religiosos sempre tiveram nas suas cercanias o comércio e os serviços, porque sempre foram lugares com clientela, muito significativos.

Ainda assim, o Turismo Religioso também pode ser vivido como uma experiência educativa, utilizada como forma para educar, religiosamente ou não religiosamente: *“The educational implications of travel to religious sites are related to changes in how religion is taught, expectations for travel, and priorities in education.”* (OLSEN, 2006, p.87). Esta perspectiva está de acordo com o entendimento de Dumadezier (1962) que afirmou que o lazer, para além do descanso, faz todavia, sempre parte dos tempos livres das pessoas. Alias, durante muito tempo, o único tempo livre dos operários e trabalhadores era aquele que era dedicado à consagração espiritual e à adoração de Deus e Santos, como sucedeu na Europa depois da Revolução Industrial, com a revolução burguesa. (Apenas os Domingos eram tempo de não trabalho).

A religião não é lazer mas não se pode afirmar que a religiosidade não faça parte dos lazeres de algumas pessoas.

temos sim uma permanente reconstrução de práticas e de valores. Por isso, fazer Turismo Religioso é visitar e, portanto, fazer outra viagem, outra estadia, outro nível de aproximação ao sagrado, mas também ao profano que o envolve como que o coabita.

A partir do turismo religioso (cujos lugares são realmente especiais), podem realizarem-se encontros, compras, entretenimentos, exercícios de educação, etc., além da própria visita religiosa. No Turismo Religioso, o atractivo é verdadeiramente um pretexto.

Os lugares do Turismo Religioso são especiais. Podem ser naturais, metropolitanos, oficialmente sagrados ou festivamente profanos. Mas reflectem este especial ó que chamamos de sagrados, de energia ou fé ó que levamos como turistas e podemos, de repente, reencontrar. (OLSEN, 2006).

As peregrinações são a génese do Turismo Religioso mas o turismo religioso e a peregrinação distinguem-se.

õEm todas as religiões, as peregrinações foram sempre pontos altos para a obtenção da expressão de fé. Desde sempre homens e mulheres partiram das suas casas e puseram-se a caminho, transformaram-se em peregrinos. Eles chegaram láí rezaram e regressaram a casa com, de alguma forma, uma nova identidade õ (AUCOURT, 1993: 14).

Muitas vezes, o Turismo Religioso e a Peregrinação são confundidos, tal como já o referimos mais acima, mas é importante mencionar que são duas coisas bem diferentes. Distinguem-se pelas motivações e finalidades, bem diferentes embora os processos sejam muito próximos ou idênticos.

O Turismo Religioso pode ser abordado sob várias perspectivas (geográfica, sociológica, antropológica, económica, etc.). Uma das suas características possíveis, Segundo a opinião de Santos, *õuma das especificidades deste tipo de turismo reside no facto de ser tributário de opções e de critérios espirituais e éticos e objecto, muitas vezes, de um enquadramento institucional de natureza religiosa.õ (SANTOS, 2006, p.241).*

Para poder promover este tipo de turismo que se tem vindo a impor a nível mundial, é imprescindível compreender os fenómenos religiosos e respeitar as crenças desses turistas õreligiososõ.

estrutura comercial, o Turismo Religioso faz parte sua esfera espiritual não é classificável, não se enquadrando nas nomenclaturas habituais, como por exemplo, o Turismo de Negócios, de Congressos, Sol e Praia, etc. Não é isso que acontece aos turistas, trata-se precisamente e verdadeiramente de fé.

õ Turismo Religioso é uma maneira moderna de estar ciente do Deus Criador, e ao mesmo tempo ligado à Sua criação, ao mundo inteiro, uma vez que permite descobrir e gozar as riquezas, não só do património cristão, mas de todas as religiões, num espírito de acção de graçasö. (AMBRÓSIO, Vitor, 2000, p. 14).

Esta definição sintetiza, na perfeição, o significado intrínseco do tema abordado.

Por outro lado, há uma abordagem sociológica, do Turismo Religioso, como uma maneira de alcançar a cultura que sobressai das grandes religiões. Digamos que é a atracção cultural que a arte, os instrumentos, os processos do sagrado exercem.

O Turismo Religioso é um fenómeno social em que a sua própria dimensão ultrapassa a ligação que qualquer crente tem para com a sua própria religião. Com efeito, além da sua própria fé, o turista religioso entra num turismo de õmassasö, mesmo que não queira ser propriamente um turista.

É importante realçar que o Turismo Religioso não tem que ser necessariamente triste. O próprio peregrino é um turista e actua como tal, complementando a busca de lazer com o reforço da fé. As próprias religiosas promovem a alegria.

Em síntese, podemos afirmar que, independentemente de noções de meros conceitos, o Turismo Religioso implica sempre viajar com intenções de uma certa descoberta religiosa, mas também uma descoberta dos lugares, tanto os da religião e dos actos religiosos, como a descoberta dos lugares do caminho e dar a divindades profanas ou para-religiosas que com o religioso convivem.

2.1.2 Peregrinação

A peregrinação é algo comum a todas as religiões e que já existia antes de a Bíblia ser escrita. Esta geralmente, desenvolve-se em grupo. As pessoas sempre foram muito ligadas ao sentimento da esperança, especialmente a população mais pobre. Como definições escolhemos mencionar as dos autores VuKoni´c e Olsen:

- õPilgrimage, then, may be said to be an organized visit or journey, organized at least in the sense that there are religious motives for going to a place and that the contents of that place include religious rituals. Theologians say that pilgrimage is a

...ide holy by believers to a place made holy by a work of a religious teacher, with the intention of offering prayers here in an exceptionally favourable environment (í). (OLSEN, 2006, p.117-118)

- *Pilgrimage is usually characterized by a journey to a named place where an encounter with God or the divine figure (s) central to one's belief system or cosmology is the anticipated outcome. Here the profane becomes sacred realm in any number of natural and human-made sites, such as temples, mountains, cathedrals, groves, and secular sites and so on.* (OLSEN, 2006, p.41-42).

Estas citações vêm ao encontro de um tipo de lazer explicado pelo autor Robert Stebbins. Este, no seu livro *Based Leisure* explicita que existem 3 tipos de lazer; o lazer sério, o lazer casual (pouco organizado) e em último o projecto de lazer. Pois as peregrinações podem funcionar como este tipo de lazer, pelo menos uma vez na vida, tem-se o projecto de ir uma vez à Meca, a Lourdes ou outro sítio.

A peregrinação, principalmente *motivada pela fé* (GUERRA, 1989, p.5) tem uma componente profana importante, daí classificar-se entre os objectos do turismo. As agências de viagens têm muita experiência com as peregrinações: existem, com efeito, peregrinações, totalmente organizadas pelas agências de turismo. A peregrinação tem características qualitativas específicas, o que a pode diferenciar facilmente do próprio turismo em si. No entanto, pensamos que a peregrinação, diferente do turismo religioso, se pode incluir nesse. Obviamente que a componente turística na peregrinação é menor que a componente religiosa. O Padre Luciano Guerra afirmava em 1989 que *a verdadeira matriz do turismo está nas peregrinações*. Concorda-se com essa afirmação em sentido amplo.

Tal como o autor VUKONIĆ o menciona, *Christians fundamentally see pilgrimage as movement, as a journey through this world towards the other, holy world. Pilgrimages to holy places are simply a way for a believer to learn about the earthly life of Jesus and the revelation of the truth given by Him, and about the lives of the saints, with one aim in view: to strengthen faith.* (1996, p.123). Para provar essa afirmação, seria interessante realizar um estudo perante os Cristãos.

2.1.2.1 Viagem, Peregrinação e Turismo: Síntese Histórica das Peregrinações

Existiram e existem peregrinações em todo o mundo e todas as religiões. No entanto, escolhemos abordar apenas as peregrinações cristãs.

(W. HUNZIKER e K. KRAFT, 1942).

De novo, uma afirmação com que concordamos, que nos obriga a analisar uma breve história das Peregrinações cristãs.

a) Peregrinações Pré-Cristãs

As pinturas do Paleolítico lembram-nos peregrinações de súplica ou agradecimento pelas caçadas.

Monumentos Megalíticos de 4000 A.C. eram, certamente, lugares sagrados onde as populações se deslocavam para prestar culto.

Na Grécia, no final do século VIII A.C. destacava-se o festival de Olímpia, em honra de Zeus, com celebração de quatro em quatro anos. Milhares de participantes acorriam, durante cinco dias, para assistirem a competições desportivas e artísticas. Heródoto, o pai da História, foi dos primeiros escritores a fazer descrições de viagens, e, escreve sobre a deslocação de milhares de pessoas, ao longo do rio Nilo, em peregrinação a templos egípcios (AMBRÓSIO, Vitor, 2000,p.26).

b) Peregrinações Cristãs desde o início da Cristandade até ao século XVI

Presume-se que as primeiras peregrinações cristãs terão ocorrido por volta do século II, primeiro a Jerusalém, depois a Roma. Depois, seguiram-se as peregrinações a locais associados a relíquias, de santos, de mártires.

Contudo, só no início do século IV surge a grande época das peregrinações, precisamente quando o Cristianismo foi aceite como a religião de Estado do Império Romano. A Palestina, afinal a verdadeira Terra Santa, torna-se o destino dos crentes, mais acicatados pela descoberta de relíquias importantíssimas, por exemplo, pedaços da cruz onde foi crucificado Jesus, pedaços da lança do soldado romano que atingiu Cristo. Uma autêntica rede de estalagens, pousadas e tabernas disseminam-se ao longo dos caminhos, onde os peregrinos podem encontrar alojamento, alimentação ou até divertimento.

Na Alta Idade Média, atendendo ao conturbado momento político da época, recheada de guerras entre os nobres e conquistas territoriais, pode-se prever que, não

egrinações persistiram. Contudo, terão ganho um
se acrescenta o aparecimento de outros santuários,

como Santiago de Compostela, em Espanha e, Cantuária, na Inglaterra.

Não devemos esquecer a importância das indulgências nestas novas movimentações de peregrinos. Através da indulgência o pecador vê perdoado, todos os seus pecados, regressando das peregrinações como um homem novo.

Após a conquista de Jerusalém por Saladino, com a consequente ocupação de todos lugares santos, houve a necessidade de transferir a indulgência total para um lugar mais próximo, e, por essa mesma razão, o Papa Bonifácio VIII promulga o Jubileu Romano de 1300, garantindo a indulgência aos que se dirijam a Roma durante esse ano. Jerusalém foi substituída por Roma enquanto Centro Espiritual da Cristandade.

Essa exclusividade de Roma foi perdida ao comemorar-se o quarto jubileu de Cantuária, a que se seguem Notre ó Dame-du Puy com os seus jubileus de 1407, 1418 e 1429 e Compostela em 1435.

Assistimos ao grande controlo das peregrinações, por parte do Clero, criando uma organização que geria, atendendo ao facto de que constituía a pena para muitos crimes.

Com esta multiplicação de indulgências e jubileus, a peregrinação torna-se mais popular com evidente prejuízo para a fé. As pousadas que recebiam os peregrinos transformaram-se gradualmente em estalagens onde comia e bebia à tripa forra, para além de outros prazeres carnavais, a troco de dinheiro.

Uma grande alteração surgiu no início do século XVI, em 1517, com as ideias propagadas por Martinho Lutero, que deram origem ao Protestantismo. Nesta nova óptica, advoga-se a ligação entre o crente e Deus, sem quaisquer intermediários, perdendo todo o sentido a adoração das relíquias (AMBRÓSIO, Vitor, 2000,p.27-28.

c) Do século XVI a meados do século XIX

Após as descobertas portuguesas e espanholas, com as grandes navegações marítimas, as viagens deixaram de ter uma conotação essencialmente religiosa. A aristocracia enriquecida pelas viagens marítimas passara a ter o hábito de passearem no campo e na praia, em contemplação da Natureza.

No século XVII, com o aparecimento das diligências, as deslocações tornam-se mais fáceis e rápidas. No século XVIII, entra em cena a óptica científica do mundo e, o contacto com a Natureza transporta o interesse de a caracterizar e tentar descobrir os

são Naturalista). Nos finais de setecentos a viagem boa educação para os filhos das famílias ricas do

Norte da Europa, e, eles viajam para Roma e Atenas para estudarem os clássicos (Grand Tour).

O número de pessoas com interesse e posses para viajar aumentou de tal modo que, em 1841, Thomas Cook funda uma verdadeira agência de viagens, tendo organizado milhares e até uma volta ao mundo que demorava 32 semanas (AMBRÓSIO, Vitor, 2000, p.29-30).

d) As Peregrinações Cristãs do século XVI a meados do século XIX

Nos países católicos, as novas motivações das viagens não colocaram para segundo plano a peregrinação. Nestes países cresceu o número de santuários. Foi o Concílio de Trento (Teve lugar em Trento entre 1545 e 1563) que impulsionou estes eventos, em especial, porque foi aí que se decidiu dinamizar o culto à Virgem Maria. Só no século XVII registam-se cerca de 1200 santuários marianos: 330 em Itália, 300 na Alemanha, cerca de 200 na Península Ibérica e aproximadamente 70 em França, entre vários outros. Como já vimos, nos países protestantes a peregrinação quase desapareceu, quer por opção própria quer por decisão estatal.

Nem o furor da Revolução Francesa, no final do século XVIII, nem as disputas liberais, nas primeiras décadas do século XIX, terão travado o fluxo das peregrinações.

O grande abalo virá no século XIX Com a publicação de *o Origem das Espécies* de Charles Darwin. Tem início a polémica sobre a origem do homem, que persiste até aos dias de hoje. Surgem, entretanto, novas formas de conhecimento com inovadoras ciências como a Psicologia, a Antropologia e a Sociologia. A peregrinação já não se coadunava com estas novas doutrinas (AMBRÓSIO, Vitor, 2000, p.30-31)

e) Motivações de Viagem dos meados do século XIX à actualidade.

Novos atractivos começam a surgir a partir de finais do século XIX: a praia tornou-se destino de lazer da aristocracia. A nova burguesia industrial e os comerciantes mais abastados imitam a aristocracia, criando-se praias de época, vastamente frequentadas. Surgem o comboio e o barco a vapor, melhorando as condições de viagem. Crescem e florescem a hotelaria e as agências de viagens.

aparecem novos e melhores meios de transporte: o automóvel torna-se mais rápida e confortável.

O turismo de massas terá começado a despontar, tendo verdadeira expressão económica, devendo-se isso ao próprio crescimento de certos serviços decisivos: alojamento, restauração e área recreativa.

Não foi uniforme este desenvolvimento, assistindo-se antes a flutuações, consoante os eventos mais ou menos gravosos que aí vinham. Assim, grande dinamismo de 1900 a 1914 (data da Primeira Guerra Mundial).

Depois de 1919, novo crescimento que, só será interrompido com a crise económica de 1929-1932, após o que houve novo crescimento até à segunda Guerra Mundial (1939-1945). A Europa está arrasada, com questões sociais e económicas tremendas.

Só a partir dos anos 50 se dá novo incremento ao fenómeno turístico. Mais uma vez, as classes abastadas ditam as normas, com o aparecimento de uma classe de artistas que se tornam notícia nas suas deslocações. Assistimos ao dealbar de novas práticas turísticas, surgindo, a título de exemplos, o Turismo em Espaço Rural, o Cinegético, o de Negócios, Congressos, Desportos e outros.

Cresce, rapidamente, a oferta de serviços turísticos com pequenas empresas a coexistirem com grandes potentados. Começam-se a instaurar novas regras de exploração dos espaços turísticos.

Os operadores de Turismo criam novos pacotes turísticos (conjunto de serviços, nesta área, incluídos no preço final a pagar) (AMBRÓSIO, Vitor, 2000, p.31-32).

f) Peregrinações na Actualidade

A partir dos finais dos anos 70, tem havido grande incremento de peregrinações, com o desenvolvimento dos santuários já existentes. Consideramos que para este fenómeno têm contribuído de maneira decisiva as intervenções públicas dos Papas.

Cite-se, a propósito, a do Papa João Paulo II, em Fátima, a 12 de Maio de 1982, in *õ Peregrinar Ontem e Hoje õ* (s.d.13).

Em Portugal, destacamos os Santuários de Fátima (com cerca de 5 milhões de visitantes), os Santuários de Braga (com cerca de 1 milhão de visitantes): Santuário do Bom Jesus, Santuário do Sameiro, Santuário de São Bento da Porta Aberta.), também de referir o Santiago de Compostela, Lourdes (França), o Brasil e América do Sul (com

verdadeiras massificações e que funcionam como

Os caminhos de peregrinação constituem uma herança histórica, cultural e simbólica, que eleva o mundo da experiência religiosa individual ou colectiva.

Hoje em dia, existe um esforço de recuperação das antigas vias de peregrinação, tanto do ponto de vista de redescoberta do seu traçado original, como na revitalização da sua vivência sob novas perspectivas, designadamente enquanto guias de interpretação e vivência cultural e lúdica do território.

A peregrinação religiosa ainda existe apesar do turismo religioso estar, sem dúvida, mais no movimento secular. A peregrinação pode ser praticada por duas razões: para satisfazer as necessidades espirituais tanto como as necessidades materiais. Contudo, a maioria dos peregrinos viajam por necessidades espirituais, porque a peregrinação é, acima de tudo, um acto religioso, uma forte motivação espiritual, para os crentes que acreditam na vida eterna, na salvação das suas almas. Daí a necessidade de oferecer sacrifícios e de realizar vários rituais religiosos. O lugar santo pode ser o país de onde os peregrinos são oriundos como outro país qualquer.

A escola religiosa (Cristianismo) tenta ensinar que a peregrinação é uma das formas fundamentais e mais antigas de expressar a fé, a adoração. (AMBRÓSIO, Vitor, 2000, pp.25-35).

2.2 Motivação para o Turismo Religioso

São várias as motivações que levam os turistas a praticarem Turismo Religioso. Tal como já o tínhamos assinalado e tal como Olsen o refere na sua obra *Tourism, Religion and Spiritual Journeys*, os turistas não se deslocam apenas por motivos ou questões religiosas ou de fé mas sim e também por motivos de cultura (conhecimento das religiões e afins)

(í) many people travel to a widening variety of sacred sites not only for religious or spiritual purposes or to have an experience with the sacred in the traditional sense, but also because they are marked and marketes as heritage or cultural attractions to be consumed. (í). They may visit because they have an educational interest in learning more the history of a site or understanding a particular religious faith and its culture and beliefs, rather than being motivated purely by pleasure-seeking or spiritual growth. (Shackley 2001^a, 2002). (OLSEN, 2006, p.5)

opinião do autor Rinschede assegurando que o turismo cujos participantes estão maioritariamente motivados ou exclusivamente por razões religiosas e conseqüentemente, o Turismo Religioso seria então uma subclasse do Turismo Cultural: fazer Turismo Religioso *also puts forward the thesis that the participants of organized pilgrimages often plan a day extra which allows them to visit markedly tourist attractions.* (p.72). Resumindo, o Turismo Cultural e Religioso estariam profundamente ligados. Podemos mencionar como exemplo explícito, alguns turistas que se deslocam a Fátima como *turistas religiosos*, em grande parte, têm tendência para visitar a cidade de Coimbra, com o objectivo de visitar os seus monumentos importantes, ou seja, além do Turismo Religioso fazem Turismo Cultural.

Uma das principais motivações para fazer Turismo Religioso seria que as visitas a lugares sagrados (de peregrinação ou não) combinam o religioso e o profano, o emocional e o útil, o que amplifica o círculo de interesse além do segmento turístico e religioso tradicional. No entanto, como já percebemos, nem todos os turistas que se deslocam a lugares religiosos são motivados pela própria religião, mas sim possivelmente por interesse cultural, histórico, arquitectural ou outros. Assim o refere o Vukónik:

(...)Many people travel to a widening variety of sacred sites not only for religious or spiritual purposes or to have an experience with the sacred in the traditional sense, but also because they are marked and marketed as heritage or cultural attractions to be consumed (...). They may visit because they have an educational interest in learning more about the history of a site or understanding a particular religious faith and its culture and beliefs, rather than being motivated purely by pleasure-seeking or spiritual growth. (OLSEN, 2006, p.5)

Da mesma forma os turistas religiosos podem apresentar diferentes envolvimentos em relação à religião.

Assim, to understand religious tourism and its subject, the religious tourist, and especially to be able to approach and do business with this tourism user segment, it is very important to differentiate between different gradations of the religious and religiousness; for they affect materially the decision of the individual believer as to what form of religious tourist journey they will join or what religious content they expect at the tourist destination. (VUKONIĆ, 1996, P.70-71)

É notável que algumas cerimónias religiosas, no entanto, atraem grande quantidade de crentes e não crentes, devido ao pitoresco e/ou a rituais antigos (como é o caso da Semana Santa na Espanha).

A espiritualidade que vamos abordar, tem a ver com valores, atitudes e comportamentos formais, devidamente enquadrados em crenças institucionalizadas, com diferente graduação.

É mais do que evidente existirem duas tendências contraditórias. Ao mesmo tempo que se assiste à secularização da vida social, com evidente quebra dos laços religiosos, surge um autêntico regresso ao religioso, ou seja, ao espiritual, nem sempre divinatório, mas associado ao transcendental.

Esta ãnovaõ espiritualidade tem mais a ver com o foro íntimo e menos com o próprio culto religioso tradicional. Nem o peso social ou sequer a herança familiar têm importância nesta procura espiritual.

Segundo HERVIEU ó LÉGER (1999; 23-24) *õ Não é o facto de ãcrer em Deus ã que faz religioso o homem. É perfeitamente possível ã crer em Deusõ de maneira não religiosa, em nome da iluminação surgida de uma experiência mística, da certeza nascida de uma contemplação estética ou da convicção derivada de um comportamento ético ã.*

Claro que este conceito de religiosidade é perfeitamente aceitável, porque se não acreditarmos em uma força superior ao ser humano que nos pode ajudar na adversidade, então estamos cercados em um círculo de vida sem futuro, claudicando perante qualquer adversidade que advenha nas nossas vidas. Quando dizemos que *õa esperança é a última coisa a morrerõ*, sintetizamos a necessidade que todo o ser humano tem para acreditar que, o que parece impossível, está ao nosso alcance, desde que acreditemos.

Esta filosofia de vida permite-nos enfrentar doenças terminais, como o cancro, sempre com a esperança numa hipotética cura. Por vezes, esta convicção resulta numa cura quase milagrosa, fazendo-nos compreender quão efémera é a vida.

Esta espiritualidade resulta de uma escolha individual e de uma visão do mundo muito particular. *õDestacamos que o colapso dos grandes modelos ideológicos durante o século XX, conjugado com os desequilíbrios ambientais e à desigual criação e distribuição de riqueza, a nível mundial, conduziu a uma situação exemplificada pelo multiculturalismo e pelo ecologismo ã, como refere (SANTOS, Maria da Graça P. 2006,p. 69).*

quanto o colapso dos velhos valores ideológicos estando outra alternativa, a essas pessoas, se não

tentarem descobrir novos temas de combate para as suas vidas.

õ Já ninguém acredita que o desenvolvimento da ciência conduza automaticamente à felicidade humana: é o fim das ideologias do progresso e das filosofias da história. Vivemos portanto um período de desordem; ele é marcado pelo regresso do religioso e pela busca de novas ideologias õ. (CLAVAL, 2002)

Num mundo global onde morrem de fome, diariamente, nomeadamente 14.000 crianças e, as pessoas viram a cara para não terem que falar sobre o assunto, é natural que se busquem novos amparos para as suas consciências perturbadas. Podemos mesmo afirmar que, na época actual, se vive o presente como se não houvesse passado ou futuro. O individualismo tornou-se característica principal da generalidade das pessoas. Estas ideias vêm de encontro com a Hipermodernidade dos autores HUBERT e LIPOVESKY (as pessoas querem cada vez mais coisas diferentes). Segundo Hubert (1995), o lazer é, de facto, uma ideia bastante moderna. Não existia antigamente uma separação clara entre o trabalho e o lazer.

Olsen afirma que, aos poucos a peregrinação religiosa foi perdendo o seu significado verdadeiro por vários motivos:

õReligiously motivated travel, including pilgrimage, has grown, has grown tremendously during the past fifty years, surprising many who conjecture that religious pilgrimage is losing social and institutional significance. (...) This global resurgence of religious pilgrimage has occurred for many reasons, including the rise of fundamentalism, (...), the retreat of some religious faiths into traditional forms of medieval spirituality and religious ritual, (...), the increasing investment in mass transportation infrastructure, (...), the globalization of the local through the mass media (...), and the recent turn of the millennium (...). This indicates in part the increasing numbers of people who are searching for the answers to basic questions of human experiences, including õWhat is the meaning of my life?õ (...).õ (2006, p.4)

Concordamos com tais afirmações pois, face à secularização das sociedades industriais e pós-industriais, assistiu-se à rejeição das concepções religiosas tradicionais e à indiferença religiosa face a elas, do que resultou um número crescente de pessoas que se consideram agnósticas ou ateias.

Esta secularização, consequência inevitável de uma certa incompatibilidade entre a religião e a mentalidade do homem moderno, o materialismo e o consumismo. Contudo, podemos constatar que face ao declínio de práticas religiosas formais, têm surgido a disseminação de fenómenos religiosos muito diferenciados.

ação pode abranger dois conceitos: secularização da esfera do Estado e da política, face ao campo da religião institucionalizada, e das igrejas, e, a secularização subjectiva, em que se assiste ao enfraquecimento ou até à eliminação da influência do religioso no que se refere às consciências individuais. (SANTOS, 2006).

Todavia, não assistimos ao abandono do sagrado que parece mesmo imbuir uma grande parte da humanidade. Pelo contrário, o sagrado só reveste novas representações de antigas situações da sacralidade.

Com a sociedade multicultural em que vivemos, assistimos, todos os dias, a expressões de religiosidade implícita, como por exemplo a ecologia, a protecção ambiental numa óptica da própria ética da natureza, ou até temas sensíveis como a eutanásia, o aborto, a genética, numa óptica da bioética, ou temas da própria ética do desenvolvimento como o debate Norte-Sul (países ricos ó países pobres), o movimento anti-globalização, o próprio voluntariado nas ONG e até organizações missionárias. Nos tempos actuais, por vezes, assistimos à utilização destas estruturas por parte de inconfessáveis interesses económicos obscuros ao serviço de pessoas, de má-fé, que só querem servir os seus interesses de enriquecimento rápido e, à custa da boa-fé dos voluntários no terreno.

Por outro lado, com a globalização dos meios de comunicação, assistimos à utilização da internet para divulgação de comunicações religiosas, àquilo que podemos chamar de *õciber-religiãoõ*, claro que só nas sociedades mais desenvolvidas, mas, onde falta o contacto pessoal directo, constituindo antes o princípio dum estudo mais aprofundado para a geografia cultural. Até porque o turista religioso precisa e quer ter situação de participação efectiva para valorização da sua fé ou das suas crenças ou ainda valorização cultural. Por isso, a viagem e o lugar religioso são elementos fundamentais para o turista religioso.

2.4 Emergência do Turismo Religioso

O Turismo Religioso é uma realidade recente, *õum fenómeno com poucas décadas de existência, desde que se considere que as modalidades históricas de peregrinação não são enquadráveis no seu âmbitoõ* (SANTOS, 2006, p. 239), com maior força na Europa pós-guerra.

As pessoas mais institucionalizadas entram em decadência e o turismo de autocarro e de autocarro desenvolvem-se, surge a secularização das cidades, e, em certos países, existe uma diminuição considerável da peregrinação tradicional. O Turismo Religioso começa então a ser explorado pelas agências de viagem através de programas (visitas a lugares religiosos). Este nasce *das mesmas circunstâncias sociais e económicas que conduziram, em geral, ao turismo de massas* (SANTOS, 2006, p. 240) e torna-se, sem dúvida, em uma nova forma de prática turística.

O Turismo Religioso, ou seja, a referência espiritual dos indivíduos, passa a poder encontrar-se não só na frequência da missa dominical, no local da residência, mas também na sua participação noutra tipo de manifestações religiosas, longe do centro da sua vida habitual e motivo de viagem e visitação.

As pessoas, na sua demanda por novas identidades religiosas, têm tendência em fazer visitas a centros religiosos ou santuários, reencontrando a espiritualidade perdida no seio das grandes manifestações de fé. Grandes massas de pessoas a rezarem no mesmo local, comporta uma carga emocional impressionante, com grande impacto no indivíduo.

Curiosamente, ou talvez não, constatamos que os jovens têm aderido a estas práticas de visitar santuários, frequentemente, não obstante, muitas vezes, não serem crentes.

Assim, não obstante uma certa diminuição das práticas religiosas tradicionais, vamos constatando, em muitos países, que há um real aumento do número de participantes em peregrinações. Claro está que, as entidades responsáveis pelos santuários onde elas decorrem têm a tendência para tentar evangelizar os mais receptivos. É preciso cativar novos crentes para que a máquina não pareça. Veja-se, como exemplo recente, o grande movimento de milhares de jovens que, a pretexto da visita do Papa Bento XVI ao santuário de Fátima, foram enquadrados pelas, estruturas católicas, para assistirem ao evento dentro do contexto envolvente da fé mariana, e, da subsequente prossecução da divulgação da mensagem religiosa implícita.

É de destacar a importância que o departamento do Vaticano que aborda estas questões *õ A acção pastoral deverá igualmente ter em consideração todos aqueles que percorrem as vias das peregrinações por outros motivos, tais como a cultura ou o tempo livre õ.*(Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, 1999,p. 48).

reja Católica, abalada pelos recentes escândalos de stacados do clero, e, a notória falta de vocações sacerdotais, com a saída de vários padres que renunciam ao celibato e, a poucas inscrições nos seminários, é preciso recorrer a todos os meios para consolidar a fé nas suas doutrinas.

2.5. O Território Religioso e a Geografia

Começemos por afirmar que os fenómenos religiosos são essencialmente territoriais, e patrimonial veja-se o exemplo da Cova de Iria, no contexto nacional e internacional.

No entanto, é preciso compreender bem as relações que se estabelecem entre os visitantes e os lugares de destino. A propósito, ROSENDAHL (1997) refere que *o geógrafo quando estabelece como objecto central da sua análise a religião, encara-a sob a dimensão espacial. E para realizar a sua pesquisa reconstrói teoricamente o papel do sagrado na recriação do espaço, reconhecendo o sagrado não como simples aspecto da paisagem, mas como elemento de produção do espaço* (p. 149). Concorda-se inteiramente com esta afirmação porque sabemos que toda a actividade humana se desenvolve num espaço determinado, e que a sua relevância depende exclusivamente da importância que, esse mesmo espaço, representa para determinado grupo. Vejamos o exemplo de Fátima, *o cujo território religioso foi sendo construído pelos seus visitantes* (SANTOS, M.G P, 2006, p.87), porquanto sabemos, realmente, que a geografia territorial do local foi profundamente intervencionada, pela ocupação massiva de toda a zona anexa ao santuário, em épocas de peregrinação de centenas de milhares de pessoas.

Sabemos, também, que a Geografia estuda o modo como o próprio espaço aparece organizado e diferenciado, em consequência da acção do homem. A palavra território, tem várias significações, tanto no plano natural, como no plano político, bem como no da construção social.

No caso em apreço, o território é mais do que uma extensão definida através de latitudes e longitudes, é mais do que a simples localização geográfica e, foi a intervenção do ser humano que transformou, efectivamente, o território, ao intervir nele, atribuindo-lhe um conjunto de valores que imprime no próprio espaço que elegeu.

Constrói-se o território a partir de espaços de liberdade (hipótese de contacto de diferentes faixas etárias, classes sociais, etc.) e de constrangimento (aplicação de

, para além dos factores económicos e de mercado (como a especulação imobiliária, por exemplo).

Citamos a propósito: *“A geografia humana entende o território como o espaço humanizado, o espaço que é produzido e transformado pelas sociedades. É nele que se concretizam todas as acções, desde a construção física até à apropriação individual, passando pela organização socioeconómica e pelas práticas culturais”* (FERREIRA e MALHEIROS, 1991, p.43). Estas considerações definem, na perfeição, a noção de território no conceito mais amplo da geografia humana.

Contudo, quando começamos a definir o conceito de território religioso, somos obrigados a constatar que este conceito é o produto do fenómeno religioso no espaço. (não obstante a origem religiosa de muitos conflitos históricos ou actuais), veja-se, por exemplo, que as disputas acerca de Jerusalém-cidade santa de várias religiões são um bom exemplo.

O território religioso não tem que ter sempre a forma de uma parcela de espaço, materialmente existente e bem delimitado, com área e fronteira definida. O território religioso pode assumir, para além do conceito anteriormente definido, uma delimitação de ordem simbólica, como se de um lugar idealizado se tratasse.

Assim, podemos afirmar que o território religioso é antes de mais um território cultural. Daí resulta que este tipo de território é menos passível de ser afectado pela desterritorialização. Podemos afirmar que os lugares símbolo, enquanto portadores de identidade social própria, podem ser a própria base dos territórios.

Durante tanto tempo ignorada pela generalidade dos geógrafos, a geografia das religiões, já foi objecto do estudo por outras ciências, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia ou a História.

Assim, segundo PARK (1994)

“A geografia que ignora o que podemos chamar o sobrenatural, negligencia alguns dos mais fortemente enraizados detonadores das atitudes e dos comportamentos humanos e cega a algumas dimensões críticas da humanidade e passa ao lado de algumas implicações significativas nos padrões geográficos da actividade humana” (p.1).

Mais uma pertinente observação sobre o tema, realçando a importância da atenção sobre estes assuntos não estudados devidamente.

A geografia da religião tem como objecto de estudo a interpretação, significação, classificação e explicação do lado geográfico do religioso ou a própria vertente religiosa do geográfico.



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

influência religiosa no estudo geográfico remonta à considerava que a própria ordem espacial do mundo era vista como um reflexo de princípios religiosos. Veja-se, por exemplo, que no século XII, Al-Idris, geógrafo árabe de renome, elabora um atlas em que a descrição geográfica era acompanhada de mapas do mundo conhecido até então, onde incluía a par de informações económicas e históricas, referências religiosas acerca das cidades e países mencionados. (SANTOS, 2006).

3.1 A Relação entre Turismo e Cultura

Começamos por definir religião citando (GUERRA, 1999, p.11) *õ A religião é o objecto mais nobre do turismo õ*. Não concordamos com esta afirmação porque para além da fé, há outros valores que motivam as pessoas a fazerem turismo, todas elas importantes para as próprias pessoas.

O termo *õreligiãoõ* vem do latim *religio*, que inicialmente significava um conjunto de regras, disciplinas, advertências e proibições, sem referenciar rituais, divindades, mitos ou crenças como se costuma fazer hoje em dia. Desta forma, a palavra *õreligiãoõ* foi construída historicamente e culturalmente no Ocidente, ganhando aos poucos, um significado ligado à tradição cristã.

A religião pode se entender como *õum sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos.õ* (DA SILVA, 2004, p.4).

Na mesma ótica, o autor Luigi Schiavo compreende a religião como *õparte constitutiva da cultura.õ* (SCHIAVO, (s.d), p.2)

A diversidade religiosa é imensa, existindo entre ateus e religiosos, entre várias formas de religião (cristãos e muçulmanos, por exemplo), entre ramos religiosos com pontos em comum, entre expressões internas de uma mesma religião, etc.

Podemos afirmar que nunca existiu uma única religião em todo o mundo, atendendo às idiossincracias de cada povo e às suas próprias convicções.

Existe uma relação profunda entre religião e cultura, pois desde o dealbar dos tempos que os Homens tentam comunicar com o divino, ou seja, que sentem que existe algo superior a eles e que de alguma forma lhes determina o percurso da própria vida. Quando realizam uma obra de arte é para que a sua memória, enquanto seres humanos, se perpetue ao longo dos tempos, conferindo-lhes um manto de uma espécie de imortalidade. A obra de arte não morre com o seu autor, perdura para sempre.

O património religioso, pelas suas características próprias, aparece-nos imbuído de um enorme valor no âmbito dos recursos turísticos de uma determinada região, ou até de um país, com a conseqüente envolvência da relevância espiritual e religiosa implícita. As próprias obras de arte que proliferam nesse território são uma mais-valia para a divulgação e para a procura de um determinado local. Na verdade, para além do património construído, que é fulcral para o turismo religioso, as obras de arte e relíquias religiosas ou integradas em património monumental religioso, podem também funcionar como atracção principal num espaço de turismo religioso.

Petrillo (2003) sublinhou que passam a coexistir no território religioso duas funções de uso: a religiosa (compreendendo aspectos teológicos, litúrgicos e pastorais) e, a secular (que inclui as vertentes educativas, históricas e estéticas.). Compreendamos que essas funções integram as evidentes preocupações de gestão de lugares sagrados de forma *õa tornar possível para os crentes ou para os peregrinos uma memória estética consciente e para os turistas tornarem a voltar ao sítio sagrado, uma referência espiritual mais profunda õ* (p. 78). A própria preservação do património artístico e arquitectónico é fundamental.

Já vimos antes que, enquanto o património cultural tem uma natureza secular ou profana, o património religioso tem um carácter particular, em virtude de nele coexistirem e, por vezes, haver conflito entre dois cultos diferentes, um estético e outro divino (BAUER, 1993).

Podemos ainda considerar que existem duas posturas para considerar o monumento religioso: numa, pretende-se adoptar uma visão monopolista no sentido de observar o monumento afectado, exclusivamente, ao culto religioso, noutra, mais abrangente, pretende-se ver o monumento sob a perspectiva cultural, tendo em atenção a sua dimensão artística e, compreendendo a componente religiosa como circunstancial ou acessória. Mas não é forçoso que assim seja, alguns monumentos são referência arquitectural de períodos históricos.

Podemos ainda afirmar que a relação mais visível entre o Turismo e a Religião consiste na enorme quantidade e diversidade de edifícios sagrados e real interesse turístico e visitados pelos próprios turistas. O principal motivo desse interesse é a

dos edifícios sagrados mais do que o propósito

Afinal qual é a função do Religioso no Turismo? Não obstante poder parecer ter uma resposta fácil, tal não é o caso. Assim, pode-se afirmar que a função dos conteúdos religiosos no Turismo é determinada pela sua função na religião. As atrações turístico-religiosas, que são especialmente interessantes, incluem edifícios de práticas religiosas, com um valor especial, não só de um ponto de vista arquitectónico, como também porque estão localizados, muitas vezes, numa paisagem mais urbana que idílica, atraindo grande e idêntico número de peregrinos e de turistas. Poderá mencionar-se a Catedral de Chartres (França) e a abadia do Monte Saint-Michel, Notre-dame, Sacré Coeur (França). Convém destacar ainda que existem numerosos santuários locais e regionais que não revelam qualquer atenção por parte dos turistas. Isto acontece quando os prédios em questão não têm interesse arquitectónico ou artístico, afirmação que não é completamente verdade, porque podemos ter capelas com grandes movimentos religiosos, com por exemplo a da Senhora da Lapa.

Os santuários mais conhecidos na Europa são o santuário de São Sebastião de Garanbal (Norte de Espanha), San Damiano (Itália), Lourdes (França) e o de Fátima (Portugal). Muitos e variados eventos têm sido desenvolvidos em meros ambientes, em diferentes religiões e cultos, que hoje têm um conteúdo profano, mais do que um conteúdo religioso. Esses eventos atraem uma grande quantidade de turistas, mais do que a própria singularidade do evento em si, mas mais pelo pitoresco do local, proporcionado pelas músicas, canções, mais do que o conteúdo religioso: (...) *venerated places are now being seen as tourism resources that can be commodified for travelers interested in cultural and historic sites.* (OLSEN, 2006, p.1)

No entanto, não obstante alguns deles terem ainda um profundo significado religioso para a população local, por não abrir as suas portas ao Turismo e aos Turistas, o carácter religioso original desses eventos tornou-se profano, e quase toda a qualidade autêntica desses eventos originais se perdeu, em virtude da própria mercadorização desses mesmos eventos.

O Padre Luciano Guerra afirma que a religião é, à partida, a parte mais nobre do Turismo Cultural. Inclui *o a religião dentro do Turismo cultural, o que restringe muito o conceito de o Turismo Religioso o.*

cultura também é notável no contexto da sociedade
pressão. Há várias interpretações que surgiram nos
últimos anos.

Enquanto para o sociólogo Emile Durkeim (1855-1917), a religião representa um sistema de crenças e comportamentos que tem a ver com os valores ideais da sociedade, em que esta cria comportamentos, valores e culturas e, necessita da religião e símbolos sagrados para afirmar a sua identidade colectiva, para Max Weber (1864-1920), a religião absorve e reflecte os valores e a cosmovisão de vários grupos sociais, ou seja, os símbolos religiosos serão mais elaborados nas sociedades elaboradas e menos estruturados nas sociedades menos desenvolvidas, dependendo da riqueza que lhe está associada.

A religião também pode ser objecto da ciência, forma universal de cultura. Mircea Eliade (1907- 1986), especialista em ciência da religião, deu como definição de religião

õ Um conjunto de mitos, de símbolos e de ritos. Através dessas categorias, ela interpreta o real, oferece seu próprio conjunto de significações e dá valor a objectos e acções. O sagrado é o centro da religião: é um valor atribuído a coisas, objectos, pessoas que se tornam referências da vida e da moral. Nesse modelo interpretativo, a religião é considerada no seu aspecto fenomenológico: relacionar os vários elementos deste fenómeno, em suas similaridades e diferenças, padrões e inovações, possibilita criar tipologias adequadas da religião, na busca da sua classificação (SCHIAVO, (s.d.), p.4).

A religião como parte da cultura, contribui para a construção de significado, facilitando uma resposta às questões mais profundas do ser humano. Toda a religião fala através de símbolos e se constrói como um conjunto de mitos e ritos. Dentro da cultura, a religião influencia comportamentos, cria o verdadeiro e o falso, o normal e o anormal, o justo e o injusto. É desta forma que a religião colabora na construção da identidade cultural dos povos. Além do mais, a religião é património cultural dos povos e não só da instituição igreja, como poderíamos pensar, representando o desejo humano de se superiorizar, sendo o fruto da história e da tradição dos povos.

3.3.1 Definição do Lazer

No respeitante ao tempo livre, queremos reportar-nos ao tempo que realmente sobra após o trabalho. Dentro do próprio tempo livre, existem períodos afectados à satisfação das necessidades básicas, para além do cumprimento dos deveres de ordem social, familiar, cívica ou religiosa. *Hoje, o lazer faz parte da vida quotidiana de toda a gente. As pessoas são solicitadas à evasão da monotonia da vida quotidiana, consumindo viagens para os mais variados destinos.* (SANTOS; GAMA, 2008, p.62)

Não podemos esquecer que o tempo livre não significa essencialmente ócio ou lazer, bem como o próprio trabalho é, por vezes, confundido com estados de lazer. Veja-se que esta situação é consequência da alteração dos modos de trabalho e a redução dos respectivos horários de trabalho. (SANTOS; GAMA, 2008, p.63).

Existe uma ligação intrínseca entre o consumo e o tempo livre, ou seja, quando se fala de tempo livre na actual sociedade, fala-se, inevitavelmente, de consumo. Entre os consumos ligados ao lazer, há que destacar o próprio turismo. O consumo é uma consequência do tempo livre, até pela análise de que quando estamos a trabalhar não há tempo para consumir. (SANTOS; GAMA, 2008, p.66-67).

Hoje em dia, o lazer tem alcançado espaço e valorização social.e é fundamental enquanto indicador de qualidade de vida, sendo um valor orientador da organização socioeconómica da sociedade contemporânea a par com o trabalho. O termo lazer provém do latim *licere*, que significa ser lícito, e denota permissão de ocupação pessoal sem compromisso de tempo e sem a vinculação de obrigatoriedade e de compromisso com o trabalho.

Dumazedier (2001, p. 34)) aponta uma definição mais ajustada aos propósitos deste trabalho ao referí-lo como um:

o [...] conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Além do mais, Já em 1967, Dumazedier defendia a perspectiva de que o lazer teria um contributo positivo para a sociedade industrial. A redução das horas de trabalho

seriam algumas características da nova sociedade
sociais é estabelecido em 3 funções:

- O descanso (físico e moral);
- O divertimento e recreio (como compensação ao tédio);
- O desenvolvimento da personalidade.

Efectivamente, como referímos anteriormente, o lazer integra situações de descanso.

Por outros termos, podemos referir que *õA palavra lazer deriva do latim licere, ou seja, "ser lícito", "ser permitido". Poderíamos definir lazer, como uma forma de utilizar o tempo dedicando-se a uma actividade que goste de fazer, o que não significa que seja sempre uma mesma actividade. Esta actividade pode ser uma entre tantas outras.*

No campo da educação pode-se identificar as actividades de lazer como acções integradoras dos «Quatro pilares da educação», propostos por Delors ou seja:

- *Aprender a conhecer e a pensar*
- *Aprender a fazer*
- *Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros*
- *Aprender a ser õ*

É fácil distinguir o tempo livre do (tempo de) lazer para o autor Vukonić o refere na obra *Tourism and Religion: õ (í) it is quite difficult to distinguish between the concepts overlap and complement each other, their conceptual features are clear. This is not Veblen's idleness, the leisure of the lazy bourgeois class. Idleness negates work, and the leisure which should continually make more room for true human living.õ* (p.11)

O tempo livre (incluindo o tempo de lazer) tem crescido ao longo das últimas décadas do século XX, para a maioria das populações.

õReligious travel is not a new phenomenon. Religion has long been an integral motive for understanding journeys and is usually considered the oldest form of non-economic travel. (...) Every year, millions of people travel to major pilgrimage destinations around the world, both ancient and modern in origin. (...) Religiously or spiritually motivated travel has become widespread and popularized in recent decades, occupying an important segment of international tourism (...) õ(OLSEN, 2006, p.1)

O autor Vukónic considera também que *õPeople have always had a spiritual life, from the beginnings of humanity until today. It existed even when people were not consciously aware of it, or at least was not aware of its meaning and were unable to discuss it.õ*(1996, p.3)

Efectivamente, muitos espaços da religião estão associados a situações de excursionismo e inscrevam-se dentro de situações de lazer.

empo de lazer) tem crescido ao longo das últimas
ria das populações.

3.3.2.A Igreja Católica e o Turismo Religioso

Já vimos ao longo deste trabalho que o turismo religioso é um fenómeno gerado, essencialmente, no seio das sociedades ocidentais, e, em especial, na esfera da religião Católica.

A própria postura da Igreja face ao turismo foi definitivamente iniciada com um documento sobre a chamada Pastoral do Turismo, publicado pelo Papa Paulo VI em 1969, mas ainda hoje é apontada como verdadeira referência sobre o tema, ã longe de ser considerado um perigo para a fé ou os costumes, o turismo é visto como uma oportunidade para a realização do homem, para a compreensão entre as culturas e as tradições ã (CALIMÉ, 1997, p. 15).

A expressão institucional do Vaticano para esta área é o Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes Sector do Turismo e Peregrinações, da Conferência Episcopal de cada país e também a nível diocesano.

O Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Imigrantes (1999) afirma isso mesmo ao dizer que: *ã Em certo sentido, cada peregrinação revela um aspecto do turismo religioso que deve ser tido em conta não só visando o enriquecimento cultural da pessoa, mas também a plenitude do espírito. A contemplação da beleza é fonte de espiritualidade ã* (p. 48).

Uma posição em tudo semelhante é a defendida pelo reitor de Fátima, ao afirmar: *ã o fenómeno da peregrinação se reveste de características qualitativas muito próprias, suficientes para o classificar à parte das actividades turísticas, mas que se pode admitir a sua inclusão na denominação do ã Turismo religiosoã pelas implicações de que vem geralmente acompanhado ã* (GUERRA, 1989: 8).

Digamos que a Igreja Católica está muito atenta às alterações ocorridas nas deslocações religiosas, apoiando a organização de peregrinações, bem como de viagens de turismo religioso, ou até às próprias situações em que existem, dicotomicamente, a motivação religiosa e a cultural, falando-se no 6º Congresso Mundial da Pastoral do Turismo, em turismo cultural de orientação religiosa (OSTROWSKI, 2000).

o aspecto religioso, a Igreja Católica aconselha, por parte de voluntários das comunidades respectivas, quando o aspecto patrimonial pode ser superior ao espiritual, que se devem interpretar as ligações religiosas/culturais, realçando a importância da espiritualidade na obra arquitectónica. *õ A fim de que estes lugares com sentido para hoje e não apenas arquitecturas mortas ou esqueletos estéticos, (mas sim) lugares de memória viva õ* (AUCOURT, 1994, p.153).

Num mundo global em que os mosteiros, as catedrais e os santuários deixam, de uma certa maneira, de ser pertença exclusiva da Igreja, em virtude de serem património cultural de um país ou até da Humanidade pela sua abertura ao público e interesse histórico-cultural ou religioso, leva mesmo a que representantes da Igreja insistam na necessidade de haver um acolhimento mais atento e profissional, face ao fluxo turístico.

Inúmeras vezes os turistas que visitam monumentos religiosos, porque não foi a religião que os levou até lá, pretendem mais informações sobre o próprio património cultural, os santos, os vitrais, os altares, os mosaicos, as talhas douradas, que acabam por vezes por integrar conteúdos de pura fé e até mesmo de sacralidade, que estão para além do mero interesse histórico.

Quando um turista visita uma catedral gótica não pode deixar de sentir a envolvimento espiritual que presidiu à sua própria construção. Como não podia deixar de ser, a Igreja Católica vê nessas visitas a lugares sagrados uma verdadeira oportunidade de evangelização, ou pelo menos, uma forma de participar no mercado de consumo, de que não se pode auto-excluir devido ao perigo que daí resulta de ser ultrapassado por outras formas de fé mais mercadorizadas e espectaculares.

Cite-se a propósito: *õ É mais fácil atrair pessoas a uma viagem turística comum, mesmo com uma tônica religiosa no seu itinerário. Uma excursão cuidadosamente conduzida permitirá uma lenta e tranquila influência religiosa. Ela pode criar numerosas oportunidades para testemunhos evangélicos. Ela poderia tornar-se uma espécie de diálogo, tanto verbal como não verbal, com o homem de fraca religiosidadeõ* (OSTROWSKI, 2000, p. 58).

3.5 Caracterização do Turismo Religioso enquanto segmento de mercado turístico **- Turismo Religioso: entre a Religião e a Actividade turística**

É relevante realçar a importância que o Turismo Religioso tem nos nossos dias, como segmento de mercado turístico em expansão, a nível mundial.

com o intuito de reflectir e analisar as diversas s últimos anos, temos assistido a um aumento de debates sobre questões religiosas e, presumivelmente a um *õ renascimento do sagrado õ*. Tal como Santos o sublinha, *õ Falar em turismo religioso, é realçar um segmento que tem capacidade de contribuir para o progresso regional e participar no respectivo desenvolvimento sustentável, permitindo às populações locais beneficiar do seu incremento õ*. Por isso, torna-se imprescindível que as autoridades religiosas, as autarquias, os operadores turísticos estejam conscientes do papel que devem desempenhar na organização, gestão e divulgação do Turismo Religioso, caracterizado por *õ uma elevada fidelização de procura e por uma menor oscilação desta em função de alterações de mercado e de períodos de recessão económica, assim como um efeito mais positivo a nível de combate à sazonalidade no uso destes destinos õ*. (SANTOS, 2006).

O Turismo Religioso, em Portugal, internacionalizou-se, sem dúvida (temos como exemplo Fátima, a cidade -santuário, que cada ano, recebe cada vez mais turistas estrangeiros).

Apesar de tudo, o PENT (Plano Estratégico Nacional de Turismo) não considera o Turismo Religioso como um produto estratégico para Portugal. Perde então, até 2015, a oportunidade de *õ tornar os territórios onde o turismo religioso é uma realidade, mais competitivos òe de õ (í) atrair investimento privado, de fixar quadros mais qualificados, de incentivar a modernização de equipamentos turísticos e de canalizar e obter os apoios financeiros necessários.õ*

Considero esta decisão política como uma leitura mal orientada das propriedades e recursos turísticos em Portugal. O turismo religioso está em franca expansão, não sujeito às oscilações do mercado turístico, tanto em Portugal como no resto do Mundo, e, como sabemos, a sazonalidade é um dos problemas centrais para o planeamento turístico.

É difícil discutir e apoiar com argumentos a importância do fenómeno do Turismo Religioso a nível de repercussões económicas porque os dados estatísticos são insuficientes e não imediatamente disponíveis. Como consequência, falar sobre os aspectos económicos do Turismo Religioso é quase impossível.

Hoje em dia provavelmente não há teólogos ou outros teóricos que negariam os impactos económicos que o Turismo Religioso tem vindo a desenvolver. Apesar de parecer, pelo menos à primeira vista, incontestavelmente que esses impactos existem, e

quase evidente. A quantificação seria a única forma
es reais deste fenómeno económico: o Turismo

Religioso. Em todos os lugares de peregrinação ou Turismo Religioso, é difícil fugir da ideia de que o impacto profano é mais e cada vez mais a par do impacto religioso. As cidades onde existe Turismo Religioso (Fátima, Braga, etc.) beneficiam de vantagens a nível económico

No entanto, Vukonić confirma o seguinte: *“Pilgrimage and religious tourism also affect the population in the place of pilgrimage and its immediate vicinity. This influence consists first of all in employment opportunities, which leads to a total demographic growth of the settlement. Almost all shrines, including the largest, demonstrate this fact unambiguously.”* (OLSEN, 2006, p.173)

Continua dizendo: *“Of course, apart from the religious domain, all this is based on the profane domain, the area of the economy and economic impacts caused by the arrival and sojourn of the believers. Very often religious considerations and religious teaching are ignored and attempts are made to use the large-scale presence of believers in the same way, or in a way very similar to the way this is done in traditional tourism. In Christian, especially Catholic pilgrimage centers the religious border was crossed long ago in all possible forms of the commercialization of the religions feelings of visitors.”* (OLSEN, 2006, p.176).

3.6 Evolução Futura do Turismo Religioso

Começamos por nos interrogar sobre quais as linhas de evolução previstas para o turismo religioso? Como já constatámos ao longo deste trabalho já existem, actualmente, profundas alterações nos programas de visitas a monumentos com ligação à espiritualidade. Assim, a partir da década de 90, alguns operadores turísticos alteraram os seus programas *“no sentido de uma viagem de estudo, cujo ponto central investe o âmbito religioso”* (SCHNEIDER, 1992, p.2).

Assistimos a uma maior oferta de turismo cultural nos programas de muitas agências turísticas, até porque os resultados visíveis e conhecidos compensam este tipo de turismo.

Temos ainda de considerar que, no âmbito do turismo religioso a tendência é para a segmentação dos mercados turísticos, no sentido em que cada lugar de destino deve encontrar e promover a própria imagem que corresponda à sua vocação específica, tendo em atenção as características religiosas e culturais.

statamos que, em virtude do seu acentuado cunho
nter-se como espaço do sagrado, de recolhimento e

oração, preservando as características inatas.

À guisa de conclusão pode sintetizar o temo com conceitos fundamentais. A Igreja vai continuar a procurar no turismo religioso uma forma privilegiada para conseguir uma maior afluência dos crentes.

A Igreja providenciará, sistematicamente, para proteger as funções que designou como serem dominantes na sua actividade:

- A ideia de todas as nações unidas, solidárias;
- O estabelecimento da paz duradoura na Terra;
- A compreensão mútua e o respeito entre as pessoas;
- A força da família;
- A unidade básica da História. (GUERRA, 1989).

Será importante formar o melhor possível, todos os agentes de turismo religioso, devido à complexidade do tema.

Surgirão, provavelmente, novas actividades e novos aspectos na Igreja Católica. A própria educação religiosa será levada a cabo através das mais variadas formas de Turismo.

Além do mais, é bem provável que o turista alternativo (com uma certa convicção religiosa) estabeleça, com a população local da mesma religião ou não, um diálogo proveitoso no nvo meio de recepção turística. (GUERRA, 1989)

Antes de abordar o Turismo Religioso de forma específica em Portugal, iremos abordar o Turismo em Portugal, de modo geral.

4.1 O Turismo em Portugal

O Turismo é um sector que, em Portugal, possui uma elevada importância ao nível da actividade económica.

A grande variedade de recursos que Portugal possui, enquanto destino turístico, transforma-o numa potencialidade com características singulares. Saliente-se, então, que o Turismo, devidamente enquadrado num plano integrado de desenvolvimento, constitui um dos sectores estratégicos mais importantes para o desenvolvimento de uma região, não só através do rendimento e emprego que gera, mas, também, relativamente à sua contribuição para o equilíbrio da balança de pagamentos, bem como através dos investimentos directos e indirectos, que poderão constituir a base de um arranque para o desenvolvimento sustentável.

Já que o Turismo é uma actividade multidisciplinar, à medida que se vai desenvolvendo, torna-se uma actividade que responde à satisfação de necessidades de ordem intelectual, física, psicológica, cultural, social e profissional, mediante o desenvolvimento de novas actividades e a renovação das existentes.

A política nacional para o sector turístico não se tem caracterizado pela inovação, limitando-se a repetir, ano após ano, os objectivos e as medidas já apresentados em anos anteriores e, pontualmente, a incluir uma ou outra acção nos domínios legislativo ou promocional.

Neste sentido, a política turística, bem como os empresários terão de responder, através da criação de condições susceptíveis de reterem o turista nacional, de forma a que este privilegie os produtos turísticos nacionais, em alternativa aos que lhes são oferecidos no estrangeiro.

É, nesta ordem de ideias que terá de se adoptar uma nova estratégia que conduza à revitalização do sector turístico português, tendo em consideração a requalificação da oferta existente e o desenvolvimento de novos produtos turísticos, implementados de acordo com as novas tendências da procura, e de acordo com os novos dados exploratórios dos recursos naturais e culturais.

urismo em Portugal (2005), este país é detentor de uma reputação conhecida, está relacionada com um nível de qualidade baixo, e é visto como um destino que compete com destinos em que o preço é o único factor de diferenciação.

Assim, pretende-se que Portugal seja considerado um destino de qualidade, diferenciado e competitivo, pelo que os excelentes resultados obtidos nos últimos anos implicam a sua consolidação e a focalização num modelo de desenvolvimento que não se concentre apenas no crescimento quantitativo do sector.

Uma das grandes vantagens de Portugal, enquanto destino turístico, é o facto de conseguir satisfazer motivações turísticas diversas. Em todos os pontos do país, há uma cultura e tradições ricas e diferenciadas. Tal circunstância permite uma segmentação baseada nas necessidades do mercado, o que constitui uma possibilidade constante para conquistar valores acrescentados. Por outro lado, conceber estratégias diferenciadas, com a oferta de uma panóplia de produtos e serviços turísticos, poderá angariar uma nova gama de clientes, proporcionando, assim, ganhos acrescidos.

De acordo com Estevão (2004), no que respeita à distribuição espacial do Turismo português (tanto em termos de procura como em termos de oferta), verificam-se nítidas assimetrias e desequilíbrios, a que não é alheio o facto de o Turismo se ter baseado no aproveitamento exaustivo dos factores naturais, que respondem à procura do sol e mar. Apesar de se pretender dar resposta às motivações dominantes da procura, tem-se verificado uma tendência para a diversificação da oferta, nomeadamente ao nível da recuperação do património, das actividades culturais, desportivas e ligadas à natureza, oferta essa também suportada pelo desenvolvimento e integração de novos recursos.

Para termos uma verdadeira perspectiva sobre o Turismo Religioso em Portugal, vamos começar por apresentar dados estatísticos sobre a importância económica deste segmento do mercado turístico.

Reportando-nos às palavras de Vítor Neto, ex-secretário de Estado do Turismo no primeiro Governo de António Guterres, e, actualmente, presidente da Associação Empresarial da Região do Algarve (NERA), que proferiu uma dissertação no Instituto Politécnico de Viseu, ficámos a saber que o Turismo é a maior empresa exportadora de Portugal é claramente o Turismo que teve uma receita de 7 mil milhões de euros em 2009. Esclarecendo o que isso quer dizer: *o Turismo significa seis vezes as exportações da*

or cento do *défice comercial de Portugal e, a Espanhaö.*

Tendo em conta estes dados sobre o turismo, em geral, vamos apontar umas breves notas sobre o Turismo Religioso em Portugal. Conforme já vimos, anteriormente, este tipo de turismo envolve sete milhões de pessoas por ano, gerando receitas de 700 milhões de euros e, corresponde a cerca de 10% do movimento turístico nacional.

De per se, estes números contestam a decisão do PENT (Programa Estratégico Nacional de Turismo), que afirma a não relevância estratégica económica deste tipo de turismo.

Não obstante a ausência de dados estatísticos, actualizados, sobre o Turismo Religioso, podemos afirmar, segundo dados recolhidos na revista *Turisver* de 20 de Abril de 2010, que, a nível mundial, este segmento de mercado envolve entre 300 a 350 milhões de pessoas por ano e, com receitas que atingem 15 a 18 mil milhões de euros/ ano. Quanto ao caso de Portugal, sabemos que Fátima recebe cerca de 5 milhões de visitantes por ano, seguida do santuário de Braga com cerca de 1 milhão de visitantes.

2.1. Religiosidade dos Portugueses

A sociedade portuguesa é profundamente marcada pelo Catolicismo e é detentora de um património rico e moldado, que conjuga a cultura com a religião. Possui um património cultural e religioso de forte relevo artístico e histórico: *õ a arquitectura portuguesa de grande dimensão, nas cidades, vilas, aldeias, aparece como lugar de uma inscrição ineludível da matriz religiosa cristã da cultura portuguesa.ö* (SEMANA DE ESTUDOS TEOLÓGICOS, 2003, p.93).

Esta constitui a linguagem mais visível e pública. Desfruta também de uma arquitectura de dimensão menor, referente à devoção local popular, como por exemplo, nos Açores, em São Miguel, existem azulejos decorativos nas habitações que marcam as devoções ao Senhor Santo Cristo, a São João Baptista ou à Nossa Senhora de Fátima.) O mesmo acontece nas ruas de Fátima ou de Nazaré. Dentro das moradias dos portugueses, é também costume encontrar réplicas da Ceia do Senhor, a Sagrada Família, o qual podemos considerar como património religioso õpessoalö. É importante não esquecer a linguagem célica: o património religioso e cultural também permite essa linguagem através das festas religiosas, nomeadamente com as procissões. Com efeito,

s e romarias como outra linguagem do património
Coimbra ou Santiago de Compostela inscreve-se nessa
linguagem patrimonial). A linguagem festiva também está fortemente presente. A festa
(tradicional com novos elementos introduzidos nas comunidades) constitui um vasto
património, dinâmico em Portugal, principalmente na zona Norte. A não esquecer
também a linguagem literária da religião, a qual se encontra presente na literatura
poética (como por exemplo na de Camões:öCamões foi exímioö, Garrett õBela Avé
Maria.) (SEMANA DE ESTUDOS TEOLÓGICOS, 2003).

Conforme temos vindo a referir, Portugal não é excepção à alteração dos padrões
de comportamento religioso. A Igreja Católica portuguesa, tem realizado medições,
respectivamente, em 1977, 1991 e 2001.

Muitos que se consideram católicos praticantes já não frequentam a missa dominical.

Continua a haver uma clivagem acentuada entre o Norte e o Sul de Portugal., no
que concerne a prática dominical. Veja-se, por exemplo, que nas dioceses de Lisboa,
Setúbal, Évora, Beja e Algarve, essa prática desce a valores inferiores a 100 praticantes
por 1000 habitantes, sendo consideradas áreas de prática religiosa muito fraca.

Por outro lado, tendo uma prática religiosa muito elevada, surgem as dioceses de Braga,
Lamego e Vila Real, considerando que 1/3 da população assiste, todas as semanas, às
celebrações religiosas, reafirmando uma prática religiosa muito intensa. Ainda perto
desta realidade estão as dioceses de Bragança e Miranda do Douro, Porto, Viseu,
Aveiro, Leiria-Fátima, e, as dioceses insulares de Angra e Funchal. Uma excepção
intercalar é a da Diocese de Coimbra, que mantém um nível intermédio entre as duas
práticas religiosas já referidas.

Com o decorrer dos anos, temos vindo a assistir ao decréscimo da população
católica praticante. Não obstante esta diminuição decorra de forma lenta, é até possível
determinar uma alteração, tal como acontece com outros países europeus,
tradicionalmente católicos, de alguns modelos da própria participação na vida religiosa.
Acerca deste assunto, e, segundo um estudo sociológico acerca das õ Atitudes e Práticas
Religiosas dos Portuguesesö (CABRAL, VALA, PAIS e RAMOS, 2000):

*õ Os parâmetros definidores das crenças e filiações religiosas estão em mudança,
traduzindo, provavelmente, uma crescente individualização e subjectivação do
sentimento religioso, embora variável de acordo com os diferentes contextos e
tradições õ. (p.9)*

Aliás, estamos perfeitamente de acordo com esta análise sociológica, porquanto vem de
encontro às considerações já apresentadas no presente trabalho.

não obstante a grande maioria dos portugueses se culturais, há uma real e efectiva diminuição na prática dominical. Por outro lado, assiste-se à disseminação de práticas religiosas, que envolvem milhares de portugueses, numa vertente quase fundamentalista de certas práticas, ditas de fundo cristão, que lançam a dúvida sobre o verdadeiro conteúdo dessas práticas, não passando, a meu ver, de pura manipulação da fé das pessoas, em tempos graves de crise económica/ social. Veja-se o exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus, que vem criando centros de culto por todo o território nacional, adquirindo mesmo cinemas e outros espaços enormes, com uma população de adeptos em constante aumento, até em certas zonas do país onde a prática dominical está em retracção. Estes fenómenos de grande oportunismo religioso / económico, correspondem a uma real necessidade das populações que necessitam de ouvir mensagens de esperança, enquanto as suas vidas familiares e económicas se vão degradando.

4.2. Fátima

Em 1917 não existia qualquer construção na Cova da Iria, ficando as casas mais próximas a cerca de 1km do local. *õ í a Cova da Iria era um ermo, pedregoso, onde vegetavam algumas azinheiras, carrasqueiras e oliveiras, animado de vez em quando pelas ovelhinhas a relvarem nas penedias ou acomerem a bolota que caísse das árvores* (RODRIGUES, 1974, p.34).

Neste ambiente, a 13 de Maio desse ano, deu-se um acontecimento transcendente que iria alterar completamente esta zona: o aparecimento de Nossa Senhora a três pastorinhos. A aparição repetiu-se sempre no mesmo local, todos os dias treze de cada mês, excepto em Agosto que ocorreu noutra data, ou seja, a dezanove, e no sítio de Valinhos, próximo de Aljustrel.

A 13 de Outubro, data da última aparição, cerca de 70.000 pessoas encontravam-se no local aguardando a visão ã do milagre do solõ, em que a Virgem terá dito para fazerem nesse local uma capela em sua honra.

Nasceram as romagens com pessoas não só da região mas de outros pontos do país. A devoção a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, rápidamente ultrapassa fronteiras e, começam a chegar peregrinos de várias partes do mundo. Actualmente, entre nacionais e estrangeiros atinge-se o impressionante número de cerca de 5 milhões de peregrinos.

arquia de Ourém começou a conceder autorizações
íveis, época em que se começa a manifestar alguma
intenção de algum ordenamento territorial. Em 1923, vedou-se o recinto das aparições
com um muro e na entrada principal puseram-se arcadas e portões de ferro, tendo de
cada lado construções para venda de artigos religiosos, começando-se a delinear o que
viria a ser o Santuário (AMBRÓSIO, Vitor, 2000, p 73).

Quando se dá início à construção da Basílica, em 1928, existem 7 fogos, 4 casas
comerciais, 1 café e 1 hotel em construção (AMBRÓSIO, Vitor, 2000, p 73).

A 13 de Outubro de 1930, na Carta Pastoral ã A Divina Providênciaã, o Bispo de Leiria
declara dignas de fé as aparições e autoriza o culto de Nossa Senhora do Rosário de
Fátima. Foi este o despoletar do grande fenómeno de peregrinações, a nível mundial, e
da própria propagação do culto da Virgem de Fátima.

4.2.1- O Santuário de Fátima

A Cova de Iria nasceu num descampado onde, em 1917 se deram as aparições de
Nossa Senhora. Desenvolveu-se devido ao contínuo afluxo de pessoas, cujas funções se
foram multiplicando, embora continuem em lugar de destaque as que se ligam ao
fenómeno religioso, que começou quando três crianças, naturais de Aljustrel (pequeno
lugar da freguesia de Fátima), apascentavam um rebanho numa localidade chamada
Cova de Iria. Chamavam-se, respectivamente, Lúcia de Jesus, Francisco e Jacinta
Marto, de 10, 9 e 7 anos.

Sobre uma azinheira avistaram uma luz envolvendo uma Senhora que lhes falou,
pedindo-lhes para rezarem e convidando-os a voltar nos meses seguintes. Para assinalar
o local das Aparições, contruiu-se um arco de madeira com uma cruz. A pequena
árvore, a pouco e pouco, foi sendo levada pelos peregrinos. Em 6 de Agosto de 1918,
com as esmolas dos fiéis, iniciou-se a construção de uma pequena capela, em
homenagem a Nossa Senhora, feita de pedra e cal e, cobertura de telha, com 3,30 metros
de comprimento, 2,80 metros de largura e 2,85 metros de altura. Foi a primeira
construção do actual recinto de oração. Nos dias de hoje, o Santuário de Fátima acolhe
acolhe em peregrinação e oração, muitos milhões de peregrinos, vindos de todos os
cantos do mundo, sobretudo na Peregrinação anual de 13 de Maio e, nos restantes dias
13 de cada mês, de Maio a Outubro.

*ã O Santuário possui hoje, não só um vasto conjunto de edifícios, como também
um amplo recinto ao ar livre, com área 86.400m², que comporta cerca de 300.000*

Para além da Capelinha das Aparições, a Basílica, 13 de Maio 1928, pelo Arcebispo de Évora, D. Manuel da Conceição Santos, e projectado pelo arquitecto holandês Gerard von Krieken. A Basílica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima foi totalmente construída com pedra da região e, os altares são de mármore de Estremoz. Mede 70,50 metros de comprimento e, 37 metros de largura. Tem 15 altares comemorativos dos 15 Mistérios do Rosário. Na capela lateral esquerda, repousam os restos mortais de Jacinta, e na capela lateral direita, repousam os restos mortais de Franciscoö. (Movimento Pró-Concelho de Fátima, Processo de Fátima a Concelho).

Ainda no recinto do Santuário podemos ver a azinheira grande, debaixo da qual os Pastorinhos e os primeiros peregrinos esperavam e rezavam o terço, antes de chegar Nossa Senhora, o monumento ao Sagrado Coração de Jesus, que se ergue no centro da praça, a cruz alta no topo sul do recinto, o monumento a D. José Alves Correia da Silva, primeiro Bispo da Diocese de Leiria, Centro Pastoral Paulo VI.

Em Fátima (sede da paróquia), pode visitar-se a Igreja Paroquial onde os videntes foram baptizados, e o Cemitério onde Francisco e Jacinta estiveram sepultados. Além do recinto do Santuário poderá visitar-se o Centro Pastoral Paulo VI, a casa dos Pastorinhos e o Museu Etnográfico em Aljustrel, o monumento a Nossa Senhora nos Valinhos, a Loca do Anjo, a Via-Sacra, o Calvário, o Museu de Cera de Fátima, o Museu de Arte Sacra e Etnologia de Fátima, o Museu das Aparições de 1917 e ainda se pode vêr o espectáculo multimédia ã Fátima Fantásticaö.

4.2.2- Turismo de Fátima dependente do Santuário

A diversificação promovida pelo Santuário é a actividade fundamental para sustentar o turismo religioso em Fátima. Nas palavras de Bregieira, director da *Protavel*, agência de viagens em Fátima: *õ Fátima não vive só nos dias 13, vive, cada vez mais, dos movimentos religiosos e das suas iniciativasö, convívios, excursões, seminários, congressos, etc. Eventos que geram movimentam fora dos picos de procura, e que, quase invariavelmente passam por Fátimaö.*

Quanto a diversificar mercados, também o citado Bregieira considera como difícil: *õ Nossa Senhora apareceu entre Maio e Outubro, precisamente no período de Verão, o que levou a formas de organização que tornam difícil outro tipo de clientes, podem mesmo ser incompatíveisö. O que o citado senhor preconiza é o aparecimento de uma oferta hoteleira que ãe pelos pelo preço serviços prestados, concretize uma diferenciaçãoö. Sabemos que o primeiro hotel de cinco estrelas de Fátima já foi*

ata. Alguns hotéis fecharam e não voltaram a abrir.

os preços podem disparar para várias vezes mais que no resto do ano. Esta prática não me parece muito correcta porque lança uma certa confusão numa área tão sensível.

Contudo, há dezenas de hotéis em actividade, há muitos anos, optando por remodelações, garantindo a qualidade da oferta. Para resumir, pode-se afirmar que o turismo em Fátima tem virtudes e defeitos. Aquilo que podemos designar como primeira virtude é a de existir, garantindo a existência de dezenas de unidades hoteleiras e outras actividades. Sem aparições, sem movimento religioso, é duvidoso que a oferta em Fátima superasse uma pequena fracção da existente. É claro que o grande problema é a sazonalidade, defeito característico de vários destinos turísticos.

Quanto ao próprio crescimento, é evidente que Fátima só pode seguir em frente prosseguindo no seu mercado natural, ou seja, no religioso. Recorde-se que o movimento e as repercussões geradas a cada visita de um Papa, superam quaisquer tentativas para diversificar mercados.

Em anos normais já vimos que a procura por hotéis transborda de Fátima para Leiria, Batalha ou até mesmo Alcobaça, mas, neste ano, com a visita do Papa Bento XVI, a procura chegou a Lisboa e Coimbra.

Face ao exposto, anteriormente, podemos afirmar que, sem o turismo religioso Fátima seria um centro urbano completamente diferente ou talvez não existisse mesmo enquanto tal. Contudo, não podemos esquecer que o culto mariano está tão fortemente enraizado na alma do povo que, só podemos prever uma maior dinamização de Fátima, através do Turismo Religioso complementado por uma maior aproximação a todos os visitantes.

A recente polémica sobre a intenção de implementar um aeroporto que estivesse no eixo Leiria ó Fátima, para viagens de baixo custo, servindo o fluxo turístico de Fátima, é uma questão que ainda não está encerrada.

4.3.1 Braga

¹⁹ Podemos afirmar que o Turismo Religioso encontra em Braga a sua sede. Não é por acaso que a cidade de Braga foi escolhida para receber a Delegação da Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal, como dinamizadora do Turismo Religioso. Braga, conhecida como a ã roma Portuguesaö, foi a cidade que mais Bispos teve e deu ao país. Nela concentram-se solenidades religiosas quase diárias, como por exemplo, as solenidades da Semana santa, que são um cartaz turístico conhecido não só no nosso país, como no estrangeiro. Também não é acidental que a religiosidade no Norte de Portugal seja levada tão a sério. As próprias Peregrinações a locais de devoção Mariana ou até aos Caminhos de Santiago têm a ver com a proximidade do Norte do país com a Galiza, envolvendo a peregrinação no eixo espiritual que vai de Fátima a Santiago de Compostela, percorrido pelos crentes com uma fé sem limites. Aliás, as raízes do Turismo Religioso penetram bem fundo, formando uma rede de louvor aos Santos e a Deus, envolvendo localidades de Guimarães a Viana do Castelo, passando pelo Porto, Lamego, Vila real, Bragança e muitas outras cidades do Norte do País.²⁰



Pela riqueza do espólio religioso que existe na cidade de Braga e arredores, compreende-se perfeitamente que seja o destino privilegiado de cerca de um milhão de visitantes.

4.3.1 1 Santuário do Bom Jesus do Monte ou Do Bom Jesus De Braga

Conforme constatámos, ao longo deste trabalho, cerca de um milhão de turistas religiosos dirigem-se para a cidade de Braga, visitando especificamente o Santuário do Bom Jesus do Monte ou Santuário do Bom Jesus de Braga. Este Santuário é um local religioso e turístico, situado em Tenões, uma freguesia dos arredores de Braga

¹⁹ Festas de Braga, Foto da nossa autoria

²⁰ www.inedia.net



grande igreja, um
por onde passa a
Via Sacra do Bom Jesus, uma
mata (Parque do Bom Jesus),
vários hotéis e um elevador
hidráulico. Curiosamente, o
Santuário do Bom Jesus



serviu de inspiração a numerosas construções espalhadas pelo mundo, como é o caso do Bom Jesus de Congonhas, na localidade de Congonhas, no Brasil, ao Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego. A construção é dos séculos XVIII e XIX, com estilos barroco, rococó e neo clássico, com as capelas da Via Sacra e com a Igreja, com uma monumental alameda e escadaria com estátuas e fontes simbólicas. Situado na zona leste da cidade, tem acesso de automóvel, a pé pelo escadório monumental, ladeado por capelinhas da Via-sacra, ou pelo elevador.



4.3.1.2. Santuário de Nossa Senhora do Sameiro

A construção iniciou-se em meados do século XIX, e é o centro da maior devoção mariana, depois de Fátima. Destaca-se a Basílica, o grande escadório, virado para a cidade de Braga e os monumentos aos Papas Pio XII e João Paulo II.

A Basílica tem um sacrário em prata cinzelada, cerâmicas na cripta da autoria de Querubim Lapa (1979), vitrais e frescos.

Tem missas, Festas, Romarias e Procissões.

Realiza-se no local, a 8 de Dezembro, a Festa da Imaculada Conceição.

²¹ Santuário do Bom Jesus de Braga, Foto da nossa autoria

²³ Santuário do Bom Jesus de Braga, Foto da nossa autoria

²⁶ Santuário do Bom Jesus de Braga, Foto da nossa autoria

Neste Santuário, situado na serra do Gerês, cuja memória se perde na bruma dos tempos, situado na freguesia de Rio Caldo, concelho de Terras do Bouro, no Gerês. São Bento, o patriarca dos monges do Ocidente, a quem foi atribuído o título de o Pai da Europa é alvo des grande devoção. Durante muitos anos a festa litúrgica de S. Bento celebrou-se a 21 de Março, mas, actualmente, encontra-se fixada a 11 de Julho, com honras de Patrono da Europa. Há ainda entre 10 a 15 de Agosto, uma grande romaria em honra de S. Bento.²⁹ Todas estas romarias envolvem milhares de pessoas com profunda devoção por este Santo, tendo-se criado uma Irmandade de S. Bento da Porta Aberta.

4.3.2 Coimbra

A Lusa Atenas é uma cidade com um património histórico variado e riquíssimo. O outro milhão de turistas religiosos que percorrem Portugal em busca de locais místicos decerto passará por Coimbra, em especial muitos milhares que aderem às Festas da Rainha Santa, que têm lugar nesta cidade de dois em dois anos. Aliás, neste ano de 2010 as Festas ocorrem de 1 a 11 de Julho. É um espectáculo digno de se ver: a enorme procissão das velas que percorre as ruas da cidade até à Igreja de Santa Clara-a-Nova, onde está guardado o túmulo de D. Isabel de Aragão, a Rainha Santa.

A comprovar esta minha afirmação, foi aberto ao público em Abril de 2009 o



mosteiro e Igreja de Sta. Clara-a-Velha, após longas obras de recuperação. Nas palavras do responsável pelo projecto arqueológico e, actual director do Centro Interpretativo de Sta. Clara-a-Velha, Dr. Artur Côrte-real, desde a sua abertura ao público, até Dezembro de 2009, já tinham visitado o local mais de cinquenta mil

pessoas.

Estes números elucidativos e espantosos vêm comprovar como o turismo religioso aliado ao próprio turismo cultural vêm enriquecer a oferta turística na cidade

²⁸ São Bento da Porta Aberta, Foto da nossa autoria

²⁹ São Bento da Porta Aberta, Foto da nossa autoria

o é preciso fazer a nível de divulgação turística, não nacional, esforço esse que tem sido levado a cabo, com todo o empenhamento por parte da equipa que dirige o espaço renovado.

Não podemos esquecer que o mosteiro de Sta. Clara-a ó Velha foi mandado construir pela rainha D.Isabel de Aragão, mulher do rei D. Diniz, e, em 1286 foi dado início à sua construção pelo Mestre Domingo Domingues, sob ordem da Rainha. O estilo de construção é o Gótico Mendicante, obra ímpar do Gótico português. A obra de valorização destaca a ruína como a ã Modelação Virtual-Viagem no Tempoö que possibilita ao visitante a recriação do Mosteiro, desde a sua construção até ao seu abandono no século XVII (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, 2006, vol.I, p. 190).

Temos também a igreja de Santo António Dos Olivais, situada no cimo da colina de Santo António dos Olivais, onde anteriormente ficava a Capela de Santo Antão, doada por D.Urraca aos franciscanos e que se impõe no alto dos seus 30 degraus. No século XIII os frades deixam os Olivais para irem para o Convento de S. Francisco. Os devotos de Santo António já nesta altura tinham feito do local um santuário e muitos fiéis da cidade e arredores aqui acorriam. Em virtude do aumento do culto antoniano a capela deu lugar à igreja que nos finais do século XV começou a ser reformada e ampliada, ficando a ocupar o espaço que tem actualmente, para além de um aumento feito na capela-mor pelo século XVIII.Uma das características mais importantes da igreja é o seu revestimento com azulejos em grande parte do interior da igreja. Assim, as paredes estão revestidas com azulejos da primeira metade do século XVIII, representando cenas da vida de Santo António. Os azulejos da capela-mor são azuis, dos finais do século XVII. A sacristia tem azulejos sevilhanos do século XVI. O interior da igreja guarda uma bonita obra barroca. O altar-mor é de pedra lavrada, sendo o retábulo revestido por uma grande tela representando Nossa Senhora da Conceição. A capela de Nossa Senhora das Dores é de planta octogonal, ficando no átrio, do lado direito. As capelas das escadarias são seis, três de cada lado, de planta quadrangular, revestidas de azulejos.³⁰ Directamente ligada à Igreja de Santo António dos Olivais, a festa do Espírito Santo ou Romaria do Espírito Santo ou õdas campainhasö, em Santo António dos Olivais, onde vinham ranchos com lindas raparigas que queriam cumprir promessas, ao som das flautas e violas. A romaria do Espírito Santo permaneceu até hoje, no Adro

³⁰ www.regiaoocentro.net

vais, contudo, com as modificações próprias da

Além das Festas da Rainha Santa Isabel, é importante inumerar as seguintes festas e romarias: Nossa Senhora da Alegria (Ameal) - 25 de Dezembro; Nossa Senhora da Piedade (Antuzede) - primeiro Domingo de Setembro; S. Gonçalo (Antuzede) - primeiro Domingo de Agosto; Nossa Senhora da Conceição (Arzila) - 8 de Dezembro; Santo Amaro (Assafarge) - primeiro Sábado de Agosto; Nossa Senhora da Ajuda (Assafarge) - 15 de Agosto; Nossa Senhora da Piedade (Botão) - segundo Fim-de-Semana de Setembro; S. Miguel do Outeiro (Botão) - primeira Semana de Setembro; Nossa Senhora da Assunção (Ceira) - 15 de Agosto; Nossa Senhora dos Milagres (Cernache) - Domingo de Pascoela; Nossa Senhora da Conceição (Lamarosa) - 8 de Dezembro; Nossa Senhora da Nazaré (Ribeira de Frades) - 15 de Agosto; Santa Ana (Ribeira de Frades) - terceiro Domingo de Setembro; Mártir S. Sebastião (Ribeira de Frades) - 19 de Janeiro; S. João Baptista (S. João do Campo) - 24 de Junho; Nossa Senhora do Rosário (S. Martinho de Árvore) - primeira semana de Julho; S. Martinho (S. Martinho de Árvore) - 11 de Novembro; Santo António (S. Martinho de Árvore) - 13 de Junho; S. Sebastião (S. Paulo de Frades) - 7,8 e 9 de Setembro.³²

Também nos parece pertinente acrescentar e realçar a rua da Sofia de Coimbra, com as suas 13 ou 14 igrejas!

4.3.3 Tomar

A festa dos Tabuleiros, também chamada Festa do Divino Espírito Santo, que se realiza de quatro em quatro anos, é uma das mais antigas manifestações religiosas de Portugal. Realiza-se apenas na cidade de Tomar e em freguesias deste concelho. Não obstante a sua antiguidade ter origem na Deusa Ceres, com suas festas de colheitas, foi cristianizada, devido à intervenção da Rainha Santa Isabel. A principal característica da Festa dos Tabuleiros é o desfile ou procissão com o número de tabuleiros onde estão representadas as 16 freguesias do concelho.

Esta engloba várias cerimónias tradicionais como o Cortejo das Coroas, o Cortejo dos Rapazes, o Cortejo do Mordomo ou a Chegada dos Bóis do Espírito Santo, a abertura

³¹ <http://www.gerc.110mb.com/tradicoes.htm>

³² <http://portugal.veraki.pt/concelhos/concelhos.php?idconc=191&op=FR&gr=CL>

os cortejos parciais, os jogos populares, o grande
a pêsã.³³

4.3.4 Oliveira de Azeméis

Destaca-se na região a igreja matriz de São Miguel de Oliveira de Azeméis, que foi construída entre 1719 e 1729. Também o Santuário de Nossa Senhora de La Salette. Em 1870, em virtude da grande seca, que assolou o país, os habitantes de Oliveira de Azeméis fizeram uma procissão com o Santo Cristo até ao Monte Crasto, a fim de pedir chuva. Quando chegaram ao local, choveu abundantemente, parecendo a todos que era milagre. Em virtude desse facto, propôs-se a construção de uma capela naquele local, invocando Nossa Senhora de La-Salette.

No primeiro domingo de Agosto, há uma procissão de velas com imagem de Nossa Senhora de La-Salette, do Santuário de La-Salette para a Igreja Matriz. No segundo Domingo, termina com a õprocissão do Triunfoö em que a imagem é transportada de novo para o Santuário. Milhares de pessoas assistem a este evento.

³³ www.tabuleiros.org

5.1 Definição das palavras-chave do trabalho

5.1.1 Turismo

É particularmente difícil definir sem ambiguidades um dos conceitos principais que vão ser tratados no presente trabalho, ou seja, o conceito de turismo.

Em 1937, foi definido oficialmente, pela primeira vez, o conceito de turista pela Comissão Económica da Sociedade das Nações:

õ Toda a pessoa que viaje por uma duração de 24 horas, ou mais, para um país diferente da sua residência.ö (FERREIRA, 2006,p.46). Esta definição peca por defeito na medida em que existem excepções, relevantes (estudantes, viagens relacionadas com o trabalho, etc.) que não se incluem nessa definição.

E, tal com refere COSTA, RITA e ÁGUAS, (2001, p.3), *õ O turismo pode ser definido de diversas formas, de acordo com os interesses e as percepções das entidades envolvidasö*. A maioria das pessoas associa o conceito de Turismo à palavra viagem. A própria palavra *õ turismoö* é atribuída à expressão inglesa *õ The Tourö*, expressão do final do século XVII e início do século XVIII.

A definição da OMT, citada por (CUNHA, 2001,p.30), considera o turismo como *õo conjunto das actividades desenvolvidas por pessoas durante as viagens e estadas em locais fora do seu ambiente habitual, por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, de negócios e outros.ö*

No dicionário de Yves LACOSTE (2003) o conceito de turismo está definido da seguinte forma: *õ Do inglês Tour, viagem circular, dar a volta: partir de casa e voltar a casa.ö* O termo aplica-se ao mesmo tempo às viagens recreativas e ao conjunto das actividades ligadas à deslocação dos turistas. O turismo surgiu em Inglaterra no início do século XIX e tornou-se, no plano financeiro, a principal actividade económica mundial, com 700 milhões de pessoas envolvidas. As suas motivações são essencialmente culturais e geográficas, uma vez que o que os turistas desejam é irem ver sítios que ainda não conhecem e admirar as suas paisagens e monumentos de que viram imagens nos meios de comunicação. Uma actividade geográfica por excelência. É ainda essencialmente um comportamento europeu e americano a que se juntam os japoneses.

itas vezes apresentados como tradução de um dos
sul, países ricos/ países subdesenvolvidos.

Contudo, são muito importantes os fluxos turísticos entre Países Desenvolvidos: Europa/ Estados Unidos, e vice-versa.

Suíça, Itália, Espanha são países onde a indústria do turismo é importante, e, a França é a primeira potência turística mundial pelo número de visitantes.

õ Para muitos pesquisadores, o turismo é uma expressão, uma circulação, um deslocamento peculiar que surgiu no século XIX. (DA SILVEIRA, p.2 apud BOYER, 2003).

õ Mas não pode ser reduzido, enquanto fenómeno a outros aspectos sociais como a viagem, mas sim analisando em suas interfaces e entre cruzamentos com tantos aspectos da vida social como a religiosidade. (DA SILVEIRA, p.2 apud OMENA, 1989).

Aproveitamos o ensejo para fazer a inevitável comparação com o Turismo Religioso, pois é essa a temática principal do presente trabalho. Começamos por nos interrogar de que modos se encadeiam os aspectos ã profanosõ do turismo (lazer, prazer, entretenimento e descontração) com as obrigações ou necessidades espirituais implícitas no fenómeno religioso.

Conforme já vimos no decurso deste trabalho, o Turismo Religioso não é, necessariamente, um turismo feito por religiosos, místicos, devotos e sacerdotes profissionais de qualquer credo ou confissão religiosa. O adjectivo religioso não pode ficar espartilhado na perspectiva exclusivamente cristã no universo da Igreja Católica.

É na religiosidade (acto de professar um sistema de crenças a que chama religião) que o Turismo Religioso pode mesmo ser comparado às peregrinações e romarias aos lugares sagrados. Vejamos o exemplo das peregrinações a Benares (no Hinduísmo), a Santa Sofia (na Ortodoxia Cristã) ou a Jerusalém. Não haverá aqui uma mistura entre o visitante motivado pelo peregrino com o que é motivado pela iminência cultural desses eventos ou localidades? Em Fátima, como referimos anteriormente, esta dúvida é resolvida com o aviso ao visitante:

õ Aqui termina o turista e começa o peregrino.õ.

Não há dúvidas que o Turismo Religioso é uma especial forma de Turismo, imbuído da religiosidade humana. Os lugares de Turismo Religioso são especiais, Santuários ou monumentos plenos de carga espiritual, como por exemplo Santa. Clara-a-Velha, e Sto. António dos Olivais, em Coimbra

Tal como o autor LACOSTE (2003) o afirma, a palavra *desenvolvimento* é muito utilizada tanto em geografia como em economia (desenvolvimento urbano, regional, etc.)

Vejámos um pouco a história do desenvolvimento:

A seguir à Segunda Guerra Mundial, quando o problema da ajuda aos países subdesenvolvidos começou a colocar-se, desde logo nos Estados Unidos por razões geopolíticas (por oposição à expansão dos movimentos comunistas), o desenvolvimento económico foi considerado um objectivo global que os países do Terceiro Mundo deveriam alcançar, tanto mais que gozavam há décadas de um crescimento demográfico muito forte.

Ao mesmo tempo, comparavam-se as características e a evolução dos países desenvolvidos. Foi comparando em tempos relativamente longos a evolução do crescimento económico e dos anos 1960, definições cómodas do desenvolvimento e subdesenvolvimento. Podemos caracterizar o desenvolvimento como uma situação histórica surgida em certos países europeus do século XIX e caracterizado por um crescimento demográfico, que à época era bastante acentuado. O excedente da curva de crescimento económico, relativamente ao da população e das necessidades explica, por um lado, o progressivo melhoramento das condições de vida por pressão das reivindicações sociais e, por outro, a possibilidade de poupar e de investir, logo, de acentuar o desenvolvimento. A situação de subdesenvolvimento, surgida na América Latina, na Ásia e na África, com a súbita redução da taxa de mortalidade por efeito das acções sanitárias, pode caracterizar-se por um crescimento demográfico que se acelera bruscamente e se torna mais rápido do que o crescimento económico; donde, a dificuldade de poupar e de investir e a deterioração das condições de vida da maioria da população. (LACOSTE, 2003,p 121).

Podemos afirmar que todo o desenvolvimento é resultante da relação Homem-Meio e das suas transformações no tempo, definindo a própria paisagem, e alterando-a conforme as suas conveniências económicas.

5.2 A Oferta Turística

Segundo Cunha (1997), a oferta turística pode ser caracterizada como o conjunto dos bens e serviços que permitem a satisfação das necessidades dos turistas. Porém, segundo Baptista (1990) a oferta turística é constituída por todos os elementos que contribuem para a satisfação das necessidades de ordem psíquica, física e cultural que estão na origem das motivações dos turistas. Contudo, as dificuldades em delimitar claramente os contornos da oferta turística são diversas, passando, essencialmente, pela multiplicidade de motivações que estão na origem das deslocações, pelas características peculiares das necessidades dos viajantes, pela coexistência de consumos que

idades turísticas e não turísticas e consumos que
uzidos exclusivamente, em função das necessidades

dos residentes.

Segundo Cunha (1997), a oferta turística compreende todos os bens e serviços que satisfazem necessidades turísticas podendo decompor-se em quatro grupos:

- Bens livremente disponíveis, que se designam como bases fundamentais da procura turística, tais como o clima, as paisagens, o relevo, as praias, os lagos ou as fontes termais;
- Bens imateriais, que se traduzem no resultado da maneira de viver do homem, nomeadamente, as tradições, a cultura, o exotismo ou, ainda, o tipicismo;
- Bens turísticos básicos criados, que, devido às suas características, atraem os visitantes, como monumentos, museus ou estâncias termais;
- Bens e serviços turísticos complementares, que permitem as deslocações e garantem as necessidades de permanência: meios de transporte, vias de comunicação, meios de alojamento, restauração, entre outros.

Assim, não basta uma paisagem e um hotel para transformar uma zona num destino turístico, entendido como um centro de atracção susceptível de garantir uma actividade económica consistente, ou seja, são necessárias infra-estruturas e todo um conjunto de equipamentos, serviços e organização que aliciem visitantes, e lhes proporcionem condições de permanência. Pretende-se, assim, corresponder às suas motivações de deslocação, bem como às necessidades que lhe estão associadas, porque um destino turístico equilibrado é aquele que possui os diversos tipos de oferta e garante a satisfação das necessidades predominantes do nicho de mercado que visa alcançar.

5.3 Procura Turística, Segmentação de Mercado e Potenciais Produtos Turísticos

As pessoas viajam motivadas por inúmeras razões, mas nem todos os destinos têm capacidade para responder a essas mesmas motivações. Deste modo, deve-se entender que nem todos os destinos poderão atrair todos os tipos de turistas, da mesma forma que nem todos os turistas serão atraídos por todos os destinos. Assim, torna-se indispensável conhecer a procura turística, sendo a sua análise essencial para determinar quais os actuais e potenciais visitantes, bem como o que vêm ver e fazer no destino. É também necessário perceber quem não visita, mas poderia ser um turista no futuro.

seja no transporte, nem no alojamento, nem na soma de todos esses serviços acrescida da satisfação fornecida pelas atracções turísticas, da satisfação obtida pelo uso das infra-estruturas locais, por algo de subjectivo que o destino transmite e pelas percepções, também subjectivas, que o turista extrai dela.

As novas exigências e alterações de comportamento dos turistas, em relação aos produtos e à prestação de serviços, implicam que a crescente pressão sobre os preços não se traduza em estratégias de redução da qualidade. De facto, se é verdade que os turistas estão cada vez mais atentos aos preços, também se constata que existe uma crescente diversidade das necessidades e expectativas dos turistas, de onde resulta, imperativamente, a permanência de competitividade do sector, bem como o ajustamento da oferta turística à procura, tendo em atenção que esta está em mutação e a tornar-se particularmente exigente no que respeita à qualidade.

Segundo o Plano Estratégico das Beiras (2003), numa perspectiva global, encontram-se factores de ordem social, económica, política, tecnológica e ambiental que condicionam as formas e a intensidade das diferentes procuras, tais como o crescimento generalizado do tempo disponível e do tempo consagrado ao lazer; o envelhecimento da população; a melhoria dos meios de comunicação aéreos, ferroviários e rodoviários; o abatimento das fronteiras entre países; o crescimento do turismo internacional e; o crescimento da procura de congressos, conferências, reuniões, feiras e outros eventos. No entanto, também se apresentam modificações no comportamento dos consumidores, que se apresentam mais racionais e calculistas relativamente aos custos dando muita atenção à relação qualidade/ preço; mais individualistas, desejando férias à medida, personalizadas; favoráveis a uma mudança da grande escala para a pequena escala, ou seja, o turista procura mais privacidade e experiências únicas; mais desejosos de novos produtos e; com muita apetecia por ofertas de relaxamento. A evolução e sofisticação da procura irão, consecutivamente, determinar uma crescente exigência na avaliação da atractividade dos destinos, não apenas nos aspectos qualitativos ou característicos, mas particularmente nos domínios da procura de respostas, de experiências diferentes e mais amplas. Esta tendência de mercado conduz à necessidade estratégica das empresas optarem cada vez mais pela via da especialização e da qualidade nos produtos e serviços oferecidos, a qual obriga a uma segmentação correcta dos produtos e serviços.

O verdadeiro desafio para o negócio do Turismo é criar o ambiente de satisfação para os seus consumidores. Assim, perceber-se as suas reais motivações, poderá

s vertentes em constante interligação: o âmbito da
AER/CTP³⁴ (2005), *o segmento de mercado no*

Turismo, é, um conjunto de experiências possíveis de proporcionar ao turista-consumidor, com características homogêneas, e que procuram corresponder a uma necessidade (motivação) específica (principal) desse turista consumidor.

Segundo a definição estratégica do ICEP³⁵-Turismo, os macro-produtos que integram a oferta turística portuguesa são classificáveis em três níveis: - Os Produtos Estratégicos, por corresponderem a um, ou mais do que um, dos seguintes critérios: Manifestas vantagens competitivas de Portugal; Forte potencial de crescimento; Segmentos de maior qualificação económica; Sazonalidade não coincidente com os picos não sazonais da procura para Portugal, onde são enquadráveis os seguintes produtos: Sol, Praia e Clima; *Touring (Fly & Drive, Itinerários de Património, Circuitos Culturais, Rotas do Vinho, entre outros); Reuniões, Incentivos e Eventos; Congressos, Conferências e Seminários Sócio-Profissionais; Golfe; City Breaks e Short Breaks; Peregrinações; Cruzeiros;* - Os novos Produtos, cujo estágio de desenvolvimento e estruturação da oferta, assim, como a sua colocação nos mercados, requer um esforço adicional de levantamento e prospecção e/ou de imagem e promoção: a Gastronomia; os Festivais Culturais; o Turismo Equestre; os Estágios Desportivos; os Desportos Náuticos; ou outro Turismo Activo; - Outros Produtos, a exigirem o desenvolvimento de iniciativas de prospecção, tanto do lado da oferta como da procura, tendo em vista planos de marketing dirigidos aos mercados internacionais: Turismo Étnico; Turismo Sénior; Turismo Juvenil; Luas-de-Mel; Imobiliária Turística; Termalismo, *Fitness;* Turismo de Natureza; Homens de Negócios; Feiras e Exposições.

Para além de alguns destes produtos turísticos, o Distrito de Coimbra oferece um vasto leque de recursos que podem ser transformados e/ou aproveitados em outras especificidades, também, atractivas. Mas, uma região não poderá ambicionar vender todos os tipos de turismo, algo para o qual não tem capacidades e que fomentaria a distorção da imagem turística do destino.

³⁴ Sociedade da Avaliação de Empresas de Risco/ Confederação do Turismo Português

³⁵ ICEP: Instituto de Comércio Externo de Portugal

Características da área em estudo

O Distrito de Coimbra está localizado na Região da Beira Litoral e apresenta uma área de 3.974,9 km², distribuída por 17 concelhos e é atravessado pelo rio Mondego, o maior rio que nasce em Portugal. Coimbra é a capital do Distrito de Coimbra, principal cidade da região centro de Portugal. Em 2007, registavam-se aproximadamente 137 000 habitantes no seu concelho. Coimbra, conhecida internacionalmente como a cidade dos estudantes, conta perto de 30 000 estudantes, maior parte desses sendo de fora de Coimbra. A importância turística da zona tem muito a ver com a sua posição geográfica perto de praias (Mira e Figueira da Foz), de termas, de paisagens deslumbrantes bem como a forte abundância de património.

Quadro 1: Dados Demográficos do Distrito de Coimbra:

(Fonte:INE)



| Designação | Ano | Dados |
|---|------|---------|
| Área Total (Km ²) | 2001 | 3 974.9 |
| Densidade Populacional (Hab/Km ²) | 1999 | 106.0 |
| População Presente (Total) | 2001 | 442 831 |

População Residente (Total) | 2001 | 440 640

Dados do Instituto Nacional de Estatística

Quadro 2: Peso da Actividade Turística do Baixo Mondego na Região Centro e em Portugal (Fonte INE)

Peso da Actividade Turística do Baixo Mondego na Região Centro e em Portugal

| | 1995 | | 1998 | | 2000 | |
|--------------------------------|---------------|----------|---------------|----------|---------------|----------|
| | Região Centro | Portugal | Região Centro | Portugal | Região Centro | Portugal |
| Em Estabelecimentos hoteleiros | 21,34 | 1,71 | 21,00 | 1,62 | 21,07 | 1,61 |
| Em Reseiras | 24,00 | 1,67 | 21,00 | 1,60 | 20,00 | 1,57 |
| Em Albergues | 21,00 | 1,60 | 20,71 | 1,59 | 20,00 | 1,56 |
| Em Casas de Albergue | 21,00 | 1,60 | 21,00 | 1,60 | 20,00 | 1,56 |
| Em Casas de Albergue | 21,00 | 1,60 | 21,00 | 1,60 | 20,00 | 1,56 |

A cidade, situada a duas horas de Lisboa, uma hora do Porto, três horas de Salamanca e uma hora e meia de Vigo.

Subdividida em 31 freguesias, 13 das quais urbanas, é limitada a norte pelo município da Mealhada, a sul por Condeixa-a-Nova, a leste por Penacova, Vila Nova de Poiares e Miranda do Corvo, a oeste por Montemor-o-Velho e a noroeste por Cantanhede. Coimbra tem uma posição geográfica privilegiada na zona centro.

Certas infra-estruturas, como os Hospitais da Universidade de Coimbra, o Hospital dos Covões ou a Universidade de Coimbra, e organizações e empresas servem toda a população de Portugal.

lítico e religioso do reino, autêntico posto avançado
rio mantido pelos três reis seguintes. O arrabalde

extramuros encontrou lugar pela encosta sul, até ao rio, bem como na outra margem, a qual acolheu o terreiro da feira e conventos de várias congregações (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, Vol I, 2006, p 190).

A partir do século XIII, com o fim da expansão do reino e a deslocação do centro político e administrativo para Lisboa, a expansão foi provisoriamente contida. Após uma efémera transferência dos Estudos Gerais de Lisboa para Coimbra, em 1290, foram sómente em 1537 mandados instalar, por D. João III na cidade. O monarca transferiu para o paço real, edificado no reinado de D. Manuel I, todas as aulas universitárias. Este facto viria a marcar, até ao presente, a vida da cidade. Durante a reforma manuelina foram implantados pelourinho, câmara, açougue, mercado, Misericórdia e hospital, cujo largo passou a centro urbano. Entre 1547 e 1615, as ordens religiosas fizeram construir, sobretudo na Rua da Sofia e em volta do paço, colégios universitários. Em volta daqueles floresceram também habitações para arrendar a estudantes (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, Vol I, 2006, p 190).

A reforma pombalina da universidade, ocorrida em 1772, implicou tanto a alteração de edifícios quanto a construção de outros. Durante a Regeneração, na segunda metade do século XIX, foi aberta a Av. Sá da Bandeira, ligando Montarroio à Alta, bem como a (actualmente designada) Praça da República e o jardim da Sereia. A chegada do caminho-de-ferro, a construção de uma nova ponte e a reforma do cais permitiram a posterior absorção, na terceira década do século XX, da imigração vinda da Beira. A construção de vários bairros sociais e a construção de outros equipamentos marcou também a intervenção urbanística na cidade até ao fim da década de 50.

Actualmente, o centro da cidade de Coimbra tem uma forma oblonga e é constituído por uma zona residencial, de edificado antigo e vias estreitas acidentadas, da encosta oeste, com pólo na Sé Velha. A outra zona materializa-se na Cidade Universitária, no cimo da colina, organizada em função dos locais com ruas largas e quatro praças espaçosas (Porta Férrea, de D. Diniz, Marquês de Pombal, da Sé Nova), produto do Estado Novo e das demolições e aterros efectuados entre o Largo D. Diniz e o Paço das Escolas, em 1943. Em torno da Sé Velha, mantém-se ainda um núcleo radial, romântico e irregular, sobretudo marcado pela topografia (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, Vol I, 2006, p 190).

espraiou-se para outras zonas, numa construção inclusive na margem esquerda, e, a própria universidade já tem pólos, bem longe do tradicional centro do Pátio das Escolas, como é o caso do pólo II, na zona do pinhal de Marrocos.

5.5 Desenvolvimento Local

É todo um conjunto de actividades que têm em vista a própria melhoria da qualidade de vida das populações, nas vertentes social, cultural e económica. A fim de atingir os seus objectivos pretende-se a participação da sociedade com a utilização dos recursos existentes localmente, aprofundando-os e valorizando-os.

Mas o desenvolvimento local tem que ser levado a cabo de forma sustentável, ou seja, minimizando as assimetrias socioeconómicas regionais, contendo o crescimento de regiões superpovoadas ou com um desenvolvimento rápido demais, encorajando o desenvolvimento das regiões mais atrasadas, e, quanto às regiões em declínio ou ameaçadas por graves problemas de emprego ou até de desertificação demográfica, é preciso manter ou adaptar as infra-estruturas fundamentais para a recuperação económica dessas regiões.

Nunca podemos esquecer que o desenvolvimento de uma região só é verdadeiramente possível se preservarmos a identidade cultural dessa mesma região. Afirmamos, peremptoriamente, que a cultura é a base de todo o desenvolvimento.

As inúmeras festas religiosas que têm lugar em milhares de cidades e aldeias de Portugal, são um perfeito exemplo da ligação entre a religião e a cultura que animam o povo. De Maio a Outubro, citemos a título de exemplo: as Festas de Stº António, em Lisboa, de São João, no Porto, bem como noutras localidades espalhadas de norte a sul do país, as festas da Senhora da Agonia (Viana do Castelo), da Rainha Santa (Coimbra), da Senhora dos Remédios (Lamego), Feiras Novas (Ponte de Lima), Festa dos Rapazes (Região de Bragança).

Em suma, podemos afirmar que qualquer lugar tem uma data especial de comemorações religiosas que, por vezes, duram vários dias com procissões, missas e rituais pagãos como os famosos õbailaricosõ, onde as populações locais convivem, aproveitando o ensejo para o aprofundamento das relações sociais.

5.6 Inventário do Património Religioso

Pareceu-nos importante realizar um inventário do Património Religioso na Cidade de Coimbra e no Distrito. Notámos uma grande riqueza de igrejas, capelas e pelourinhos.

5.6.1 Em Coimbra (Cidade)

Ver Anexo 1.

5.6.2 Distrito de Coimbra

Ver Anexo 2

5.7 Mosteiros e Conventos no Distrito de Coimbra: Proposta de um breve roteiro

O termo convento, do latim *conventus* que significa "assembleia", advém originalmente da assembleia romana onde os cidadãos se reuniam para fins administrativos ou de justiça (*convéntum jurídicum*). Posteriormente passou-se a utilizar com sentido religioso, relativamente ao monasticismo quando, para melhor servir e amar a Deus, os homens se retiravam do mundo, primeiro, sozinhos, depois em grupos de monges (comunidades religiosas), para edifícios concebidos para o efeito, os conventos. São Bento, no Ocidente, foi o primeiro a criar a estrutura de um convento. Depois, ao trabalho da Igreja, juntou-se o das cruzadas desde o século XII nas Ordens militares, e o dos apostolados nas Ordens mendicantes.

Os conventos, fosse qual fosse o estilo arquitectónico da sua construção, tiveram sempre um traçado fundamentalmente igual, devido às exigências da vida religiosa em comunidade: a igreja conventual com o coro; o claustro no rés-do-chão para onde abriam as salas em que se realizavam os outros actos de vida em comum; a sala do capítulo para as reuniões solenes de instrução e correcção donde normalmente também eram erguidos o refeitório e a biblioteca; em cima, a toda a volta, corriam os dormitórios, com celas individuais; ao redor do edifício, campo para recreio e cultivo.

fundido, erradamente, com Mosteiro. Convento, é
construção, se inseria na malha urbana, normalmente

delimitada por uma Muralha. A designação de Mosteiro aplica-se ao oposto, ou seja:
quando o edifício foi construído fora da Cidade.

Hoje em dia, devido à expansão das malhas urbanas, muitos Mosteiros encontram-se já
em Zona Urbana. No entanto, na hora de os classificar, tem de se ter sempre em atenção
qual o entorno na data da sua construção.

Exemplo disso é o Mosteiro de Celas, Coimbra. No séc. XIII (data de fundação), estava
a alguns quilómetros da Cidade. Hoje em dia, encontra-se em pleno coração da malha
urbana

Em termos de turismo religioso, parece-os merecer especial atenção os
Mosteiros e Conventos no distrito de Coimbra, quer pela sua qualidade arquitectural,
histórica, particularidade paisagística e quantidade notável. São espaços de práticas
religiosas e marcas deixadas pelos religiosos, religiosos que neles viveram.

Propomos um roteiro humilde, pouco pormenorizado, com os mosteiros,
conventos ou santuários que achámos mais interessantes e sobretudo, possíveis de
serem integrados num verdadeiro roteiro turístico. Puzémos de parte os que achámos
muito degradados ou muito longínquos. A ideia do roteiro é também associar cada
monumento a algo de profano, e desta forma poder interligar o sagrado com o profano.

Começando pela cidade de Coimbra, propomos um roteiro, sujeito a quaisquer
adaptações:

1- O MOSTEIRO DE SANTA CRUZ,

Foi fundado em 1131 numa zona situada no exterior das muralhas de Coimbra.
Entregue à Ordem de Santo Agostinho, viu a sua construção prolongar-se por quase um
século, de 1131 a 1228 mas, a sagração do altar só ocorreu em 1150. Pouco resta do
mosteiro românico. Sabe-se que tinha só uma nave com contrafortes de duas naves
laterais.

O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra foi uma grande instituição monacal e, sabe-se
que foi alvo de várias campanhas reformuladoras. A mais importante, e que conferiu o
actual aspecto, data, precisamente, do século XVI, época em que o rei D. Manuel I
apadrinhou o cenóbio. Graças à sua intervenção, foram contratados alguns dos melhores

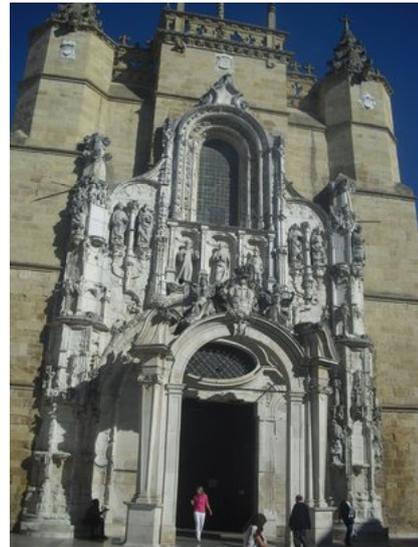
saber, Diogo de Castilho, Machim e João de Ruão, Fernandes, Boytac, Marcos Pires e Chanterenne

(ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, Lisboa, 2001).

³⁷A bela fachada principal foi construída em duas fases distintas. Os fortes torreões, com os contrafortes em quilha, datam dos primeiros anos do século XVI, entre 1507 e 1513.

O portal, exemplo vivo da época de quinhentos, foi imaginado por Diogo de Castilho, mas a sua construção deveu-se a Nicolau Chanterenne, entre 1522 e 1526, que também realizou as três esculturas que encimam a entrada.

Os túmulos de D. Afonso Henriques e de D. sancho I foram reconstruídos e transferidos para a capela-mor em 1530, onde estão actualmente, também da autoria de Nicolau Chanterenne.



Já quanto ao interior da igreja foram feitas profundas

alterações, sob a orientação de Boytac, primeiro, e depois por Diogo Castilho. A Boytac ficou a dever-se o abobadamento da nave, e a Castilho, o coro-alto, erguido em 1530, com abóbada em estrela.

As grandes obras manuelinas renascentistas feitas em Santa Cruz, alargam-se a outras áreas. Assim, o belo claustro é do início do século, tendo as principais obras sido dirigidas por Marcos Pires. Já no interior da igreja, o grandioso cadeiral manuelino do coro-alto é uma obra a destacar, revelando as tendências de Machim, seu construtor.

O púlpito renascentista merece relevo pela sua iconografia, com figuras mitológicas, que já revelam a influência renascentista (DIAS, Pedro, Coimbra, 1988).

De destacar ainda a sacristia maneirista, construída por Pedro Nunes Tinoca, entre 1622 e 1624, onde estão depositadas pinturas antigas, tais como o Pentecostes de Vasco Fernandes. As obras barrocas integraram-se no conjunto harmonioso do templo, como o comprovam os revestimentos de azulejos da primeira metade do século XVIII, o órgão do espanhol Gomes Herrera, ou até o retábulo-mor, de talha imitando mármore.

³⁷ Mosteiro de Santa Cruz, Foto da nossa autoria

a de Santa cruz de Coimbra, é que foi reconhecido
leia da República, em diploma publicado no DR, I^a
Série, de 22-08-2003, Lei nº 35/2003.

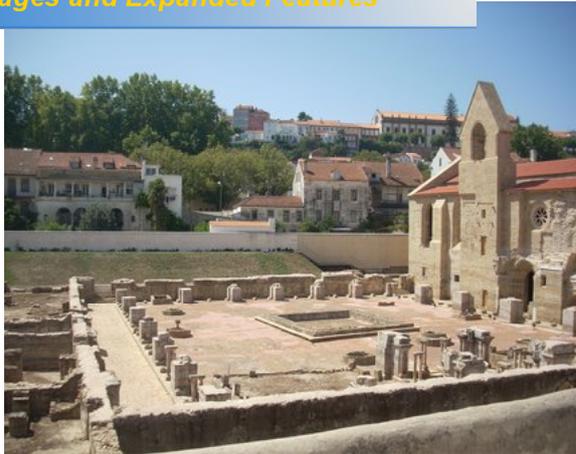
O mosteiro está situado numa praça turística privilegiada de Coimbra, a Praça 8 de Maio, onde os turistas costumam deambular a pé. E desde a renovação da fachada do Mosteiro e da construção da fonte frente a este, a praça e o Mosteiro ganharam outra vida e certamente muito mais turistas. Mesmo ao lado, está o Café Santa Cruz, que reforça a vida da praça e do mosteiro, sendo que os turistas podem ir descansar antes ou depois da visita do mosteiro. Numa visita pormenorizada ao rico espólio existente, sem esquecer o grandioso cadeiral. A seguir, poderíamos encantar-mo-nos com um pastel de Tentúgal ou com uma Queijada de Pereira no café ao lado (Café de Santa Cruz), que propõe, muitas vezes noites musicais com concertos de fado ou outros.

A seguir, escolhemos a Universidade de Coimbra, Biblioteca Joanina, igreja, e pátio das escolas passando rapidamente pela Sé Velha (onde o templo religioso respira História de Portugal), símbolos do território Coimbra. Achámos que qualquer turista (mesmo religioso) não pode visitar Coimbra, a cidade dos estudantes, sem passar obviamente pela Universidade mais antiga da Europa e sem viver as festas da Rainha Santa Isabel. Representam as festas mais importantes da cidade de Coimbra, festas de veneração à Padroeira da Cidade, a Rainha Santa Isabel, mulher de D.Dinis. por ter sido canonizada em 1625, a cidade, que ficou orgulhosa, começou a celebrar o dia com festas que duravam uma semana. Actualmente, as festas da Rainha Santa Isabel realizam-se nos anos pares, de dois em dois anos através de duas procissões religiosas, uma sendo de noite e outra de dia com a imagem da Rainha transportada pela cidade. Inúmeras pessoas assistem, com fé ou não a essas festas e são considerado um verdadeiro produto turístico pelo Turismo de Coimbra.

Depois, passaríamos pela R.da Sofia com as suas várias e interessantes igrejas. Algumas igrejas dessa famosa rua de Coimbra encontram-se fechadas. No entanto, parece-nos interessante, para qualquer turista religioso, passar e contemplar uma rua com tantas igrejas

2- MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA

O Mosteiro está situado em Coimbra, R. das Parreiras, em Santa Clara.



Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, é da iniciativa de D.

Mor Dias, uma senhora muito rica, herdeira de vasta fortuna. Imbuída dos ideais franciscanos, e não obstante viver em S. João das Donas, convento feminino do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, sob a condição de leiga, decidiu fundar um mosteiro de donas, dedicado a Jesus Cristo, à Virgem, a Santa Isabel da Hungria e a Santa Clara.

Os cônegos de Santa Cruz sempre se opuseram ao projecto de D.Mor, com receio de perderem a imensa fortuna desta dama. Contudo, o forte carácter de D.Mor prevaleceu e, a 2 de Janeiro de 1287, o mosteiro foi entregue à Ordem de Santa Clara.

A reacção dos frades crúzios culminou em 1292, com o prior de Santa Cruz a proferir sentença de excomunhão contra D.Mor, que foi confirmada e mandada executar pelo bispo de Coimbra.

A contenda assumiu tais proporções que os reis D.Diniz e D.Isabel intervieram, tentando derimir o conflito.

À hora da morte, D.Mor mandou redigir o seu 3º testamento, datado de 30 de Janeiro de 1302, deixando o mosteiro à guarda de D.João de Soalhães, bispo de Lisboa. Legou ainda muitos bens para a criação de um hospital em Ceira.

A 2 de Dezembro de 1311, D.João de Soalhães e o prior de Santa Cruz fizeram um acordo de que resultou a extinção do mosteiro de Santa Clara e, a atribuição dos bens de D.Mor aos Crúzios e aos Franciscanos, devendo as freiras regressar aos respectivos mosteiros de origem. Só o hospital de Ceira continuou a sua actividade conforme vontade original de D.Mor. Estava encerrado o primeiro capítulo da história do Mosteiro de Santa Clara (CÔRTE-REAL, Artur, Lisboa, 2008).

Apesar desta aventura rocambolesca dos destinos do Mosteiro de Santa Clara, éis que a Rainha D.Isabel tomou em mãos o projecto de D.Mor, tendo solicitado ao Papa a devida autorização para fundar uma casa da Ordem de Santa Clara em Coimbra. A respectiva licença foi concedida em 1314, (DIAS, 1982,p4) conjuntamente com a autorização para requisitar freiras da Ordem, a fim de ocupar o referido mosteiro.

³⁸ Convento de Santa Clara-A-Velha, Foto da nossa autoria

mais terras confinantes com as que D.Mor já tinha e
ro, ficando assim disponível uma área maior onde
fosse possível edificar um edifício novo. Inclusive, adquiriu bens que doou ao convento
com a finalidade de lhe garantir a subsistência.

Precisamente a 24 de Julho de 1317, o mosteiro já acolhia freiras clarissas provenientes
de Zamora (entre três e onze freiras), dirigidas pela abadessa D.Maria Gonçalves. É
precisamente nesse ano que o papa João XXII outorgou ao novo mosteiro o usufruto de
privilégios, indulgências, liberdades e imunidades da Ordem da Santa Clara.

Com a morte do rei D.Dinis em 7 de Janeiro de 1325, a Rainha vestiu o hábito de Santa
Clara como símbolo do seu estado de ã viuvez, luto, tristeza e humildade, dizendo que
esta actitude não correspondia a um voto religioso. Já no ano a seguir adquiriu, ao
Mosteiro de Santa Ana, um paço e uma vinha, contíguos acerca de Santa Clara para aí
fixar residência.

O amor de D.Isabel por todo este projecto levou-a, inclusive, a alterar o seu testamento,
no que concernava ao seu local de sepultura, tendo optado por Santa Clara em
detrimento de Alcobaca, e, encomendou a Mestre Pêro, escultor proveniente de Aragão,
um túmulo monumental em pedra.

A sagração da igreja do mosteiro foi levada a cabo pelo bispo de Coimbra, em 8 de
Julho de 1330, com a presença da Rainha. Logo no ano a seguir, a 18 de Fevereiro, teve
lugar uma grande cheia do rio Mondego que inundou o templo e submergiu o
túmulo. Por essa razão, D.Isabel mandou construir um piso mais alto que se estendia
entre a igreja e o coro das freiras, mantendo sempre a separação entre estes.
Precisamente no centro, do lado da igreja, mandou que pusessem a sua arca tumular e
ainda o túmulo da sua neta, a infanta D.Isabel, filha de Afonso IV, falecida ainda em
criança.

Com a morte de D.Isabel de Aragão em Estremoz, a 4 de Julho de 1336, foi decidido
levar de imediato o seu corpo para o Mosteiro de Santa Clara, conforme decisão prévia
da Rainha, onde só chegou passada uma semana.

A partir desta data começou o projecto de santificação da Rainha sob a intervenção do
seu antigo confessor o franciscano frei Salvado Martins, bispo de Lamego. Foi por sua
iniciativa que foram logo registados, em 27 de Julho de 1336, dois milagres da Rainha
D.Isabel. Assim, a partir do momento que o corpo da Rainha chegou a Coimbra,
começo-se a prestar-lhe culto invocando o poder de cura que lhe era atribuído.

undiou-se por toda a parte, tendo contribuído para a local de peregrinação e de culto. Em virtude das más condições que a igreja oferecia em finais do século XVI, o Cabido da Sé de Coimbra determinou acabar com a romaria a Santa Clara que acontecia por altura da procissão feita em dia da Visitação de Nossa Senhora. A entrada para a igreja situada no primeiro andar do templo fazia-se por uma janela do piso superior, do lado direito da porta da igreja, vislumbrando-se as águas que alagavam todo o piso inferior. Esta situação insustentável só terminou com a mudança definitiva do Mosteiro para as novas instalações no monte da Esperança, em Santa Clara-a-Nova, no século XVII, por ordem do rei D.João IV.

Os Espaços são o *Adro da igreja*: começava na zona delimitada pela Porta da Cadeia, onde existia o privilégio de asilo concedido ao mosteiro, servia ao mesmo tempo de cemitério e de acesso à igreja (pela Porta dos Fiéis); a *Igreja*: o templo edificado em gótico de transição, foi construído co espaço interior dividido em três naves e sete tramos, sem transepto, (DIAS, 1994,p.87) com uma parede central a separar a zona do coro (acesso reservado às clarissas) da igreja onde estavam os leigos; o *dormitório*, localizado na zona poente do claustro, onde haveria de cinco a sete fileiras de celas; o *claustro*, é o verdadeiro coração do mosteiro, pois toda a vida monacal se fazia em seu redor. As freiras circulavam por ele, orando e meditando e até recreando-se, tanto nas galerias com abóbadas, como no pátio central. Aqui havia um tanque ligado a quatro fontes e várias floreiras, evocando-se os quatro rios e os jardins do Paraíso. Neste tanque, as freiras criavam carpas para consumo próprio. Este claustro, com 54 metros de comprimento é maior que o claustro de Alcobaça, com 51 metros (CÔRTE_REAL, 2008,p31). Em frente da entrada do refeitório está localizado o lavabo, ou ã casa fermosíssimaö, e tem no centro um tanque para as abluções rituais das freiras; o *refeitório*: este espaço terá sido normal, com mesas à volta das paredes. Hoje, só resta, do lado esquerdo da entrada, um tanque quadrado, revestido a azulejos do século XVI. Após a violência das cheias, este refeitório ficou desactivado



³⁹ Convento de Santa Clara-A-Velha, Foto da nossa autoria

do claustro; a *Sala do Capítulo*: pensa-se que
.Mor Dias, adaptada para servir as novas funções.

Nesse local as freiras realizavam as reuniões da comunidade, liam as Regras, faziam a confissão pública das faltas, resolviam os assuntos internos da comunidade e procediam à eleição da abadessa; o *Paço da Rainha*: este edifício serviu de habitação a D.Isabel quando enviuvou e daqui acompanhava as obras do mosteiro. O edifício ruiu em 1559 e, hoje apenas se sabe que a fachada principal seria voltada a nascente. Actualmente, só se vislumbra uma janela gótica e um resto do muro, o *Hospício*: mesmo em frente ao Paço da Rainha, era composto por duas alas, separadas por uma capela dedicada a Santa Isabel da Hungria. Uma das alas era ocupada por 15 mulheres e a outra por 15 homens. A idade mínima para se entrar para o hospício era ter idade mínima de 50 anos. Para



além de se fornecer alimentação, davam-se calçados e cuidados médicos. Chegou mesmo a ser considerado um dos maiores hospitais do país, porquanto a maioria deles só albergar cerca de meia dúzia de pessoas. Quando o paço ruiu, este edifício seguiu-o.

⁴⁰No momento, após longas obras de recuperação e revitalização que duraram cerca de vinte anos, ficaram a descoberto a igreja, o claustro maior, tendo sido decidido deixar enterrados o refeitório, as celas e o segundo claustro, como reservas arqueológicas. Aliás, estas obras arqueológicas dirigidas por Artur Côrte-Real, tiveram como primeira missão retirar toda a água que ocupava o espaço da igreja, o claustro maior. Só após ter sido extraída a água e respectivas lamas que cobriam todo o espaço arqueológico, foi possível proceder à investigação e retirar todo o espólio que está guardado no Centro Interpretativo. No caso em apreço, temos um trabalho arqueológico profundo, devidamente apoiado por obras de engenharia de grande dimensão que levaram à construção de um muro de contenção das águas em redor da quota da igreja e claustro, permitindo que as águas não voltem a invadir o espaço arqueológico. (Informação fornecida pelo arqueólogo Côrte-Real).

Foi reaberto ao público a 8 de Abril de 2009. Temos que relembrar que, antigamente, o mosteiro era o ponto de peregrinação muito importante do país. O

⁴⁰ Convento de Santa Clara-A-Velha, Foto da nossa autoria

recheado de maquetes, pinturas e antigos objectos

l. O café tem uma vista privilegiada para a Alta Universitária bem como para o mosteiro.

Com uma visita ao Centro Interpretativo, depois uma ida à igreja e ruínas do Mosteiro, culminando a visita com uns doces originários de Sta. Clara no próprio café do mosteiro, com vista privilegiada sobre a Alta de Coimbra, como os pastéis, as hóstias; tudo confeccionado conforme receitas da época, com ovos. As acessibilidades a este são ótimas, tendo também estacionamento mesmo à porta do mosteiro.

Muito perto temos o jardim do Hotel Quinta das Lágrimas onde ainda respira o conhecido amor de Pedro e Inês e onde se encontra a õFonte dos Amoresö, com declarações apaixonadas de estudanets e uma estrofe dos *Lusíadas* dedicada a eles.

3- MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-NOVA

Está situado no alto de Santa Clara, em Coimbra.

Em virtude das cheias do Mondego, o Mosteiro e Igreja de Santa Clara-a-Velha tiveram uma vida periclitante desde 1331, pois as águas do rio insistiam em perturbar a vida das clarissas. Por ordem do rei D. João IV dá-se início à construção do novo Mosteiro de Santa Clara, sito no Monte da Esperança na mesma margem esquerda do Mondego, tal como o seu antecessor, só que numa cota quase ao mesmo nível da cidade. A primeira pedra foi lançada a 3 de Julho de 1649, tendo o complexo conventual ficado concluído em 1696, data da sagração do templo, não obstante as obras do claustro, portaria e aqueduto terem continuado até ao final do século XVIII. (BORGES, 1987, p.74).

Em 1677, deu-se a passagem definitiva das freiras para o novo convento. A planta deste novo edifício foi gizada por Frei João Turriano (engenheiro-mor do Reino e lente de Matemática na Universidade de Coimbra), tendo as obras de construção sido dirigidas por Mateus Couto, arquitecto régio.

O edifício foi construído nos termos duma corrente maneirista, destacando-se a preferência por linhas rectas. Só o portal da igreja e a fachada da portaria são barrocas, destacando-se a intervenção de Carlos Mardel no desenho desta última, e a construção por Gaspar Ferreira.

No interior do templo há a realçar os catorze retábulos de talha dourada, inclusivé o principal, de estilo nacional õ (í) hábilmente concebido para receber o trono eucarístico e o túmulo de prata da rainha santa õ (BORGES, 1987, p.74). Há ainda

autoria de Teixeira Lopes, resultante de uma

A nave da igreja é em forma de rectângulo, dividido por cinco tramos. Existem ainda dois túmulos góticos da infanta D. Isabel (filha de D. Afonso V) e de uma das filhas de D. Pedro, duque de Coimbra, precisamente perto do coro. Na zona do coro-alto está o cadeiral de dois andares, com pinturas de santos franciscanos nos espaldares, da primeira metade do século XVII, para além de vários retábulos provindos do antigo convento. O claustro, não obstante não ter as dimensões do seu equivalente do antigo convento, é considerado um claustro real (BORGES, 1987, p. 75).

Com a extinção das Ordens Religiosas, as dependências conventuais foram ocupadas pelo Exército- Batalhão dos Serviços de Saúde, e pelo Museu Militar. Há que realçar a fabulosa vista sobre a margem sul do Mondego e a cidade.

Esta visita seria destinada a apreciar as obras de arte aí guardadas, com especial destaque para o túmulo da Rainha Santa, em cristal e prata, bem como outras peças muito importantes. Este convento, hoje, é propriamente um museu militar. De destacar a importância da Rainha Santa Isabel, padroeira de Coimbra e cujas festas são importantíssimas para a cidade.

4- MOSTEIRO DE CELAS

Foi fundado no início do século XIII por D. Sancha, infanta filha de D. Sancho I, no entanto, a igreja do mosteiro só iria ser sagrada em 1293. Contudo, são mal conhecidas as diversas etapas das obras medievais. No tempo actual, sómente duas partes se podem considerar originárias do primitivo projecto medieval. O corpo da igreja que restou é de planta circular e edificado como uma rotunda, e, é atribuído às primeiras décadas do século XVI, precisamente à época em que a abadessa D. Leonor de Vasconcelos mandou efectuar numerosas obras (DIAS, 1982, p.220; 2002, p.137; PEREIRA, 1988, pp.184-185). Contudo, segundo novas teorias, todo este esquema de construção remonta à origem do mosteiro, tal como D. Sancha havia ordenado, tal como um convento cisterciense, situado em Alenquer, do qual ainda restam vestígios da rotunda (GOMES e ROSSA, 2000, p.211-213).

A outra parte medieval é constituída pelos capitéis góticos do claustro. São da primeira metade do século XIV e, são uma oferta do rei D. João III à abadessa D. Maria de

p. 380). Possivelmente, na sua origem estariam
al, talvez no próprio colégio universitário D. Dinis.

Segundo outra tese, são mesmo atribuídos ao primitivo claustro de Celas e, com um aproveitamento do século XVI (DIAS, 2003, p.139). É de destacar que em termos artísticos, estes capitéis não são Românicos, sendo antes uma bela demonstração da escultura gótica trecentista no nosso país.

Várias cenas da vida de Cristo e da Virgem devidamente combinados com temas profanos e de pura fantasia, num conjunto de ícones sem igual em Portugal. Não obstante as inúmeras incertezas durante o período medieval, podemos constatar que na fase posterior o mosteiro é profusamente descrito através da obra *Compêndio de toda a fazenda deste Real Convento de Santa Maria de Celas*, devidamente coligido em meados do século XVII, por Frei Bernardo da Assumpção e onde se descrevem as iniciativas das abadessas desde o início do século XVI. Pela análise desse documento ficamos a conhecer as intervenções do tempo de D. Leonor de Vasconcelos (1521-1541) e, de D. Maria de Távora (1541-1572). À primeira dessas abadessas ficou a dever-se a renovação da igreja, com nova abóbada de múltiplas nervuras e contrafortes (talvez sob a orientação de Diogo Castilho- (GOMES e ROSSA, 2000, p.213) e várias obras de cunho renascentista, tal como o seu próprio túmulo, da autoria de Nicolau Chanterenne. É também, dessa época a construção do portal principal do mosteiro (1530), sobre o qual se construiu, no século a seguir, o mirante de nove janelas que remata a fachada principal. À segunda abadessa deve-se *õ a primeira (e última) tentativa séria de regularizar clássicamente e ortogonalmente as instalações conventuais õ* (GOMES e ROSSA, 2000, p.200), optando por soluções de arte perfeitamente comuns ao conjunto de colégios quinhentistas coimbrãos, ao abrigo de um *õ classicismo austero, não-ornamental e contra-reformistaõ* (GOMES e ROSSA, 2000, p.213, p.203).

No século XVIII teve lugar a grande reforma do mosteiro, em que houve grandes mudanças estéticas e de arquitectura em várias partes do templo, tais como a construção de uma nova capela-mor, õ parecem não ter modificado os aspectos organizativos essenciais da igrejaõ (GOMES e ROSSA, 2000, p.197). O mosteiro foi restaurado nas décadas de 30 e 40 do século XX (época em que se demoliu o que restava do segundo piso do claustro).

O mosteiro é um dos ícones dos monumentos construídos em Coimbra, exemplo vivo da História da Arte Medieval e das correntes artísticas coimbrãs dos séculos XVI a XVIII. As visitas são acompanhadas por uma Guia-Intérprete credenciada da

o inscrever-se junto do Departamento de Cultura, Municipal da Cultura. O acesso ao mosteiro faz-se mensalmente às terças-feiras, sendo obrigatório o pagamento de 1euro, valor que reverte, na totalidade, para a Irmandade da Nossa Senhora da Piedade.

Após visitar o Mosteiro de Celas, porque não aproveitar visitar a casa da Irmã Lúcia, para os interessados na vida e obra desta; bem como a Igreja dos Olivais, ícone de Coimbra e muito próximo temos o Penedo da Meditação, onde se pode apreciar uma paisagem bucólica.

Mapa 2: Mapa de Coimbra com localização dos mosteiros e das principais igrejas⁴¹



⁴¹ www.turismodecoimbra.pt



Depois desta visita a alguns importantes monumentos da cidade, seguiríamos para os arredores de Coimbra, onde iríamos visitar í

5- CONVENTO DE SÃO MARCOS, (Incluindo a Igreja, a Capela dos Reis Magos, o Retábulo do Alta-Mor, Sacristia, Claustro e Casa do Capítulo)

Este monumento também é designado por Mosteiro dos Jerónimos e Panteão dos Silvas. Está situado em Coimbra, na Quinta de S. Marcos.

No local havia uma capela primitiva dedicada a São Marcos e, em 1441, João Gomes da Silva instituiu missa quotidiana nessa capela. Dez anos depois foi construído, precisamente no local da ermida, o Mosteiro de São Marcos, por doação de D. Brites de Menezes aos frades hieronimitas. As obras de construção estiveram a cargo do mestre Gil de Sousa, arquitecto do rei D. Afonso V. Mais tarde, em pleno reinado de D. Manuel I, foram efectuadas novas e importantes obras que alteraram o aspecto arquitectónico de todo o edifício (DIAS, Pedro, Coimbra, 1982). Foram elas levadas a

Castilgo, e pelo escultor Nicolau Chanterenne, que já capela dos Reis Magos data de finais do século

XVI, ou seja, em 1574.

A Igreja, de planta longitudinal, apresenta um portal manuelino em arco quebrado, com forte decoração naturalista. Na capela-mor destacamos a abóbada de nervuras estreladas suportada por mísulas, o retábulo renascentista do altar-mor em pedra policromada, dividido em duas partes com figuras dispostas na bancada, no soco e nos frontões, e o acervo de túmulos, entre os quais se encontra o da fundadora deste convento D. Brites de Menezes (DIAS, Coimbra, 1982).

Na nave estão localizados os túmulos de Aires Gomes da Silva e Gonçalo Gomes da Silva, executados pelo artista coimbrão Diogo Pires-o-Moço. Anexa à nave encontra-se a capela dos Reis Magos, onde estão os túmulos de Aires Gomes da Silva-o-Velho, e de D. Antónia de Vilhena e seu marido Diogo da Silva. Em 1880, um grande incêndio destruiu grande parte do convento. O Convento de S. Marcos foi classificado em 1910 como Monumento Nacional (M.N.).

Em 1952, foi construído um palácio, com projecto do arquitecto Leonardo Castro Freire. No interior, evidência-se o retábulo renascentista do altar-mor, um importante conjunto de arte tumular dos séculos XV e XVI (com destaque para os túmulos de Aires da Silva e Fernão Teles de Meneses), a capela dos Reis Magos, a sacristia, a casa do capítulo, o claustro e as adegas do antigo Convento de São Marcos.

Actualmente, o convento é um palácio onde continua sediada a igreja do convento, a qual constitui um dos monumentos mais notáveis da arte tumular. Os acessos ao convento são bons.

6- CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DE PENELA, (Incluindo a respectiva cerca)

O convento situa-se em Penela.

Construído em local densamente arborizado e em zona isolada, o convento de Santo António obedece aos cânones de construção das casas religiosas franciscanas, onde impera grande austeridade arquitectónica e decorativa, e, foi fundado em 1576. (CORREIA, GONÇALVES, 1952).

Há duas grandes intervenções que alteraram o aspecto original do convento. A primeira, na segunda metade do século XVII, de âmbito decorativo, e, a segunda remodelou a arquitectura da igreja e do convento. É de destacar, no conjunto, a

Coimbrão, representando episódios da vida de Santo
-mor são mais antigos (c.1740) do que os da nave
(c.1750-55). Na galilé existem azulejos datados por Santos Simões, de cerca de 1770-80
(SIMÕES, 1979,p.153), com outros do século XIX (CORREIA, GONÇALVES, 1952).



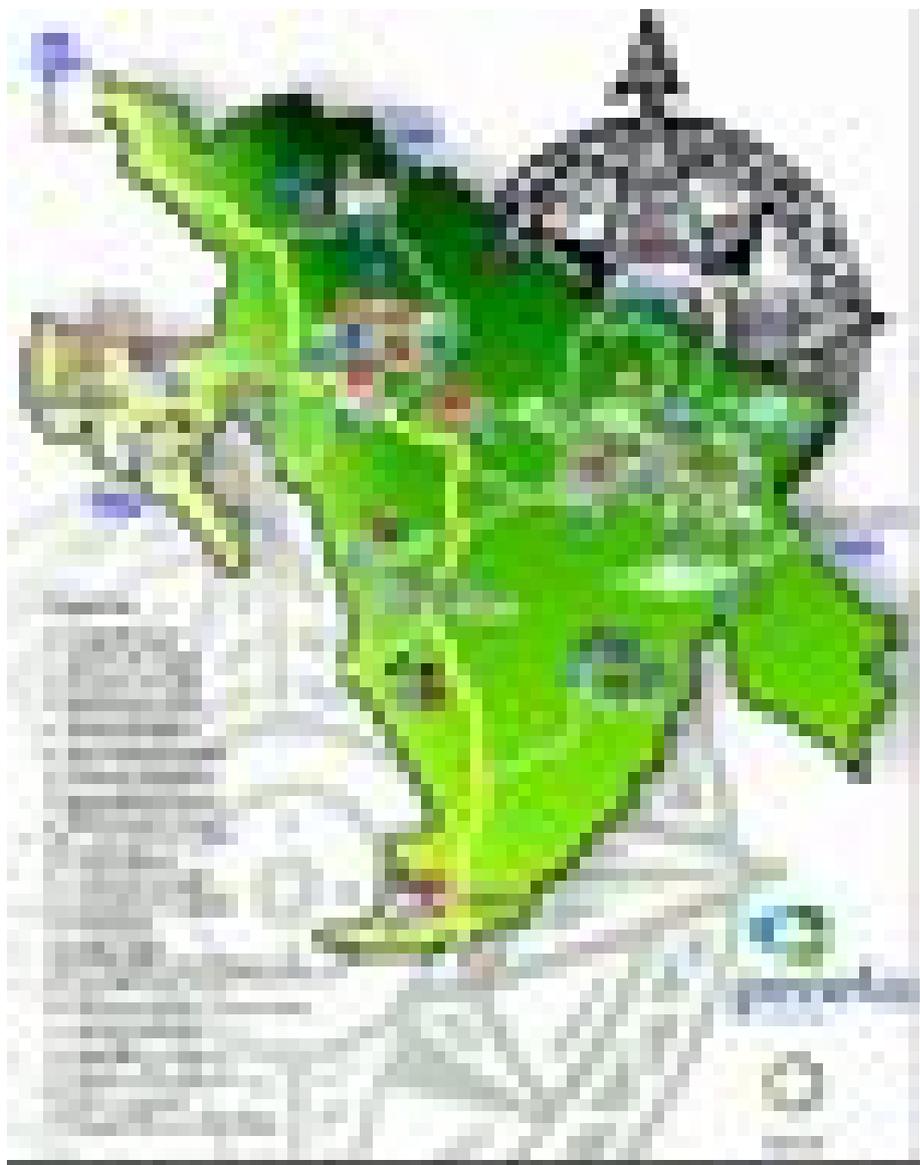
42

O concelho de Penela oferece várias festas religiosas, durante o ano todo, a maioria delas tendo um arraial no final. As festas e romarias realizam-se nas seguintes datas: Mártir S. Sebastião (Cumeeira) - primeiro Domingo de Maio; Santa Luzia (Cumeeira) - 14 de Julho; S. João (Cumeeira) - 24 de Junho; Santo António (Cumeeira) - 15 de Agosto; Santo António (Espinhal) - segundo Fim-de-Semana de Junho; S. João do Desterro (Espinhal) - Domingo após o 24 de Junho; S. Pedro (Espinhal) - Domingo após o 29 de Junho; Senhora da Piedade (Espinhal) - segundo Domingo de Setembro; Senhora dos Milagres (Espinhal) - 2 de Fevereiro; Corpo de Deus (Podentes) - 15 de Junho; Nossa Senhora do Pranto (Podentes) - segundo Domingo de Setembro; S. Miguel (Penela-S. Miguel) - 29 de Setembro.⁴³

O Convento encontra-se escondido pelo verde arvoredado e grande parte dele já está em ruínas e em elevado estado de degradação. Estão a decorrer obras de conservação e restauro, levadas a cabo em parceria pelo Instituto Português do Património Paisagístico, pelo IPPAR ó Direcção Regional de Coimbra e pela Câmara Municipal de Penela.

⁴² <http://espacoaberto-umanovamiranda.blogspot.com/2007/07/convento-de-santo-antnio-de-penela.html>

⁴³ <http://portugal.veraki.pt/concelhos/concelhos.php?idconc=198&op=FR&gr=CL>



Seria importante usufruir também de uma visita ao famoso Castelo de Penela, de grande interesse, que foi construído no século XI e situado na freguesia de São Miguel, no alto de uma colina, junto da igreja São Miguel. A arquitectura é de estilo militar românica, gótica e manuelina. Provavelmente foi construído em duas épocas: o séc. XIV, e o séc. XV.⁴⁵ Em termos gastronómicos, interessa realçar a chafana regional e o cabrito assado no forno.

⁴⁴ http://www.cm-penela.pt/turismo/docs/roteiro_turistico_penela.pdf

⁴⁵ <http://www.regiaoocentro.net/>

**Mapa do Concelho de Miranda do
Côrvo⁴⁶**

O Convento de Santa Maria de Semide situa-se em Semide, concelho de Miranda do Côrvo.

Está localizado entre a ribeira de Arouce e o rio Ceira, em zona profusamente arborizada.

A sua fundação remonta a 1154 e a família Martim Anaia encontra-se ligada à história deste mosteiro desde o início. Assim, em 1183 foi uma neta deste personagem institui o mosteiro feminino que sucedeu ao mosteiro masculino (ALMEIDA, 2003, p.123; MELO, 1992, p. 17).



que

Do primitivo convento pouco resta e, só subsiste o claustro inferior de 1540, que, por sua vez, ficou bastante danificado com o incêndio de 1990. Contudo, as obras de reconstrução levadas a cabo em 2001, permitiram concluir que toda a área ocupada pelas construções medievais correspondia ao claustro quinhentista e à igreja (SILVA, 2003, pp. 129-130). A igreja tem planta em rectângulo, com capela-mor e coro e, como é norma em conventos femininos a porta principal está situada na fachada lateral. A zona do coro é revestida por azulejos seiscentistas. O tecto da capela-mor tem caixotões representando a vida de S. Bento. O retábulo-mor é de talha dourada, a nave e a capela-mor têm azulejo da segunda metade do século XVIII. Veja-se que existe no Museu Machado de Castro um painel da igreja de Semide, com a data de 1784 (SIMÕES, 1979, p. 151). O próprio órgão, feito por António Xavier Machado e Cerveira, também é desta época, tal como os azulejos do claustro assinados por Sousa Carvalho. Com a extinção das ordens religiosas o convento não foi logo encerrado, tendo-o sido sómente em 1896, com a morte da última freira.

Das festas e romarias do concelho, podemos destacar: a Solenidade dos Passos (Miranda do Corvo) - festa praticada nos anos pares, sendo a manifestação religiosa mais importante do concelho; Senhora da Piedade de Tábuas (Miranda do Corvo) -

⁴⁶ <http://portugal.veraki.pt/concelhos/concelhos.php?idconc=202>

Actualmente o mosteiro não está ligado ao turismo mas alberga o CEARTE, escola de formação profissional e um lar de jovens da Cáritas. A igreja do mosteiro é igualmente a igreja paroquial de Semide. Todos os anos este templo é palco do Encontro de Coros de Miranda do Corvo. O convento possui um grande largo, que poderia ser aproveitado para além das festas de Semide, para eventos culturais, exposições, etc. Daí temos uma vista fantástica sobre Semide.

8 - SANTUÁRIO DO SENHOR DA SERRA E ADRO ENVOLVENTE

Está situado no Concelho de Miranda do Corvo, Freguesia de Semide.

Ninguém sabe a data em que foi edificado a primitiva capela do Senhor da Serra. Sabe-se, contudo, que em 1678 ali vivia um eremita, atribuindo-se a construção ao terceiro quartel do século XVII. No altar-mor está um crucifixo com uma inscrição de 1704. No entanto, o templo foi demolido e reedificado a partir de 1899. A grande obra começou, precisamente, nas hospedarias e, só em 1901 se edificou a igreja. Em 1905 estes trabalhos ficaram terminados, tendo como autor do projecto António Augusto Gonçalves, professor e fundador da Escola Livre das Artes e Desenho de Coimbra, conhecida mais tarde como Escola Avelar Brotero.

Podemos afirmar que é uma igreja revivalista, inspirada nos modelos medievais muito próximos do gótico. Por sua vez, os azulejos com representações da vida de Cristo e todo o conjunto de vitrais, foram executados pela Escola Livre das Artes e Desenho de Coimbra, sempre com a intervenção de António Augusto Gonçalves. Em suma, a igreja do Senhor da Serra, construída no século XIX, contem uma enorme variedade de interpretações arquitectónicas, intervenção da produção local, bem como das obras da citada Escola Livre de Coimbra.

A Romaria ao Senhor da Serra era uma manifestação cultural da Coimbra de outrora. No início do séc. XX, o Senhor da Serra era uma pequena aldeia do concelho de Miranda do Corvo: *õcom uma capelinha branca com uma torre esguia, com becos retorcidos, estreitíssimas vielas, casas baixas e pequenas, com telhados negrosõ*. A romaria ao Senhor da Serra foi apreciada como uma das mais importantes da Região Centro, apesar de ter perdido bastante elanco nos anos cinquenta. Esta peregrinação era

características religiosas, com tradições antigas. pessoas participavam nesta romaria ao Cruzeiro do

Senhor da Serra, que se mantinha florido todo o ano. *Todo um santo dia de vida intensa de grande devoção para tantos e de alegria para muitos.*⁴⁷ Podemos acrescentar que alguns escritores que estudaram em Coimbra, falam da Romaria do Senhor da Serra nas suas obras com saudade.

No concelho de Miranda do Côrvo, destacam-se alguns locais de interesse turístico, nomeadamente a praia fluvial de Miranda do Côrvo (para a época balnear) mas também o morro do Castelo, do qual se tem uma vista fascinante.

Actualmente, o Santuário do Senhor da Serra está em razoável estado de conservação, tendo se a possibilidade de o visitar, de forma gratuita. O largo do santuário foi requalificado em 2009. Existe um pequeno kiosque à entrada, onde se pode comprar um livrinho que resume a história do Santuário, escrita por Brito Cardoso.

Depois destas visitas a Semide, poderíamos usufruir dos doces conventuais tradicionais do concelho: nabadas e súplicas.

9- MOSTEIRO DO LORVÃO

O Mosteiro situa-se na vila de Lorvão, concelho de Penacôva, a 7km da vila de Penacôva.

A fundação do Mosteiro do Lorvão remonta ao século VI, altura em que foi identificada a paróquia suevo-visigótica de ã Lurbaneö. Lendas à parte, é mais correcto, sob uma perspectiva histórica actual, colocar a sua fundação na época da primeira reconquista de Coimbra (878), data decisiva para análise documental (MATOSO, 1993). Sabemos que no século X já era um templo importante mas, só no século XII foram feitas grandes remodelações (1180) com a construção de um novo claustro e uma igreja de três naves. Tudo isto desapareceu, à excepção dos capitéis românicos. Sabemos ainda que na primeira fase, o mosteiro estava na posse dos monges eremitas de Santo Agostinho, mas em meados do século XI, o mosteiro adoptou a Regra Beneditina, que se manteve até 1200, época em que passou para a alçada da Ordem de Cister. Esta alteração trouxe uma inovação, pois o mosteiro passou a ser feminino, tendo por invocação Santa Maria. Esta profunda e radical mudança, com alterações nos espaços, ficou a dever-se a D. Teresa, filha do rei D. Sancho I, que viveu no local até à data da

⁴⁷ <http://www.gerc.110mb.com/tradicoes.htm>

ra sepultada na igreja com sua irmã D. Sancha (em
onse Manuel Carneiro da Silva, em 1714).

Há que realçar as obras ocorridas nos séculos XVII e XVIII, donde se destaca o cenóbio no contexto político nacional, com disputa acesa entre o Rei e as freiras do Lorvão (como por exemplo, a disputa entre D. João III e D. Filipa de Eça).

Nos últimos anos do século XVI teve lugar a grande actualização do mosteiro, começando pelo claustro, de cariz renascentista, com várias capelas, tendo sido acrescentadas em 1677, as varandas de cariz barroco. A portaria feita em 1630, já integrada no novo edifício, iniciado na década de 1620. O que mais marcou o mosteiro foi o ciclo barroco, com o culto às Rainhas Santas (BORGES, 2002).

Procedeu-se, entretanto, a uma nova remodelação entre 1748 e 1761. Com a reconstrução da igreja nota-se no seu traçado a influência de Mafra. No aspecto da talha setecentista, o Mosteiro do Lorvão é uma autêntica referência à escala nacional, com destaque para o cadeiral do coro-baixo (1742-47), em jacarandá e nogueira.

Mais uma vez, em 1834, com a extinção das ordens religiosas, e os diversos problemas até à morte da última freira (1887), grande parte do património foi disperso por vários Museus Nacionais, não obstante se ter perdido muita coisa valiosa.

O Mosteiro de Lorvão é parcialmente um hospital psiquiátrico, conhecido como Hospital Psiquiátrico de Lorvão. Apenas a parte da igreja é utilizada para fins religiosos, culturais e turísticos. A entrada deste ao público é gratuita e é possível usufruir de uma visita guiada, que nos permite conhecer toda a história do Mosteiro, bem como descobrir as várias partes deslumbrantes da igreja. As acessibilidades ao Mosteiro são boas. Sabe-se que o órgão do Mosteiro vai ser recuperado, com um valor base de 67000 euros. Para Humberto Oliveira, presidente da câmara de Penacova, a recuperação era fundamental e é, sem dúvida, *um momento importante para a estratégia de desenvolvimento* que pretendem implementar. Relembramos que, há mais de 20 anos que o processo de recuperação dos tubos do Mosteiro foi iniciada. Para o Director Regional da Cultura do Centro, António Pedro Pita, o órgão é de *um valor patrimonial de grande importância*. (*Diário de Coimbra*, 17 de Setembro de 2010, p.19).

Por todas as localidades do concelho, celebram-se os santos padroeiros com festividades religiosas. A festa da Semana Santa (onde se festeja a Paixão, a Morte e a Ressureição de Cristo) tem um significado muito especial para os habitantes do concelho de Penacova e desenrola-se através de cerimónias solenes (como por exemplo a Procissão do Enterro do Senhor). Também, no dia 8 de Setembro, permanece a

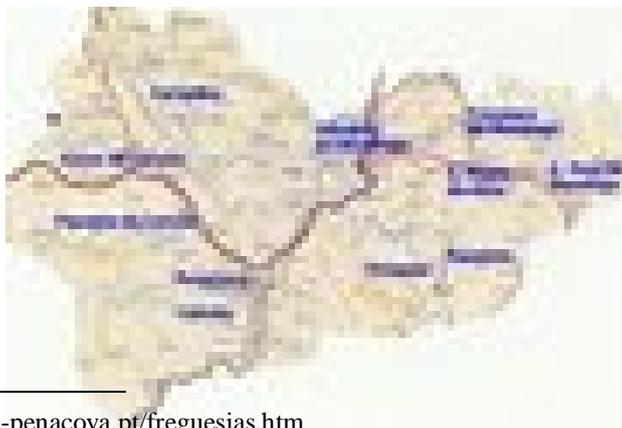
hora Do Monte Alto, após a missa e procissão, o
; Santas Rainhas, estas ocorrem no penúltimo fim-
de-semana de Outubro, em Lorvão. Estas festas estão profundamente ligadas à história
do Mosteiro de Lorvão pois as Religiosas D.Teresa e D.Sancha viveram e foram
sepultadas nele.

O Mosteiro é dinamizado com acções culturais, como por exemplo alguns
concertos (no claustro) que se realizaram no Dia Mundial da Música, no dia 1 de
Outubro de 2010 ou como Festivais de Dança Internacional. Actualmente, estão a ser
feitas escavações arqueológicas pela Direcção Regional da cultura do Centro e vai abrir
brevemente o novo espaço museológico. Segundo o José Pisco, Guia do Mosteiro de
Lorvão, o Mosteiro de Lorvão *ó é um grande foco de turismo cultural em Lorvão e no
concelho de Penacóva em geral, sendo considerado a jóia do concelho*. (Ver Anexo
6).

O Mosteiro do Lorvão, esse belo exemplar de obra do tempo da fundação da
nacionalidade, com a sua famosa biblioteca, bem como toda a envolvência artística-
religiosa que o distingue. Tínhamos que provar a doçaria conventual provinda do
mosteiro, a saber: alfinetes, palitos, bolos das infantas, bolo podre do Lorvão, bolos do
bispo, lampreia doce de Lorvão, papos de anjo, pastéis de Lorvão, queijadas.

É de realçar também que, todos os anos, data coincidente com o Feriado
Municipal de 17 de Julho, o Grupo Etnográfico de Lorvão, o Rancho Folclórico de
Penacova e o Rancho Folclórico "As Paliteiras de Chelo", coorganizam o
"Festitradições de Povos do Mundo", Galas Internacionais de Folclore e Artes
Tradicionais, no âmbito do CIOFF.

Mapa do Concelho de Penacova e respectivas freguesias⁴⁸



⁴⁸ Fonte: <http://www.cm-penacova.pt/freguesias.htm>

eria de aproveitar uma visita à lindíssima zona de s maiores núcleos molinológicos do país (com 19 moinhos de vento e 19 azenhas) Actualmente estão espalhados pelas serras da Atalhada, Aveleira e Roxo, Gavinhos, Paradela de Lorvão e Portela de Oliveira, 19 moinhos de vento em actividade ou em condições de funcionarem, bem como as 18 azenhas instaladas nos rios e ribeiras. Se no passado estes constituíram uma fonte de rendimentos e uma forma de subsistência, hoje são uma mais-valia para o turismo, atraindo a Penacova muitos turistas e os apaixonados pela molinologia. O núcleo molinológico de Gavinhos contém 14 moinhos, uma imagem da Santa do Imaculado Coração de Maria e um miradouro.

Na Portela da Oliveira, insere-se um Museu Moinho Vitorino Nemésio, em homenagem ao escritor açoreano, considerado uma referência cultural do concelho de Penacova bem como um Núcleo Molinológico. Na Serra da Atalhada, existe um complexo Turístico, pertencente ao TER⁴⁹ na modalidade de Turismo Rural, gerido pelo Grupo de Solidariedade Social, Desportivo, Cultural e Recreativo de Miro, composto por um conjunto de 23 moinhos de vento (dos quais 3 são destinados à exploração hoteleira, chamados O sonho, O Penedo e O Cereal), um bar, um restaurante, uma sala de Reuniões, um parque de Merendas e um Parque de estacionamento.

10- CONVENTO DO DESAGRAVO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

O convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento de Vila Pouca da Beira foi fundado na segunda metade do século XVIII, pela Câmara, nobreza e povo desta vila, nos termos da Provisão Régia e Episcopal que deu autorização à sua instituição. As religiosas do Louriçal chegaram em 1791, com o edifício ainda em obras. Pensa-se que as obras terão terminado em 1800 (CORREIA; GONÇALVES, 1952).

⁴⁹ Turismo no Espaço Rural

al e, a
lateral

conforme as regras dum convento feminino. O portal, tem linhas rectas ladeado por pilastras e é encimado por uma enorme janela, flanqueada por dois nichos. A assinalar a entrada principal está uma grande cruz, já sobre o telhado. O



claustro desenvolve-se a Norte e, é formado por tramos de quatro arcos. Em 1834, ano da extinção das ordens ⁵⁰religiosas, prenunciava-se o fim do convento que, só ocorreu em 1899, ano em que faleceu a última freira.

⁵¹Em 1928 foi instalado no local o Posto Agrário do Mondego, extinto entretanto em 1935. Neste ano, aqui se instalaram as Doroteias com um colégio que só durou até 1938. Em 1942 vieram as Dominicanas que ficaram até 1951. Em 1952, instalou-se a Junta Geral da Província.

São várias as festas e romarias do concelho de Oliveira do Hospital:

Nossa Senhora das Preces - primeiro fim-de-semana de Julho; Nossa Senhora das Necessidades (Aldeia das Dez) - Domingo de Pentecostes; S. Lourenço (Aldeia das Dez), 10 de Agosto; S. Francisco de Assis (Aldeia das Dez) - 4 de Outubro; S. Paulo (Aldeia das Dez) - 25 de Janeiro; Santo Amaro (Aldeia das Dez) - 15 de Janeiro;



Senhora das Preces (Aldeia das Dez) - 17 de Janeiro; Nossa Senhora da Luz (Alvoco das Várzeas) - terceiro fim-de-semana de Agosto; S. Pedro (Avô) - 29 de Junho; Senhora dos Anjos (Avô) ó segundo Domingo de Agosto; Santo António (Bobadela) - último Domingo de Julho; Corpo de Deus (Lagares) - 15 de Junho; Festival de Folclore (Lagares) - terceira semana de Agosto; Nossa Senhora da Conceição (Lagares) - último fim-de-semana de Agosto; S. João (Lagos da Beira) - 24 de Junho; Santa Luzia (Lajeosa) - primeiro Domingo de Maio; Nossa Senhora da

⁵⁰ Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento, Foto da nossa autoria

⁵¹ Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento, Foto da nossa autoria

...ningo de Setembro; Irmandade de S. Bartolomeu
...; Nossa Senhora do Rosário (Nogueiro do Cravo) -
primeiro Domingo de Outubro; Santa Luzia (Nogueiro do Cravo) - primeiro Domingo
de Julho; Santo António (Nogueiro do Cravo) - 13 de Junho; Festas da Cidade (Oliveira
do Hospital), Do último fim-de-semana de Agosto ao primeiro fim-de-semana de
Setembro; Incluído no programa das festas concelhias está a FICACOL, Feira
Industrial, Comercial, Agrícola e Cultural de Oliveira do Hospital, realizada no Parque
do Mandanelho e onde se encontram expostos os trabalhos das freguesias do concelho;
Santa Ana (Oliveira do Hospital) - primeiro Domingo de Agosto; Festas de Verão
(Penalva de Alva) - primeiro Domingo de Agosto; Nossa Senhora da Conceição
(Penalva de Alva) - 8 de Dezembro; Santo António (Penalva de Alva) - segundo
Domingo de Julho; S. Sebastião (S. Gião) - Domingo próximo de 20 de Janeiro; Senhor
dos Aflitos (S. Gião) - terceiro Domingo de Agosto; Senhora da Criação (S. Gião) - 12
de Novembro; Nossa Senhora dos Milagres (S. Paio de Gramaços) - 15 de Agosto; S.
Pelágio (S. Paio de Gramaços) - último Domingo de Junho; S. Sebastião (S. Sebastião
da Feira) - 20 de Janeiro; Nossa Senhora da Expectação (Santa Ovaia) - terceiro
Domingo de Dezembro; Setembrinas (Santa Ovaia) - primeiro fim-de-semana de
Setembro; Santa Marinha (Travanca de Lagos) - primeiro Domingo de Setembro; S.
Miguel (Vila Pouca da Beira), Santa Margarida (Vila Franca da Beira) - 15 de Agosto.⁵²

Na actualidade, o espaço foi recuperado começando a funcionar como pousada
integrada nas Pousadas de Portugal. Estas são uma cadeia com mais de 40 unidades,
dispersas por todo o país e que estão a funcionar em Conventos, Mosteiros, Castelos ou
outros locais especiais. As pousadas de Portugal estão classificadas em 4 grupos: as
Pousadas Charme, as Pousadas Históricas, as Pousadas Históricas Design e as Pousadas
Natureza. A Pousada de Vila Pouca da Beira classifica-se nas Pousadas Históricas.

Com efeito, sendo propriedade da Fundação Bissaya Barreto foi convertida em
Pousada a qual foi inaugurada em 2002. Parte do seu historial pode ser conhecido
através da consulta de fontes documentais, bibliográficas e fotográficas existentes no
Centro de Documentação Bissaya Barreto em Coimbra. Oferece vinte e nove quartos,
(21 são quartos standard, 7 são suites e 1 suite presidencial), e uma decoração que
preserva muitos móveis e obras de arte de inspiração sacra (como estátuas de anjos e
santos em madeira), mas com um toque de modernidade, num ambiente romântico e

⁵² [Http://portugal.veraki.pt/concelhos/concelhos.php? &idconc=203&op=FR&gr=CL&pag=2](http://portugal.veraki.pt/concelhos/concelhos.php?&idconc=203&op=FR&gr=CL&pag=2)

os jardins, a piscina e uma quadra de ténis. A
omos visitá-la a ser aproveitada para fins culturais,
com uma exposição. Tal como a igreja, que já não funciona para fins religiosos, a qual
visitámos. Bastante conservada, está também a ser aproveitada para mostrar a cultura.

A pousada está numa localização privilegiada, junto das principais vias
rodoviárias de acesso à região, com boa exposição solar e vista panorâmica sobre a
Serra da Estrela. Existem várias actividades que a pousada propõe fora dessa, tal como a
pesca (no Rio Alva), a canoagem, passeios temáticos, montanhismo, piqueniques, caça
(coelho, perdiz, tordo e rola) e a escalada. A Pousada funciona também como Centro de
Convenções.

Ao visitar o Convento do Desagraço do Santíssimo Sacramento (Oliveira do
Hospital), pode se aproveitar para dar um passeio até ao Conjunto Romano da
Bobadela ou até às Aldeias do Piódão, muito famosas, ou a Casa Museu Cabral Mettelo
e porque não provar uma tijelada à moda de Oliveira do Hospital, e/ou dormir na
Pousada do Convento.

Regresso a Coimbra!

5.8 Relação entre Turismo Religioso e Cultural do Concelho de Coimbra

No ponto 3.2. já pudemos ver como o património religioso funciona como ponto
de encontro entre turismo religioso e turismo cultural, ou seja, a grande quantidade de
edifícios sagrados, conforme temos vindo a descrever, revelam um conteúdo histórico
indissociável que atraem as pessoas que percorrem o território em busca do religioso no
profano e vice-versa, permitindo que haja um cruzamento inevitável entre as duas
concepções.

Para além do património cultural representado pelos edifícios religiosos com
valor histórico, devemos destacar elementos de valor cultural que perduram para além
da história dos edifícios e do sagrado neles implícito, com é caso da doçaria conventual
que perdurou até aos nossos dias, e desencadeia uma busca acentuada das pessoas que
conotam os monumentos com esses mesmos doces.

No Mosteiro do Lorvão, temos os seguintes doces: Na vila de Tentúgal,
concelho de Montemor-o Velho, fica o Mosteiro de N^a S^a da Natividade, pertença da
ordem das Carmelitas Calçadas, onde se confeccionava o famoso pastel de Tentúgal,

lhe dá o nome, o das Urcelinas, situado em Pereira do Campo, hoje Quinta S. Luiz onde existe um espaço gastronómico de excelência, vêm as queijadas de Pereira.

Não podemos esquecer a importância das inúmeras festas religiosas celebradas nas localidades do concelho, as ã Romarias ã, que juntam todos os anos milhares de pessoas, que a propósito duma qualquer comemoração religiosa realizam festas que, por vezes, duram dias, com procissões e eventos mais profanos como os bailes e música ao vivo. Nestas festas, que decorrem desde Maio a Outubro, participam intensamente os emigrantes que regressam a casa para passarem umas férias. Este património religioso-cultural é a alma dum povo que se exprime, misturando o sagrado e o profano.⁵³



5.9. Descrição dos Restantes Conventos e Mosteiros

Os seguintes mosteiros foram excluídos do roteiro porque, além de se encontrarem em estado de degradação elevado, não podem ser aproveitados para fins turísticos. Com efeito, em termo de turismo, estes não estão preparados nem reúnem condições para serem visitados e as acessibilidades a esses são péssimas.

CONVENTO DE ALMIARA (OU MOSTEIRO DE VERRIDE):

As primeiras referências relacionadas com Almiara são dos finais do século XIII. Em 1194, Afonso Geraldês e mulher, Belide Soares, fizeram uma doação da quinta aos cônegos de Santa Cruz de Coimbra, cuja posse se manteve até à extinção das ordens religiosas, em 1834. O edifício foi alvo de profundas obras arquitectónicas, a fim de o tornar operacional para receber os religiosos que por ali passavam para descansar. Sabe-se que o projecto inicial tinha dois torreões, restando apenas um intacto e, v estígio do segundo. Havia uma fachada principal longa, com entrada através de arcos de volta inteira e um frontão triangular. Os vãos dos alçados são simétricos, com duas fiadas de janelas no piso térreo. No último andar do torreão existem três pisos. Há a destacar, no interior, a sala do refeitório dos monges, com painéis de azulejos azuis e

⁵³ Convento de Almiara, foto da nossa autoria

sala principal está uma pintura no tecto com a data anterior, existe um corpo perpendicular com a parte das habitações e capela. No seu interior há um conjunto de azulejos azuis e brancos, alusivos à vida de Santo Agostinho e dos frades crúzios (SIMÕES, 1979, p.153). Apenas coexistem os retábulos de talha dourada nos lados. A sacristia tem azulejos de ramagens. Em relação aos pátios, um dá acesso às zonas agrícolas e às cavalariças, dando o outro acesso ao andar nobre.⁵⁴

Actualmente, o convento, muito degradado. Como o podemos constatar nas fotos, encontra-se em ruínas e completamente abandonado, numa área deserta, no meio do campo.

CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO (VILA COVA DE ALVA)

O Convento de Santo António de Vila Cova de Alva foi edificado entre 1713, ano do lançamento da primeira pedra, e 1723, ano da cerimónia da trasladação do Santíssimo Sacramento para a igreja (ANACLETO, 1996, p.78). A instituição do convento e o apoio financeiro para a obra deve-se a Luís da Costa Faria, um homem de Arganil que exerceu elevados cargos no reino (ANACLETO, 1996, p.78). Deu entrada



no convento e aí faleceu a 19 de Abril de 1730, tendo o túmulo sido colocado no transepto da igreja.

⁵⁵Todas as dependências conventuais se enquadravam à volta do claustro, de planta quadrangular, tendo ainda a igreja e a Sala do Capítulo, para além do refeitório, a cozinha, a adega, a portaria e a casa de arrumos. As celas ficavam no andar superior, a par de um hospício (ANACLETO, 1996, p.83). Após a extinção das ordens religiosas em 1834, o convento passou por momentos atribulados, agravados pelas invasões francesas em que foi saqueado. Em 1841 foi vendido em hasta pública, tendo sofrido alterações que desfiguraram o espaço.

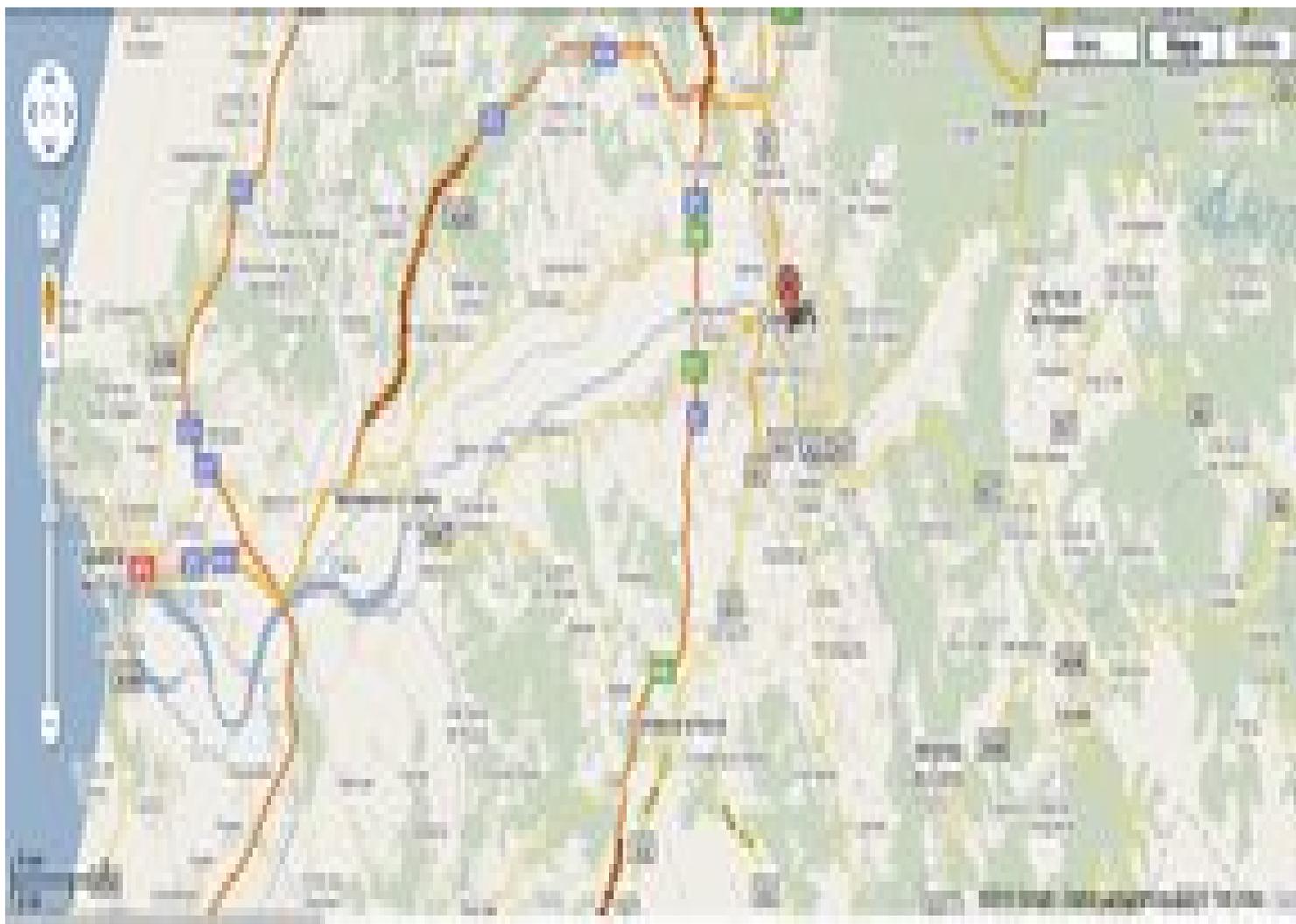
⁵⁴ http://www.cm-montemorvelho.pt/patrimonio_historico.asp?ref=13VER

⁵⁵ Convento de Santo António, Foto da nossa autoria

Segundo a chefe de divisão de Cultura, Museu, da Figueira da Foz, *òdado o estado avançado de degradação do monumento não existe ligação prática entre o património religioso e cultural*ö.(ver anexo 4).

A capela de Seiça, próxima do Mosteiro, está integrada numa rede de percursos pedestres, explorados comercialmente pela empresa Sinergie. Não existem, neste momento, nem protocolos ou parcerias entre a Câmara Municipal e outras entidades com o Mosteiro, nem tão pouco um plano estratégico de desenvolvimento relativo ao monumento. (ver anexo 4). A capela é de estilo barroco e data do século XVII. As festas da Nossa Senhora de Seiça estão associadas a esta capela e comemaram-se todos os anos no dia 15 de Agosto.

Mapa 3: Mapa do Distrito de Coimbra com as estradas (para percurso do roteiro).



Com o presente trabalho pretendeu-se dar uma panorâmica sobre vários conceitos fundamentais, a saber: Património, Cultura e Turismo.

Começámos por classificar os diferentes tipos de património, definindo património histórico e turismo em termos de construção social. Fizemos a distinção entre Turismo e Cultura, definindo o próprio Turismo Cultural, nas suas várias ópticas, ou seja, a oferta do Turismo Cultural, utilização do Património para conseguir o Turismo e, conseguir o Desenvolvimento através do Turismo Cultural.

Seguidamente, incidimos sobre o próprio produto Património, definindo o seu valor estratégico nacional e a oportunidade de desenvolvimento. E, associámos o Desenvolvimento ao Turismo e ao Património.

Na sequência do trabalho incidimos a atenção sobre o Turismo Religioso, falando sobre a sua História e Definição. Constatámos que a origem do Turismo Religioso assenta nas Peregrinações, cuja síntese-histórica elaborámos. De referir a importância das Peregrinações Pré-Cristãs para o ulterior desenvolvimento das mesmas, até aos tempos actuais.

Descobrimos as motivações para o Turismo Religioso, abordando o perfil do turista religioso. Para se compreender este perfil é preciso entender a espiritualidade humana no próprio século XXI, analisando os parâmetros da emergência do Turismo Religioso, a própria religiosidade dos portugueses, definir o território religioso e o conceito de Geografia da religião.

Para se entender o conceito de Turismo religioso, tivemos que definir Religião e Cultura, estabelecendo a ligação entre elas. Vimos como o património religioso serve de ponto de encontro entre o Turismo Religioso e Turismo Cultural. Para se atingir o verdadeiro conceito de Turismo Religioso, há que definir os conceitos de tempo livre e lazer, pois sem eles, qualquer turista não pode exercer a prática turística, seja ela qual for. Inevitavelmente, havia que abordar o papel da Igreja Católica no Turismo

caracterizar o Turismo Religioso como segmento de
anda, a evolução futura do Turismo Religioso,
chegando à conclusão de que o futuro é promissor. Como não podia deixar de ser,
incidimos a nossa atenção no Turismo Religioso em Portugal, precisamente nos locais
onde existe uma maior concentração de pessoas, a saber, Fátima, Braga, e por todos os
Santuários espalhados um pouco por todo o País.

Por fim, fizemos uma análise mais profunda sobre o Turismo Religioso e
Cultural no Concelho de Coimbra, onde definimos as palavras-chave do trabalho:
Turismo e Desenvolvimento. Determinámos a própria localização geográfica da área em
estudo e, o conceito de desenvolvimento local. Fizemos um inventário, não exaustivo,
do Património Religioso, estabelecendo a relação entre Turismo Religioso e Cultural no
Concelho de Coimbra.

Acabámos com uma proposta de um pequeno roteiro turístico, pouco elaborado
sabendo nós as limitações temporais de tal roteiro que, para ser perfeita, exigiria vários
dias de permanência na cidade de Coimbra e arredores, pois o Património Religioso e
Cultural é imenso e, temos a perfeita consciência de que não se esgota nesta tese. A
parteda recriação, além das visitas aos monumentos, é muito importante. Os tempos
antigos têm muito que nos oferecer e claro, ensinar. Dinamizar cidades ou vilas,
mostrando também o que se pode fazer de bom, ligado à doçaria entre outras coisas.

No roteiro turístico, destacámos os mosteiros e conventos, perante o restante
património religioso porque têm uma abordagem diferente. De facto, têm e sempre
tiveram um estreito relacionamento com a população e uma profunda ligação ao evento
religioso, com actividades promovidas. Com efeito, os mosteiros e conventos detêm
uma profunda ligação ao evento religioso. No Distrito de Coimbra, evidenciou-se a
forte quantidade desses. No entanto, decidimos destacar apenas os mais importantes. Na
cidade de Coimbra, analizámos o Mosteiro de Celas, o Mosteiro de Santa Cruz, de
Santa Clara-a-Velha bem como o de Santa Clara-a-Nova. Estes mosteiros, integrados
em plena cidade, permanecem em bom estado de conservação. Sabemos que o
investimento neles é mais importantes e pareceu-nos mais fácil aproveitá-los para fins
turísticos, estando situados em meio urbano. Todos estes se encontram preparados para
fins turísticos, uns mais que outros, nomeadamente o de Santa Clara-a-Velha, que
funciona actualmente como um museu e que tem recebido cada vez mais visitantes,

star situado em Santa Clara, e um ponto turístico a sua qualidade patrimonial como pela vista deslumbrante que este oferece sobre a cidade de Coimbra. No caso de Santa Clara-a-Nova, intimamente ligado à Rainha Santa Isabel, padroeira e ãsímboloö da cidade, que actua neste momento como museu militar, pareceu-nos imprescindível não o visitar. Na igreja desse, permanece o túmulo da Rainha e todos anos, deslocam-se muitos turistas. Este mosteiro está a essa. Quanto ao Mosteiro de Celas, situado em plena cidade, pareceu-nos relevante a visita a este mosteiro, mesmo que as visitas sejam limitadas às terças-feiras. No que diz respeito ao Mosteiro de Santa Cruz, este situa-se em plena baixa de Coimbra, na Praça 8 de Maio, o que representa um forte potencial turístico. Temos que realçar a importância do território em relação aos mosteiros ou conventos, pois um mosteiro integrado no espaço da cidade desfrutará sempre de mais turismo que um localizado fora da cidade. Além disso, as políticas de desenvolvimento são diferentes. Na nossa opinião, esses mosteiros, estando situados em meio urbano, funcionam como património religioso e cultural fortemente atractivo, a nível de património móvel e imóvel. Os Mosteiro de Santa Maria de Seça (Figueira da Foz), o de Verride (Montemor-o-Velho) e de Santo António (Vila Côva de Alva) encontram-se devolutos, em estado avançado de degradação e de abandono. Se, para o de Santa Maria de Seça, a população tentou a sua recuperação através de uma petição, não nos ocorreu que fosse o caso para os outros dois referenciados. Achámos deplorável, para esses mosteiros, classificados como Património Mundial, estarem nesse estado. Tentámos entrar em contacto com as entidades responsáveis mas não obtivemos resposta. A elaboração do roteiro tornou-se mais difícil pela falta de informação para alguns mosteiros.

Assim, no decorrer do trabalho, foi-nos possível apurar as seguintes conclusões:

- O Sagrado é (ou pode ser) um produto turístico de espaço/território
- Existência de uma ligação entre o Sagrado e o Profano
- Elevado nível de atractividade e potencialidade turística (Mosteiros da cidade de Coimbra, Mosteiro de Lorvão e Mosteiro do Desagravo Sacramento);
- Escassez de estratégias regionais e locais, relativamente à maioria dos mosteiros e conventos do Distrito, fora da cidade de Coimbra;



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

ferta turística aos canais de distribuição turísticos
nais.

Esperamos ter atingido a intenção que presidiu à elaboração deste trabalho, contudo, muito mais haveria a dizer.

Desejamos humildemente que o presente trabalho seja útil, de alguma forma, para os estudiosos de Turismo e para os Operadores turísticos, em permanente busca de novas e dinâmicas rotas turísticas, do segmento Turismo Religioso/Cultural, em ascensão por todo o mundo e, em particular, no nosso País.

IGREJA DA SÉ VELHA, situada no Largo da Sé Velha. Edificada a meio caminho entre a Baixa e a Alta da cidade, a Sé Velha é um edifício do tipo igreja-fortaleza, com a fachada rematada por ameias, insere-se no estilo românico coimbrão. Construção no reinado de D. Afonso Henriques, obra começada em 1162 e terminada em 1184.

A Sé Velha foi palco de grandiosos acontecimentos históricos: a coroação de D. Sancho I (1185), a confirmação por D. Pedro do seu casamento secreto com D. Inês de Castro (1360) e, a aclamação do mestre de Avis como rei de Portugal (1385) (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, 2006, Vol I p. 209).

IGREJA DE SANTO ANTÓNIO DOS OLIVAIS

IGREJA DE SÃO SALVADOR, situada no Largo de São Salvador, Freguesia de Sé Nova.

Classificado Monumento Nacional por Dec. De 16- 06- 1910, DG 136 de 23- 06-1910. Trata-se de uma das mais antigas igrejas de Coimbra, devendo a sua primeira construção datar do século XI. Dizem documentos da época que esta igreja pertencia ao convento da Vacariça. No século XII foi reconstruída, conforme um letreiro apenso ao portal que refere o nome de Estevão Martins e a data de 1179 (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, 2006, Vol I p. 209).

IGREJA DE SÃO TIAGO, situada na Praça do Comércio, Freguesia de São Bartolomeu.

Classificada Monumento Nacional por portaria de 02-07-1908 e de 16-06-1910. Estabelecida Zona Especial de Protecção em DG (2ª série) 6 de 08-01-1960. Trata-se de um templo românico sagrado com a designação de basílica no ano de 1206, pelo Bispo de Coimbra (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, 2006, Vol I p. 209).

IGREJA DE SÃO BARTOLOMEU, no topo sul da Praça do Comércio (antiga Praça Velha), Freguesia de São Bartolomeu.

Classificada Imóvel de Interesse Público por despacho de Agosto de 1977. Esta igreja é de cunho barroco provincial, construída em 1756 sobre as ruínas de um antigo edifício românico com a mesma invocação (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, 2006, Vol I p. 209).

COLÉGIO de SÃO BOAVENTURA (OU DOS PIMENTAS) / MUSEU ANTROPOLÓGICO, situado na R.da Sofia, no Beco de São Boaventura e no Terreiro da Erva, Freguesia de Sta. Cruz.

No ano de 1625, os religiosos da província franciscana da observância de Portugal (Os Venturas), obtiveram licença pontifícia para adquirir as casas de um antigo colégio e outras casas vizinhas.

Em 1834, após a extinção das ordens religiosas, o edifício teve diversos destinos, servindo de prisão académica, e vindo a ser, depois da reforma universitária de 1911, o local de acolhimento do Instituto de Antropologia (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, 2006, Vol I p. 209).

(OU DO ESPÍRITO SANTO), situado na R. da

Sofia, Freguesia de Sta. Cruz. Esta casa religiosa foi construída em meados do século XVI (1541- 1550) por iniciativa do cardeal D. Henrique, para os clérigos e outros religiosos da ordem cisterciense (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, 2006, Vol I p. 209).

IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO (OU COLÉGIO DO CARMO), situados na R. da Sofia, Freguesia de Sta. Cruz.

Classificados Imóvel de Interesse Público pelo Dec. 516 / 71 De 22 de Novembro (esta classificação é extensiva a toda a Rua da Sofia, entre a Praça 8 de Maio e a R. Figueira da Foz).

Esta igreja fazia parte do antigo Colégio do Carmo, fundado no ano de 1541, para a residência dos clérigos que desejavam frequentar a Universidade de Coimbra (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, 2006, Vol I p. 209).

IGREJA DE SÃO PEDRO (ou COLÉGIO das BORRAS) (de TERCEIROS), situada na R. da Sofia, Freguesia de Sta. Cruz.

Na Rua da Sofia, no prolongamento do Colégio da Graça, erguia-se o Colégio de S. Pedro, fundado em 1540 pelo bispo de Miranda, para que os 12 clérigos mirandeses pudessem estudar (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, 2006, Vol I p. 209).

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRACA (ou Colégio da Graça), situada na R. da Sofia, Freguesia de Sta. Cruz.

Classificada Monumento Nacional pelo Dec. 67 / 97 DR 301 de 31 -12- 1997.

Este Colégio foi fundado durante o reinado de D. João III, em 1543, e destinava-se à Ordem dos Ermitas de Santo Agostinho (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, 2006, Vol I p. 209).

IGREJA DE SANTA JUSTA-A-NOVA, situada na Ladeira de Sta. Justa, Freguesia de Sta. Cruz.

Esta igreja foi construída ao fundo da Rua da Sofia, nos inícios do século XVIII (1710), em substituição de um templo medieval de igual invocação que existia no Terreiro da Erva e que desaparecera por causa da cheia do Mondego (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, 2006, Vol I p. 209).

IGREJA DA SÉ NOVA, situada no antigo Largo da Feira, Freguesia da Sé Nova.

Classificada Monumento Nacional por Dec. De 16-06- 1910.

A Sé Nova está instalada no antigo colégio Jessuítico das Onze Mil Virgens (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, 2006, Vol I p. 209).

A cerimónia da bênção das pastas dos estudantes das várias Faculdades tem lugar nesta igreja

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA, situada no Largo da Esperança, perto de Santa a Clara-a-Nova, Freguesia de Sta. Clara.



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

o XVIII, substituindo um anterior templo de igual
te de, BELO, Duarte, 2006, Vol I p. 209).

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DA PONTE, situado no sopé da colina de Sta. Clara, Freguesia de Sta. Clara.

Este convento foi fundado nos inícios do século XVII (1602-1609), segundo o estilo maneirista comum na cidade, em substituição de um outro, do século XIII, abandonado devido às cheias.

Actualmente, após remodelação e adaptação realizada em 2003 sob projecto do arquitecto Carrilho da Graça, o convento deu lugar ao denominado Centro de Congressos, espaço polivalente, vocacionado para eventos culturais (ALMEIDA, Álvaro Duarte de, BELO, Duarte, 2006, Vol I p. 209).

Concelho de Coimbra.

- 1- IGREJA DE SÃO LOURENÇO (matriz de Taveiro) situada em Taveiro, concelho de Coimbra;
- 2- IGREJA DE SÃO MIGUEL (matriz de Ribeira de Frades) situada em Ribeira de Frades. Freguesia de Ribeira de Frades, concelho de Coimbra;
- 3- IGREJA E CONVENTO DE SANTA TERESA, situados na R. de Sta. Teresa, em Coimbra. Freguesia da Sé Nova (ou de Stº António dos Olivais?), concelho de Coimbra;
- 4- IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (matriz de Arzila) situada em Arzila. Freguesia de Arzila, concelho de Coimbra;
- 5- IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (matriz de Assafarge) situada em Assafarge, concelho de Coimbra;
- 6- IGREJA DE SANTO ESTEVÃO (matriz de Castelo Ciegas) situada em Castelo Viegas. Freguesia de Castelo Viegas, concelho de Coimbra;
- 7- MOSTEIRO DE SÃO JORGE DE MILREUS, situado em Castelo Viegas. Freguesia de Castelo Viegas, concelho de Coimbra;
- 8- IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (matriz de Cernache) situada. Freguesia de Cernache, concelho de Coimbra;
- 9- CAPELA DE SÃO PEDRO situada em Almalaguês. Freguesia de Almalaguês, concelho de Coimbra;
- 10- IGREJA DE SÃO TIAGO (matriz de Almalaguês) situada em Almalaguês. Freguesia de Almalaguês, concelho de Coimbra;

Freguesia do Ameal

- IGREJA DE S. JUSTO (matriz)
- CAPELA DE Nª Sª DOS REMÉDIOS

Freguesia de Antanol

- IGREJA DE Nª Sª DA ALEGRIA
- CAPELA DE S. MIGUEL
- CAPELA DE STº ANTÓNIO

Freguesia de Assafarge

- CAPELA DE Stº AMARO
- CAPELA DE Nª Sª DA AJUDA
- CAPELA DE S. SILVESTRE

Freguesia de Castelo Viegas

- CAPELA DE S. PEDRO
- CAPELA DE Stª LUZIA

Freguesia de Ceira
- IGREJA DE N^a S^a DA ASSUNÇÃO
- CAPELA DO St^o CRISTO

Freguesia de Cernache
- CAPELA N^a S^a DAS NEVES
- CAPELA DA TELHADELA

Freguesia de Ribeira de Frades
- CAPELA N^a S^a DA NAZARÉ
- CAPELA DE St^a ANA

Freguesia de S. Martinho do Bispo
- CAPELA DE S. FRUTUOSO

Freguesia de Taveiro
- CAPELA DE N^a S^a DA PIEDADE
- CAPELA DE S. SEBASTIÃO

Freguesia de Torres do Mondego
- IGREJA DE S. SEBASTIÃO (matriz)

CONCELHO DE PENACOVA

- 1- IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (matriz de Carvalho);
- 2- IGREJA DE SANTO ANDRÉ (matriz de Sazes do Lorvão) situada em Sazes do Lorvão. Freguesia de Sazes do Lorvão, concelho de Penacova;
- 3- IGREJA DE SÃO PEDRO (matriz de S. Pedro de Alva) situada em São Pedro de Alva. Freguesia de São Pedro de Alva, concelho de Penacova;
- 4- IGREJA DE SÃO JOÃO BAPTISTA (matriz de Figueira do Lorvão) situada em Figueira do Lorvão. Freguesia de Figueira do Lorvão, concelho de Penacova;
- 5- CAPELA DE SÃO JOÃO situada a norte de Penacova, em eminência sobranceira ao vale do Mondego. Freguesia de Penacova, concelho de Penacova;
- 6- IGREJA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO (matriz de Penacova) situada em Penacova. Freguesia de Penacova, concelho de Penacova;
- 7- CAPELA DE SANTO ANTÓNIO, situada a sul de Penacova. Freguesia de Penacova, concelho de Penacova;
- 8- IGREJA DE SÃO MATEUS (matriz de Friúmes) situada em Friúmes. Freguesia de Friúmes, concelho de Penacova;
- 9- IGREJA E MOSTEIRO DE SANTA MARIA (OU DO LORVÃO) situadas em Lorvão. Freguesia do Lorvão, concelho de Penacova;

ANTÓNIO DO CÂNTARO situada na Freguesia do
ova;

- 11- CAPELA DE SANTA ANA, Freguesia de Carvalho, concelho de Penacova;
- 12- CAPELA DA S^a DAS DORES, Freguesia de Carvalho, concelho de Penacova;
- 13- CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO, Freguesia de Carvalho, concelho de Penacova;
- 14- CAPELA DE S. PEDRO, Freguesia de Carvalho, concelho de Penacova;
- 15- CAPELA DE S. ROMÃO, Freguesia de Figueira do Lorvão, concelho de Penacova;
- 16- CAPELA DE TELHADO, Freguesia de Figueira do Lorvão, concelho de Penacova;
- 17- CAPELA DE NOSSA SENHORA DO CABO, Freguesia de Friúmes, concelho de Penacova;
- 18- CAPELA DE S. DOMINGOS, Freguesia de Friúmes, concelho de Penacova;
- 19- CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, Freguesia de Friúmes, concelho de Penacova;
- 20- IGREJA DE NOSSA SENHORA DA EXPECTAÇÃO, Freguesia de Lorvão, concelho de Penacova;
- 21- CAPELA DE S^o ANTÓNIO, Freguesia de Lorvão, concelho de Penacova;
- 22- IGREJA DE SANTA MARINHA (matriz), Freguesia de Oliveira do Mondego, concelho de Penacova;
- 23- CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Freguesia de Oliveira do Mondego, concelho de Penacova;
- 24- CAPELA DE SANTO ANTÓNIO, Freguesia de Oliveira do Mondego, concelho de Penacova;
- 25- CAPELA DE S. MIGUEL, Freguesia de Oliveira do Mondego, concelho de Penacova;
- 26- CAPELA DA Sr^a DA BOA VIAGEM, Freguesia de Oliveira do Mondego, concelho de Penacova;
- 27- CAPELA DE S. FRANCISCO, Freguesia de Oliveira do Mondego, concelho de Penacova.

CONCELHO DE MIRANDA DO CORVO

- 1- IGREJA DO ESPÍRITO SANTO (matriz de Lamas) situada em Lamas. Freguesia de Lamas, concelho de Miranda do Corvo.

matriz de Rio de Vide) situada em Rio de Vide,
70.

- 3- IGREJA DE SÃO SALVADOR (matriz de Miranda do Corvo) situada em Miranda do Corvo. Freguesia de Miranda do Corvo, concelho de Miranda do Corvo.
- 4- CAPELA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE situada em Miranda do Corvo. Freguesia de Miranda do Corvo, concelho de Miranda do Corvo.
- 5- SANTUÁRIO DA SENHORA DA PIEDADE situado sobranceiro ao lugar de Tábua. Freguesia de Miranda do Corvo, concelho de Miranda do Corvo.
- 6- MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE SEMIDE situado na localidade de Semide. Freguesia de Semide, concelho de Miranda do Corvo.

No topo da vertente sobranceira ao Mosteiro de Semide encontra-se o Santuário do Senhor da Serra, palco de uma centenária peregrinação. Este Santuário, erigido e devotado ao Santo Cristo foi palco de uma das maiores romarias do país, antes do aparecimento do Santuário de Fátima.

Freguesia de Lamas

- CAPELA DE N^a S^a DA MEMÓRIA
- CAPELA DE St^o ANTÓNIO
- CAPELA DE N^a S^a DO CARMO

CONCELHO DE CONDEIXA-A NOVA

- 1- IGREJA DE SÃO PEDRO (matriz do Sebal) situada em Sebal. Freguesia de Sebal, concelho de Condeixa-a-Nova.
- 2- IGREJA DE SANTA CRISTINA (matriz de Condeixa -a-Nova) situada em Condeixa-a-Nova.
- 3- IGREJA DE SÃO PEDRO (matriz de Condeixa-a-Velha) situada em Condeixa-a-Velha. Freguesia de Condeixa-a-Velha, concelho de Condeixa-a-Nova.
- 4- IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA (matriz de Ega) situada em Ega. Freguesia de Ega, concelho de Condeixa-a-Nova.
- 5- IGREJA DE SÃO PEDRO (matriz de Vola Seca) situada em Vila Seca, concelho de Condeixa-a-Nova.

Freguesia de Anobra

- IGREJA DE St^a CATARINA

Freguesia de Bem da Fé

- IGREJA DE N^a S^a DA AJUDA (matriz)

Freguesia de Bem da Fé

- IGREJA DE N^a S^a DA AJUDA (matriz)

Freguesia de Condeixa-a-Nova

Freguesia de Condeixa-a-Velha

- IGREJA DE SÃO PEDRO (matriz)
- CAPELA DE ST^a MARIA MADALENA
- CAPELA DE N^a S^a DA PIEDADE
- CAPELA DE ST^a ISABEL

Freguesia de Ega

- CAPELA DO ROSÁRIO
- CAPELA DE S^o JOÃO
- CAPELA DE S. PEDRO

Freguesia do Furadouro

- IGREJA DO ESPÍRITO SANTO (matriz)
- CAPELA DE S. PAULO
- CAPELA DA S^a DO CÍRCULO
- CAPELA DE S. JORGE
- CAPELA DO MÁRTIR S. SEBASTIÃO

Freguesia do Sebal

- CAPELA DE S. TIAGO
- CAPELA DE S. JORGE
- CAPELA DE ST^a ANA
- CAPELA DE S^a DA CONCEIÇÃO

Freguesia de Vila Seca

- CAPELA DE ALCOUCE
- CAPELA DO ESPÍRITO SANTO

Freguesia do Zambujal

- IGREJA DE N^a S^a DA CONCEIÇÃO (matriz)
- CAPELA DE ST^a CRISTINA
- CAPELA DE ST^a INÊS
- CAPELA DE N^a S^a DA EXPECTAÇÃO

CONCELHO DE PENELA:

- 1- IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO (matriz de Podentes) situada em Podentes. Freguesiaq de Podentes, concelho de Penela.
- 2- IGREJA DE SÃO MIGUEL (matriz de Penela) situada no interior do castelo de Penela. Freguesia de S. Miguel, concelho de Penela.
- 3- IGREJA DE ST^a EUFÉMIA (paroquial) situada em Penela. Freguesia de Santa Eufémia, concelho de Penela.
- 4- IGREJA DA MISERICÓRDIA / MUSEU DE ARTE SACRA, situada em Penela. Freguesia de Santa Eufémia, concelho de Penela.

Freguesia do Rabaçal

- IGREJA DE ST^a MARIA MADALENA (matriz)
- CAPELA DE N^a S^a DA PIEDADE
- CAPELA DE S. JOÃO
- CAPELA DE ST^a ANA
- CAPELA DE ST^a LUZIA

Freguesia de Santa Eufémia

- CAPELA DA SR^a DA GLÓRIA

Freguesia de S. Miguel

- ERMIDA DE ST^o AMARO
- ERMIDA DA Sr^a DO MONTE
- ERMIDA DE N^a S^a DA CONCEIÇÃO
- ERMIDA DE ST^o ANTÓNIO

CONCELHO DA LOUSÃ

- IGREJA DE SÃO SILVESTRE (matriz da Lousã) situada em Lousã. Freguesia da Lousã, concelho da Lousã.

- IGREJA E CASA DA MISERICÓRDIA, situadas na Lousã. Freguesia da Lousã, concelho da Lousã.

- CAPELA DE SANTA RITA, situada no lugar de Fiscal. Freguesia de Vilarinho, concelho da Lousã.

- SANTUÁRIO DA SENHORA DA PIEDADE (ermidas do Senhor dos Aflitos, de São João, do Senhor da Agonia e de Nossa Senhora da Piedade) situados no Penhasco das Ermidas, na serra da Lousã. Freguesia da Lousã, concelho da Lousã.

CONCELHO DE VILA NOVA DE POIARES:

- CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES, situada em Vila Nova de poiares. Freguesia de Vila Nova de Poiares, concelho de Vila Nova de Poiares. É um centro de peregrinação, associada às festas em honra da padroeira de Poiares, Nossa Senhora das Necessidades, realizadas no segundo domingo de Agosto.

- IGREJA DE SANTO ANDRÉ (matriz de Vila Nova de Poiares), situada em Vila Nova de Poiares, concelho de Vila Nova de Poiares.

- IGREJA DE ST^a MARIA (matriz), Freguesia de Arrifana.

- IGREJA DE S. JOSÉ, Freguesia de Lavegadas.

- CAPELA DE ST^o ANTÓNIO, Freguesia de Lavegadas.

- CAPELA DE S. PEDRO, Freguesia de Lavegadas.

- IGREJA DE SÃO MARTINHO (matriz de São Martinho da Cortiça), situada em São Martinho da Cortiça, Freguesia de São Martinho da Cortiça, concelho de Arganil.
- IGREJA DE SÃO SALVADOR (matriz de Pombeiro da Beira) situada em Pombeiro da Beira, Freguesia de Pombeiro da Beira, concelho de Arganil.
- SANTUÁRIO DE SANTA QUITÉRIA situado na serra de Santa Quitéria, perto de Pombeiro da Beira, Freguesia de Pombeiro da Beira, concelho de Arganil. Localiza-se na encosta da serra do Salgueiral, que no tempo dos romanos se denominava Monte Columbino, a 3km de Pombeiro da Beira, e data dos séculos XVI ó XVII, tendo substituído uma capela primitiva que se situava no alto da serra (chamam a esse local ã Padieira da Santaõ.) Em virtude das tempestades que a danificavam, tiveram de a transportar para o local actual, denominado ã Souto Seco ã. Segundo a lenda, foi aqui que se deu o martírio de Santa Quitéria e suas oito irmãs. A 1 de Novembro realiza-se aqui a feira e romaria de Santa Quitéria, e, num domingo próximo de 8 de Junho, uma procissão.
- CAPELA DE STº ANTÓNIO, Freguesia de Pombeiro da Beira, concelho de Arganil.
- CAPELA DA SRª DO LOUREIRO, Freguesia de Pombeiro da Beira, concelho de Arganil.
- CAPELA DA RAINHA SANTA ISABEL, Freguesia de Pombeiro da Beira, concelho de Arganil.
- CAPELA DE STº AMARO, Freguesia de São Martinho da Cortiça, concelho de Arganil.
- CAPELA DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO, Freguesia de São Martinho da Cortiça, concelho de Arganil.
- CAPELA DE Nª Sª DAS NEVES, Freguesia de S. Martinho da Cortiça, concelho de Arganil.

CONCELHO DE SOURE:

- IGREJA DE SÃO GABRIEL (matriz de Granja do Ulmeiro), Freguesia de Granja do Ulmeiro, concelho de Soure.
- IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO (matriz de Alfarelos), situada em Alfarelos, Freguesia de Alfarelos, concelho de Soure.
- IGREJA DA MISERICÓRDIA, situada em Vila Nova de Anços, concelho de Soure.
- IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO (matriz de Samuel), situada em Samuel, Freguesia de Samuel, concelho de Soure.
- IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (matriz de Gesteira), situada em Gesteira, Freguesia de Gesteira, concelho de Soure.

CAPELA DE S. FRANCISCO, situada na parte norte de
de Soure.

- CAPELA DE NOSSA SENHORA DO TERÇO, situada em Soure, Freguesia de Soure.
- IGREJA DA MISERICÓRDIA, situada em Soure, Freguesia de Soure.
- IGREJA DE SÃO TIAGO (matriz de Soure), situada em Soure, Freguesia de Soure.
- CAPELA DE SANTO ILDEFONSO, situada perto do cemitério de Soure, Freguesia de Soure.

Freguesia de Alfarelos:

- CAPELA DO SR. DOS AFLITOS
- CAPELA DE S. PEDRO

Freguesia de Brunhós:

- IGREJA DE N^a S^a DA CONCEIÇÃO (matriz)
- CAPELA DE N^a S^a DO AMPARO

Freguesia de Figueiró do Campo:

CAPELA DE S. PEDRO

Freguesia da Gesteira:

- CAPELA DE N^a S^a DAS NEVES
- CAPELA DE ST^o ANTÓNIO
- CAPELA DE ST^o ISIDRO
- CAPELA DE S. BENTO

Freguesia de Granja do Ulmeiro:

- CAPELA DE N^a S^a DA VIDA
- CAPELA DE ST^a CLARA
- CAPELA DE S. GABRIEL

Freguesia de Samuel:

- CAPELA DE S. JOÃO

Freguesia de Soure:

- CAPELA DE NOSSA SENHORA DO BOM SUCESSO
- CAPELA DE N^a S^a DAS NEVES
- CAPELA DE ST^o ANTÓNIO
- CAPELA DE S. MATEUS

Freguesia de Vila Nova de Anços:

- IGREJA DE N^a S^a DA FINISTERRA (matriz)

Freguesia de Vinha da Rainha:

- IGREJA DE N^a S^a DA GRAÇA (matriz).

CONCELHO DE MONTEMOR-O-VELHO:

- IGREJA E CONVENTO DE N^a S^a DOS ANJOS (de agostinhos calçados), situados no Largo dos Anjos em Montemor-o-Velho, Freguesia de Montemor-o-Velho.
- CAPELA DE N^a S^a DO DESTERRO, situada em Montemor-o-Velho, Freguesia de Montemor-o-Velho.
- IGREJA DE ST^a MARIA DA ALCÁÇOVA (matriz anexa de Montemor-o-Velho), situada no castelo de Montemor-o-Velho, Freguesia de Montemor-o-Velho.
- ERMIDA DO MÁRTIR SANTO (OU DE SÃO SEBASTIÃO), situada em Montemor-o-Velho, Freguesia de Montemor-o-Velho.
- IGREJA DA MISERICÓRDIA, situada em Montemor-o-Velho, Freguesia de Montemor-o-Velho.
- IGREJA DE SÃO MARTINHO (matriz de Montemor-o-Velho), situada em Montemor-o-Velho, Freguesia de Montemor-o-Velho.

Freguesia de Abrunheira:

- IGREJA DE N^a S^a DA GRAÇA (matriz)
- IGREJA DE N^a S^a DO Ó
- CAPELA DE N^a S^a DA SAÚDE

Freguesia da Carapinheira:

- CAPELA DE ST^o ANTÓNIO

Freguesia da Ereira:

- CAPELA DA EREIRA

Freguesia de Montemor-o-Velho:

- CAPELA DE S.JOÃO
- CAPELA DE ST^o ANTÓNIO
- CAPELA DE S. JOÃO DO PRADO
- CAPELA DE St^o CRISTO DE QUINHENDROS
- CAPELA DE N^a S^a DA PIEDADE
- CAPELA DOS PASSOS
- CONVENTO DE S. MARCOS

Freguesia de St^o Varão:

iz)

Freguesia de Verride:

- IGREJA DE N^a S^a DA CONCEIÇÃO
- CAPELA DE S. SEBASTIÃO
- CAPELA DE St^o ANTÓNIO DO CARDAL

Freguesia de Vila Nova da Barca:

- IGREJA DE N^a S^a DA CONCEIÇÃO
- CAPELA DE SANTA ANA
- CAPELA DE SANTA LEOCÁDIA.

CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ

- IGREJA DE SÃO JULIÃO (matriz da Figueira da Foz), situada na Figueira da Foz. Freguesia de São Julião, concelho da Figueira da Foz.
- CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, situada na estrada da Figueira da Foz para o Cabo Mondego. Freguesia de Buarcos, concelho de Figueira da Foz.
- IGREJA DE SÃO PEDRO (matriz de Buarcos), situada em Buarcos. Freguesia de Buarcos, concelho de Figueira da Foz.
- IGREJA DA MISERICÓRDIA, situada no Largo da Misericórdia, em Buarcos. Freguesia de Buarcos, concelho de Figueira da Foz.
- CAPELA DA SENHORA DA ENCARNAÇÃO, situada no caminho da serra de Buarcos. Freguesia de Buarcos, concelho de Figueira da Foz.
- IGREJA E CONVENTO DE St^o ANTÓNIO (Hospital da Misericórdia), situados em Figueira da Foz. Freguesia de S. Julião, concelho de Figueira da Foz.

Freguesia de Buarcos:

- CAPELA DA Sr^a DA BOA VIAGEM

Freguesia de Quiaios:

- CAPELA DE St^o AMARO

Freguesia de S. Julião da Figueira da Foz:

- CAPELA DE S. PEDRO

Freguesia de Tavadede:

- IGREJA DE S. MARTINHO (matriz)

CONCELHO DE CANTANHEDE

Cantanhede), situada em Cantanhede.Freguesia de

- CAPELA DE SÃO MATEUS, situada no Largo de S. Mateus em Cantanhede. Freguesia de Cantanhede, concelho de Cantanhede.
- IGREJA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (actual Misericórdia) situada em Cantanhede. Freguesia de Cantanhede, concelho de Cantanhede.
- IGREJA DE S. JULIÃO (matriz de Portunhos), situada em Portunhos. Freguesia de Portunhos, concelho de Cantanhede.

CONCELHO DE PAMPILHOSA DA SERRA

- IGREJA MATRIZ DE PAMPILHOSA DA SERRA, situada na Freguesia de Pampilhosa da Serra, concelho de Pampilhosa da Serra.

Freguesia de Janeiro de Baixo:

- IGREJA PAROQUIAL

Freguesia do Cabril:

- IGREJA PAROQUIAL DE S. DOMINGOS

Freguesia de Dornelas do Zêzere:

- IGREJA PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DAS NEVES

Freguesia de Fajão:

- IGREJA PAROQUIAL

Freguesia de Machio:

- IGREJA PAROQUIAL

Freguesia de Pessegueiro:

- IGREJA PAROQUIAL

Freguesia de Portela do Fojo:

- IGREJA PAROQUIAL

Anexo 3:

Lista dos Mosteiros e Conventos do Estudo

| Nome | Local | Classificação | ZEP | Homologação | Zona | Património |
|---|---|---|------------------------------|---|--------------------------|--------------------|
| CONVENTO DE ALMIARA OU MOSTEIRO DE VERRIDE | Quinta de Almiara, Verride, Montemor-o-Velho. | Em vias de classificação | ZEP | Despacho de homologação de 3-09-2009 do Ministro da Cultura (em vigor após publicação no DR). | Zona ã non aedificandiõ. | Património Mundial |
| CONVENTO DO DESAGRAVO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO | Concelho de Oliveira do Hospital, em Vila Pouca da Beira. | Está em vias de classificação (com Despacho de Abertura). | ZEP | | Zona ã non aedificandi | Património Mundial |
| CONVENTO DE SANTA MARIA DE SEMIDE | Concelho de Miranda do Corvo, freguesia de Semide (EN, 171 | Classificado como IIP-Imóvel de Interesse Público | ZEP | | Zona ã nonaedicandiõ | Património Mundial |
| CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DE PENELA | Situado na R. do Convento, em Penela | É um monumento classificado como IIP-Imóvel de Interesse Público | Abrangido em ZEP ou ZP. | Despacho de homologação de 1-05-1982 do Secretário de Estado da Cultura; Despacho de homologação de 29-08-2007 da Ministra da Cultura | Zona ã non aedificandiõ. | Património Mundial |
| CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO | Vila Cova de Alva, Concelho de Arganil. | Em vias de classificação- (Homologado como IIP-Imóvel de Interesse Público) | ZEP; Abrangido em ZEP ou ZP. | Despacho de homologação de 23-10-2002 do Ministro da Cultura. | Zona ã non aedificandiõ. | Património Mundial |
| CONVENTO DE SÃO JORGE DE MILREUS | Concelho de Coimbra, freguesia de Castelo Viegas | Classificado como IIP-Imóvel de Interesse Público. | ZEP; Abrangido em ZEP ou ZP. | | Zona ã non aedificandiõ. | Património Mundial |
| CONVENTO DE SÃO MARCOS | Coimbra, na Quinta de S. Marcos | Classificado como MN-Monumento Nacional | ZEP; Abrangido em ZEP ou ZP. | | Zona ã non aedificandiõ. | Património Mundial |

| | | | | | | |
|---|--|---|---|--|--------------------------|--------------------|
| | de Celas | Classificado Nacional por Decreto de 16-06-1910, DG n° 136, de 23-06-1910. | Está É ZEP- Zona Especial de Protecção Está abrangido em ZEP ou ZP. | | Zona ã non aedificandiö. | Património Mundial |
| MOSTEIRO DO LORVÃO | Situado no Lorvão, a 7km de Penacova | Classificado como MN-Monumento Nacional por Decreto de 16-06-1910, DG, n° 136, de 23-06-1910. | ZEP; Abrangido em ZEP ou ZP. | | Zona ã non aedificandiö. | Património Mundial |
| MOSTEIRO DE SANTA CRUZ | Coimbra, na Praça 8 de Maio. | Classificado como MN-Monumento Nacional | ZEP- Zona Especial de Protecção, | | Zona ã non aedificandiö. | Património Mundial |
| MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE SEIÇA | Concelho da Figueira da Foz, Freguesia de Paião, em Seiça. | Monumento classificado como IIP- Imóvel de Interesse Público | ZEP; Abrangido em ZEP ou ZP. | | | |
| MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-NOVA | No alto de Santa Clara, em Coimbra | Classificado como MN-Monumento Nacional | ZEP; Abrangido em ZEP ou ZP. | Despacho de abertura (ampliação) de 6-02-2008 do Director do IGESPAR, I.P. | Zona ã non aedificandiö. | Património Mundial |
| MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA | Situado em Coimbra, R. das Parreiras, em Santa Clara | Monumento classificado como MN-Monumento Nacional | ZEP; Abrangido em ZEP ou ZP. | Despacho de abertura | Zona ã non aedificandiö. | Património Mundial |
| SANTUÁRIO DO SENHOR DA SERRA E ADRO ENVOLVENTE | Concelho de Miranda do Corvo, Freguesia de Semide | Em vias de Classificação | ZEP; Abrangido em ZEP ou ZP. | | Zona ã non aedificandiö. | Património Mundial |

Chefe da Divisão de Cultura, Museu, Biblioteca e Arquivos do Município da Figueira da Foz acerca do *Mosteiro de Santa Maria de Seça*.

1) Como caracteriza a oferta e futura previsão da programação turística do que existe para dar aos públicos?

A programação turística compete à empresa municipal Figueira Grande Turismo e não à Divisão de Cultura, desconhecendo se existe alguma programação turística que envolva este património.

Foi criada há 4 anos, pela Câmara Municipal da Figueira da Foz, uma rede de percursos pedestres que inclui a passagem pela Capela de Seça, próxima do Mosteiro, percursos esses neste momento explorados comercialmente pela empresa Sinergie.

2) Que tipo de protocolos e parcerias o Mosteiro tem neste momento e também de que forma tem contribuído para um melhor desempenho do sítio?

Não existem nem protocolos nem parcerias relativas ao Mosteiro de Seça entre a Câmara Municipal e outras entidades.

3) O Mosteiro tem um plano estratégico de desenvolvimento próprio ou com outros sítios?

Não existe nenhum plano estratégico de desenvolvimento relativo ao monumento.

4) Na sua opinião o que é que o Mosteiro, veio, vem ou virá contribuir para o turismo e o desenvolvimento local da cidade?

Dado o avançado estado de degradação não nos parece possível, a médio prazo, o seu contributo para o desenvolvimento turístico da região.

5) Atendendo ao Património Religioso/Cultural existente no concelho, quais as medidas que já adoptou ou vai adoptar para a divulgação dos monumentos?

Divulgação através do site www.figueiradigital.com, site da empresa municipal Figueira Grande Turismo (actualmente com conteúdos em actualização), folhetos de divulgação do património.

6) Como faz a ligação entre o Património Religioso e Cultural?

Dado o estado avançado de degradação do monumento não existe ligação prática entre o património religioso e cultural.

7) Existe uma relação entre a religião e a cultura? Como faz essa relação?

Não é equacionada com regularidade essa ligação, salvo nos casos em que é solicitado acompanhamento de obras e intervenções técnicas em património religioso,

ónio religioso edificado. Assinala-se, todavia, uma
ação com a Ordem Terceira de S. Francisco para a
criação de um pequeno núcleo museológico com o espólio daquela instituição.

8) *Quais as soluções para poder conseguir divulgar o Turismo Religioso? (através do Património)*

Criação de eventos e percursos turísticos com ampla ligação à Cultura e ao Património.

9) *Na sua opinião, existe Turismo Religioso no Distrito de Coimbra?*

Não

10) *Acha que o Turismo Religioso é um segmento de mercado em expansão?*

Não, até por causa das características de reduzida colaboração e do próprio envolvimento da Igreja Católica com as causas culturais, para além do conservadorismo das populações no que diz respeito à divulgação do património religioso.

11) *Qual é a evolução futura do Turismo Religioso na sua opinião?*

Sendo necessária uma ampla revolução nas mentalidades quer dos elementos da Igreja, quer nas próprias populações, não se afigura feliz a evolução futura.

12) *Acha pertinente a elaboração de uma rota culturo-religiosa para o distrito de Coimbra?*

Muito pertinente.

Obrigada.

1) Como caracteriza a oferta e futura previsão da programação turística do que existe para dar aos públicos?

Considero que a oferta é boa, dentro das condições que é possível oferecer ao público. Penso que se pode dinamizar mais a programação turística, através de acções que lhe dêem visibilidade, é o caso de concertos musicais e iniciativas como o Dia Mundial da Música, que se realizou no passado dia 1 de Outubro. Quando o órgão de tubos for restaurado e houver novo espaço museológico, os públicos terão muito a ganhar.

2) Que tipo de protocolos e parcerias tem neste momento o Mosteiro de Lorvão e também de que forma tem contribuído para um melhor desempenho do sítio?

Neste momento, há protocolos entre o IGESPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico), a DRCC (Direcção Regional da Cultura do Centro), a Igreja, a Junta de Freguesia e a Câmara Municipal de Penacôva. Considero que a conjugação de esforços destas entidades permitirá realizar mais este mosteiro e dar-lhe o lugar que merece no contexto da Cultura Portuguesa, permitindo um maior afluxo de visitantes a este mosteiro, com a sua maior divulgação.

3) O Mosteiro de Lorvão tem um plano estratégico de desenvolvimento próprio ou com outros sítios?

Neste momento, o Mosteiro está a ser objecto de requalificação a nível de escavações arqueológicas, dirigidas por arqueólogos da Direcção Regional de Cultura do Centro, às quais se seguirá o novo espaço museológico, a intervenção no claustro e o restauro do órgão dos tubos. Pelo meu lado, como guia deste mosteiro, procuro sensibilizar as pessoas para a importância de tudo o que é possível mostrar no monumento. Concluo dizendo que o Mosteiro de Lorvão não tem qualquer plano estratégico de desenvolvimento próprio ou com outros sítios e necessita de parcerias que se possam estabelecer com as entidades que friseina questão anterior.

4) Na sua opinião o que é que o Mosteiro de Lorvão, veio, vem ou virá contribuir para o turismo e o desenvolvimento local da cidade?

Na minha opinião, o Mosteiro é o grande foco de turismo cultural em Lorvão e no concelho de Penacôva em geral, sendo considerado a jóia do concelho. Há que rentabilizar o Mosteiro de Lorvão, através da venda de produtos a sí alusivos. O Mosteiro é um contributo inestimável para o desenvolvimento da Vila de Lorvão. Penso que pelo facto de ser um local visitado por turistas de vários países do Mundo, devia oferecer um local onde as pessoas pudessem permanecer ou um restaurante para ficar em Lorvão, pessoas que venham fora do horário de visitas do Mosteiro e possam aguardar a sua reabertura.

**Religioso/Cultural existente no concelho, quais as
tar para a divulgação dos monumentos?**

Há um forte contributo da Câmara Municipal de Penacôva, com a elaboração de folhetos ilustrados sobre o mosteiro e a realização de iniciativas de promoção cultural e turísticas no concelho de Penacôva, que em outras acções, permitiu divulgar o mosteiro e outros locais de interesse turístico-cultural do mesmo concelho.

6) Como faz a ligação entre o Património Religioso e Cultural?

Neste caso, existe uma profunda ligação entre o Património religioso e cultural, uma vez que o Mosteiro de Lorvão é um conjunto de grandes realizações culturais e artísticas, tanto a nível de pintura, arquitectura, ourivesaria, pratas, escultura, cerâmicas, mobiliário etc, que se realizam em contextos artístico-culturais e que floersceram em períodos de grande fervor religioso, quer no tempo em que foi mosteiro masculino, quer no feminino. Concluo que existe sim, uma profunda ligação entre cultura e fé neste Mosteiro.

7) Existe uma relação entre a religião e a cultura? Como faz essa relação?

Sim, no Mosteiro de Lorvão existe uma relação entre a religião e a cultura. Foi a religião Católica neste caso que levou à realização de grandes edifícios de grandes níveis culturais como o Mosteiro de Lorvão e muitos outros.

A fé religiosa impeliu o ser humano ao sonho de deitar grandes heranças culturais para as gerações vindouras como mosteiros, igrejas, catedrais, sinais de um tempo e de um espaço.

8) Quais as soluções para poder conseguir divulgar o Turismo Religioso? (através do Património)

Penso que neste aspecto, é de grande importância, o papel das Dioceses e das Igrejas Paroquiais na sua divulgação com a execução de Roteiros de Turismo Religioso e folhetos ilustrados sobre os vários locais de Turismo Religioso na Diocese. (Distrito de Coimbra).

9) Na sua opinião, existe Turismo Religioso no Distrito de Coimbra?

Penso que há muito a fazer em termos de turismo religioso no distrito de Coimbra.

10) Acha que o Turismo Religioso é um segmento de mercado em expansão?

Considero que o Turismo Religioso pode ser mais dinamizado pelas Paróquias e pela Diocese e Distrito de Coimbra, criando por exemplo, um site na internet sobre esses monumentos.

11) Qual é a evolução futura do Turismo Religioso na sua opinião?

Penso que o Turismo Religioso está a ter uma franca expansão, no sentido de ir melhorando.



PDF
Complete

Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

um roteiro culturo-religioso para o distrito de

Coimbra:

Acho indispensável que se elabore um roteiro desses, no Distrito de Coimbra, inclusive com o recurso às novas tecnologias de informação e à elaboração de um roteiro e folhetos ilustrados sobre os monumentos do Distrito de Coimbra.

Obrigada.

Livros e Publicações:

ABREU, Madalena, *Marketing Religioso: Fátima: Imagem e Posicionamento*, Coimbra: Quarteto, 2005.

ADTRC, *Plano Estratégico de Turismo das Beiras*, Coimbra: Associação para o Desenvolvimento da Região de Turismo do Centro, 2003.

AGUIRRE, Angel e al., *Cultura e Identidad Cultural* ó Barcelona. Edição Bardenas, 2007.

ALMEIDA, Álvaro Duarte de; BELO, Duarte, *Portugal Património*, Vol. I, Círculo de Leitores, Lisboa, 2006.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, *A História da Arte em Portugal- O Românico*, Lisboa, 2001.

ALMEIDA, Fernando António, *Mosteiro de Santa Maria de Semide reabilitação e requalificação*, in Monumentos, nº18, p. 123.

AMBRÓSIO, Vitor, *Fátima: Território especializado na recepção de turismo religioso*, Lisboa: Instituto Nacional de Formação Turística, Lisboa, 2000.

AMBRÓSIO, Vitor, *O Turismo Religioso* (Documento Electrónico), *Desenvolvimento das cidades santuário*, Lisboa: (s.n), 2006.

ANACLETO, Regina, *Arganil*, Lisboa, 1996.

ANDRÉ, Marién, coordinador Josep Font Sentias, *Casos de turismo cultural: de la planificación estratégica a la gestión del producto*, Barcelona: Editorial Ariel, 2004.

BALGARTS, Joseph, *Património Histórico e Arqueológico: valor y uso*, Barcelona, Ariel Patrimonio Histórico, 1997

BAPTISTA, Mário, *O Turismo na Economia. Uma abordagem técnica, económica, social e cultural*, Lisboa : Instituto Nacional de Formação Turística, 1990.

BARETJE, R., *Tourisme, Religion, Pastorale : Essai Bibliographique*, Centre des études Touristiques, Aix en Provence, 1985.

BAUER, Michel, *Tourisme Religieux ou touristes en milieu religieux. Esquisse d'une typologie*, Les Cahiers Espaces, Paris, 1993, nº 30: 24-37.

BILÉ, Pedro Miguel Marques Lopes, *O fenómeno religioso no mundo contemporâneo*, Coimbra: P.M.M.L, 2005

BORGES, Nelson Correia, *õ Arte Monástica em Lorvão, sombras e realidadeö*, Lisboa, 2002.

a Região, Lisboa, 1987.

CABRAL, Manuel Vilaverde, VALA, Jorge, PAIS, José Machado, RAMOS, Alice (2000) -*Atitudes e Práticas Religiosas dos Portugueses*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 79pp.

CALIMÉ, Pierre (1997). *Rome, les pèlerinages, les jubilés*, Téoros, Montréal, vol 16 (2): 10-13.

CARMO, Hermano (1999) *Desenvolvimento Comunitário*. Lisboa: Universidade Aberta.

CARVALHO, Paulo, *Património cultural, ordenamento e desenvolvimento: uma nova visão e valorização do território*, cadernos de geografia, Coimbra, Instituto de estudos geográficos, 2007, n.º.22 e 23, pag.121-137

CHOAY, Françoise, *Alegoria do Património*, São Paulo: UNSP, 2001.

COHEN, E., "Pilgrimage and Tourism: Convergence and Divergence", in *Journeys to Sacred Places*, E.A, Morinis, ed. Westport, Greenwood Press, 1971.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira, *Lazer e turismo em busca de uma sociedade sustentável*, in *Turismo com ética*, Fortaleza: UECE, 1998, v.1, p.110-121

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira, *Os Limites do Desenvolvimento e do Turismo*, Pasos, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, junio, año/vol.1, número 002, Universidad de La Laguna, La Laguna, España, p.161.171

CORTE-REAL, Artur, *O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra, Do Convento à ruína, da ruína à contemporaneidade*, IGESPAR, IP, Lisboa, 2008.

CORREIA, Vergilio, *Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Coimbra*, Lisboa, 1952, p. 155

COSTA, Jorge; RITA, Paulo, ÁGUAS Paulo *Tendências internacionais em turismo*. Lidel, Lisboa, 2001.

COUTO, Joaquim Leitão, *Município de Penacova-A Rota dos Moinhos e os Espaços de Lazer nos Rios*, Câmara Municipal de Penacova, 2005.

CTP, *Reinventando o Turismo em Portugal*, Lisboa: Edição Confederação do Turismo Português, 2005.

CUNHA, Licínio, *Economia e Política do Turismo*, Amadora: Editora McGraw-Hill, 1997.

CUNHA, Licínio, *Introdução ao turismo*, Verbo, Lisboa, 2001.

ção, *Diversidade e Valores Culturais : conceitos
ania* », Revista de Estudos da Religião, nº2, p.1-14
in www.pucsp.br/revel/v2_2004/p_silva.pdf.

DA SILVEIRA, Emerson J. Sena, « *Turismo Religioso e Popular? Entre a Ambigüidade conceitual e as oportunidades de mercado.* », Revista de Antropologia Experimental, número 4, 2004 in <http://www.geografia.ufr.br>

DE SOUSA, D., *Tourism as a Religious Issue: a thirst world perspective*, Contours, 1988.

DIAS, Pedro, *Coimbra, Guia para uma visita*, Coimbra, 2002, p. 99-106 in www.presidencia.pt/.../mosteiro_de_Santa_Cruz_de_Coimbra.pdf

DIAS, Pedro, *õ Mateus Rodrigues, mestre construtor do Mosteiro de Seiçãõ*, in Mundo da Artew, 2ª série, Janeiro-Março, 1990.

DIAS, Pedro, *A arquitectura de Coimbra na transição do Gótico para a Renascença*, Coimbra, 1982.

DIAS, Pedro, *Coimbra, Arte e História*, Coimbra, 1988.

DU CLUZEAU, Claude Origet, *Le Tourisme Culturel*, Paris : PUF, 2000.

DUMAZEDIER, Joffre, *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DUMAZEDIER, Joffre, *Vers une Civilisation de Loisir ?*, Paris: Editions du Seuil, cop. 1962.

DUMAZEDIER, Joffre, Maurice Imbert, avec la collaboration de Jean Duminy et Claire Guinchat, *Espace et loisir dans la société française d'aujourd'hui et de demain*, Paris : Centre de Recherche d'Urbanisme, 1967. 2 Vol : il.

DUMAZEDIER, Joffre, *Lazer-problema social*, Lisboa: Secretaria de Estado dos Desportos e Acção Social Escolar. Direcção-Geral dos Desportos, 1975 [

FALCÃO, José António, *Igrejas Históricas do Turismo Cultural*, Lisboa, 2001

FERNANDES, Florestan (1993) *Comunidade e Sociedade*. São Paulo: Nacional

FERREIRA, Carlos Cardoso, *Portugal, destino turístico da população idosa europeia*, Lisboa: Instituto de Turismo de Portugal, 2006.

FERREIRA, Jorge A. B. *ó Direito do Património Histórico-Cultural. Cartas, Convenções e Recomendações Internacionais. Actos Comunitários*, CEFA, Coimbra 1998.

FERREIRA, Maria Cristina; MALHEIROS, J. Macaísta, (1991) *O Território: Da Geografia para as Restantes Ciências Sociais?* in Actas do I Congresso de Geografia Portuguesa- Portugal: Uma Geografia em mudança, Lisboa: Associação Portuguesa de Geógrafos, pp.33-48.

FORTADO, CEISO (1974) *O mito do desenvolvimento económico*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GARRICOS, Rosa Camillo, *La gestión y el gestor del patrimonio cultural*, Múrcia, Editorial KR, 1998

GÓIS, A. Correia, *Concelho de Montemor-o-Velho. A terra e a gente*, Montemor-o-Velho, 1995, p. 79-80.

GOMES, Rosa Cláudia Vieira, *Turismo Cultural e Interpretação ó Uma estratégia para a dinamização dos patrimónios*, Ágora Propostas Culturais.

GOMES, Saul António, *A Importância social do património religioso*, Coimbra: Biblos, 2008.

GONÇALVES, António Nogueira, CORREIA, Vergílio, *õ Inventário Artístico de Portugal- Distrito de Coimbra*, Lisboa, 1947.

GUEDES, Guta Moura, *Portugal e o turismo cultural*, in http://dn.sapo.pt/inicio/opiniaio/Interior.aspx?content_id=1266958&seccao=Convidados de 19 Junho 2009

GUERRA, Luciano, *O Turismo Religioso no Mundo de Amanhã*, Lisboa: Instituto de Novas Profissões. Gabinete de Estudos Turísticos, cop., 1989.

HENRIQUES, Cláudia, *Turismo, Cidade e Cultura: planeamento e gestão sustentável*, Lisboa, Edições Sílabo 2003.

ICEP, *Turismo*, Lisboa: ICEP, 2004.

KOTLER, P. *Marketing-Edição Compacta*, São Paulo: Edição Atalas, 1989.

KOTLER, P. *Princípios de Marketing*, 7ª edição, Lisboa, Editora SA, 1995.

LACOSTE, Yves, *Dicionário de Geografia*, Lisboa: Teorema, 2003.

MOREIRA, Carla Diogo, *Identidade e diferença. Os desafios do pluralismo cultural*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Humanas, 1996

MELO, Maria Teresa Osório de, *Subsídio para a História do Mosteiro Beneditino de Semide*, Coimbra: Minerva, 1992.

MUNNÉ, Fredric. (1980) *Psicosociologia del Tiempo Libre: un enfoque crítico*. Edição Trillas, México

NEVES, António Nunes Da Costa, *õ Igreja Matriz e Capelas da freguesia de S.João de Areias* in *Beira Alta*, vol.59, nº1 e 2, p.160, Assembleia Distrital de Viseu, Viseu

OLSEN, Daniel H. and Timothy, *Tourism and Spiritual Journeys*, London: Routledge, 2006.

OMT (2001), *Cultural Heritage and Tourism Development, A report on the International conference on Cultural Tourism*, Madrid, pp.85-102.

OMT (2004), *Tourism Market Trends 2003 Edition: world overview and tourism Topics*, WTO, Madrid.

PANÃO, Edgard, *Roteiro Religioso e Cultural do Concelho de Oliveira do Bairro*, 1ªed., Oliveira do BAIRRO: Câmara Municipal, 1999.

PARK, Chris C. (1994) - *Sacred worlds- An Introduction to Geography and Religion*, London: Routledge, 332 pp.

PEREIRA, José Fernandes, *õ Cister a arquitectura e a cultura artística na época modernaõ, Arte de Cister em Portugal e Galiza* (Catálogo da exposição), pp. 230-279, Lisboa, 1998.

PEREIRA, Paulo, *A Arquitectura (1250-1450)*, História da Arte Portuguesa, dir. Paulo Pereira, Vol. I, pp.335-433, Lisboa, 1995.

PÉREZ, Xerardo Pereiro, *Turismo Cultural- Uma visão antropológica*, Colección Pasos Edita, nº2, El Sauzal (Tenerife. España, 2009

PIRES, Mário Jorge, *Lazer e Turismo Cultural*, Barueri, SP: Manole, 2002.

REA, Manuel Luis, *O Românico português na perspectiva das relações internacionais, Românico em Portugal e na Galiza*, pp. 30-48, Lisboa, 2001.

RICHARDS, Greg, *Cultural Tourism in Europe*, Wallingford: CAB International, 1997.

RICHARDS, Greg, (s.d), *Nuevos caminos para el turismo cultural?*, Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS), Observatorio Interarts, Barcelona.

RODRIGUES, Cátia, Duarte Liliana, Domingos Marta, *Desenvolver a Inovação Potenciando Alternativas ó Operador Turístico*. Seia: Escola Superior de Turismo e Telecomunicações de Seia, Instituto Politécnico da Guarda, 2006.

ROSENDAHL, Zeny, *Hierópolis: O Sagrado e o Urbano*, 2ª edição, Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

ROSSA, Walter, GOMES, Paulo Varela, *A rotunda de Santa Maria de Celas: um caso tipológico singular, Arte e Arquitectura nas Abadias Cistercienses nos séculos XVI, XVII e XVIII*, 1994, p. 197-223, Lisboa, 2000.

SANTOS, Maria da Graça Mouga Poças, *Espiritualidade, Turismo e Território, Estudo Geográfico de Fátima*, Lisboa: Principia, 2006.

Estudos Teológicos, *A transmissão do Património Cultural e Religioso*, Faculdade de Teologia de Lisboa, Prior Velho: Paulinas, cop.2005.

SANTOS, Norberto e Fernanda Cravidão, *Geografia Física e Turismo. De uma convivência escondida a uma relação assumida*. VI Seminário Latino-americano de Geografia Física, II Seminário Ibero-Americano de Geografia Física, Coimbra, 2010. (no prelo)

SCHIAVO, Luigi, *Fé e Desafio cultural*, in [www.agata.ucg.br/.../ARTIGOS-FeDesafioCultural_Schiavo\(2\).Luigo.pdf](http://www.agata.ucg.br/.../ARTIGOS-FeDesafioCultural_Schiavo(2).Luigo.pdf)

SCHNEIDER, Otto, *Il punto di Vista degli Operatori Tedeschi: Riflessioni*. ITINERA-Borsa Mondiale del Turismo Religioso, Ravenna, 1992, 11p. (policop.).

SEMANA DE ESTUDOS TEOLÓGICOS, Lisboa 2003, *A transmissão do património cultural e religioso*, Faculdade de Teologia, Prior Velho: Paulinas, cop. 2005

SILVA, António José Marques da *O Mosteiro de Santa Maria de Semide, reabilitação e requalificação*, in Monumentos nº 18, pp.129-136.

SILVA, João Albino, *Áreas de Destino Turístico ó Introdução Metodológica à sua Avaliação e Desenvolvimento em Serviços de Desenvolvimento numa Região em Mudança*. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro, 1993.

SILVA, José Manuel Azevedo, *O Mosteiro de Celas de Coimbra*, Coimbra: (s.n), 1986.

SIMÕES, J.M. dos Santos, *õ Azulejaria em Portugal no século XVIII*, Lisboa, 1979.

SOARES, Priscila, *Economia Alternativa e Solidária, a rede para o desenvolvimento local*. N.º 9/10, Faro: Associação IN LOCO, 1993.

SOJA, Edward W. (1993) *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria sócio-crítica*, Edições Zahar, Rio de Janeiro.

TALAVERA, Agustín Santana, *Turismo cultural, culturas turísticas*, Universidad de La Laguna ó España in www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=es.

VÁSQUEZ, Barquero, *Desarrollo local y dinámico regionalõ Economía y política en España ante la Europa del s. XXI*, MELLA, J.M (Coord.), Akal, Madrid.

VUKONIC, Boris, *Tourism and Religion*, Oxford: Pergamon, 1996.

- Declaração da PP Cult, *o Património como Valor estratégico e oportunidade nacional*, 16 de Outubro, 2008, in

<http://www.icom-portugal.org/multimedia/Declara%C3%A7%C3%A3o%20da%20PP-CULT.pdf>.

www.unesco.pt
www.dgturismo.pt (Direcção Geral do Turismo)
www.turismo-centro.pt
www.turismodecoimbra.pt
www.regiao centro.net
www.eurostat.com
www.igespar.pt
www.tabuleiros.org
www.cm-penacova.pt
www.cm-mirandodocorvo.pt
www.cm-montemorvelho.pt
www.cm-figfoz.pt
www.cm-penela.pt
www.cm-arganil.pt
www.cm-oliveiradohospital.pt
<http://ciid.leiria.pt>
www.santuario-fatima.pt/
www.rtleiriafatima.pt/site/frontoffice/default.aspx?Module=FilesSendPostal/FSPListagem&LANG=PT&IDWebMenu=633
www.planetware.com/map/coimbra-map-p-coi.htm
www.memmouriscas.blogs.sapo.pt
www.ideotario.com/
www.rfsaotiagolobao.com/
www.lavadeirasdosabugo.com/
www.flickr.com
http://pt.trekearth.com_www.jornallivre.com.br
<http://www.holambra.sp.gov.br>
<http://gssdcrmiro.no.sapo.pt/>
<http://www.lifecooler.com>
<http://escapadelas.com>
<http://veraki.pt>